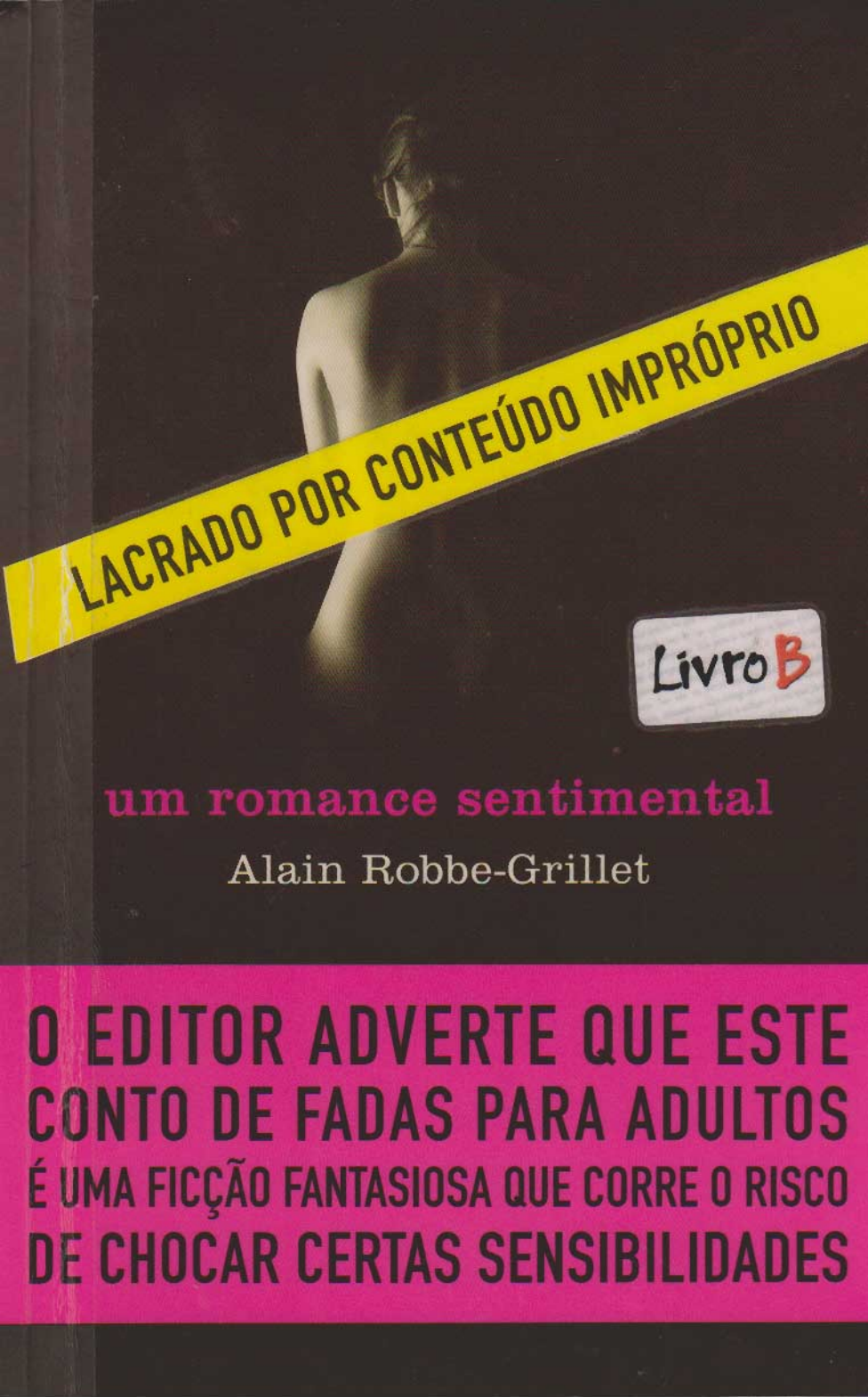




LACRADO POR CONTEÚDO IMPRÓPRIO

Livro **B**

um romance sentimental

Alain Robbe-Grillet

**O EDITOR ADVERTE QUE ESTE
CONTO DE FADAS PARA ADULTOS
É UMA FICÇÃO FANTASIOSA QUE CORRE O RISCO
DE CHOCAR CERTAS SENSIBILIDADES**



Em outubro de 2007, uma bomba explodiu no meio editorial francês. Aos 85 anos, o “papa” do Nouveau Roman, Alain Robbe-Grillet, publicou sua nova obra, cuja edição francesa chegou às livrarias lacrada e com as páginas parcialmente coladas, tendo em destaque, na capa, uma etiqueta de advertência ao leitor, com a qual os editores brasileiros fazem coro: “risco de chocar certas sensibilidades.”

Um romance sentimental conta a história da pequena Anne-Djinn, ou Gigi, que aos 14 anos recebe uma educação bastante peculiar do pai, com o qual divide a cama.

O genitor a obriga a ler em voz alta – e nua – textos eróticos do século XVIII. A fim de avaliar as lições, ele aplica pequenos testes à menina, que é castigada fisicamente em caso de erros.

O conto de fadas para adultos que Robbe-Grillet nos apresenta, desprovido de qualquer amarra moral, ganha ares ainda mais polêmicos quando o pai presenteia a filha com Odile, uma menina de 13 anos, que se tornará escrava dos desejos mais sádicos de Gigi.

Alain Robbe-Grillet

um romance sentimental

Tradução de
ANDRÉ TELLES



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Robbe-Grillet, Alain, 1922-2008
R545r Um romance sentimental / Alain Robbe-Grillet;
tradução André Telles. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

Tradução de: Un roman sentimental
ISBN 978-85-01-07819-3

1. Romance francês. I. Telles, André. II. Título.

08-0715 CDD – 843
CDU – 821.133.1-3

Título original francês:
UN ROMAN SENTIMENTAL

Copyright © Librairie Arthème Fayard, 2007

Composição de miolo: Glenda Rubinstein

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo
ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente
para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07819-3

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Caixa Postal 23.052

Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



1. À primeira vista, o lugar em que me encontro é neutro, branco por assim dizer; não de um branco reluzente, mas de um matiz indeciso, enganador, efêmero, completamente ausente também. Se houvesse diante de mim alguma coisa para ser vista, o seria sem problema sob essa iluminação uniforme, que não é nem excessiva nem avara, desprovida em última análise de toda adjetividade. Aliás, no seio deste espaço, reiterando sem convicção sua indiferença, não faz nem calor nem frio.
2. O único problema é, pensando bem, de natureza bem diferente: ignoro o que faço aqui, e por que vim, com que intenção consciente ou impul-

siva, se é que houve intenção num momento qualquer... Mas que momento? Talvez tenham me trazido à força, contra a minha vontade, até mesmo à minha revelia ou coisa do gênero. Estou na prisão por alguma perfídia, delito, crime ou, ao contrário, por engano, vítima de um lamentável erro de identificação?

3. O recinto parece cúbico, sem janela nem porta visível, sem móveis nem decoração. Estou imóvel, deitado de costas, as pernas esticadas, os braços repousando ao longo do corpo, o busto um tanto soerguido por uma inclinação a aproximadamente vinte graus do chassis (metálico?) do que deve ser um estrado baixinho, eventualmente suscetível de uma altura regulável, mais alto inclusive que o normal, articulado como o são os dos doentes nos hospitais. Estaria eu então voltando à vida numa clínica, cirúrgica ou outra qualquer? Passou pela minha cabeça que pudesse tratar-se de fato de um instituto médico-legal, para o qual meu corpo sem vida fora transportado após um acidente.
4. Entretanto, alguma coisa logo me impede de acreditar nessa hipótese: se eu estivesse morto, e

sobretudo exposto desse jeito, na atmosfera gelada de uma câmara funerária, sentiria o frio pouco a pouco me tomar. Ao passo que tenho a sensação inversa de uma tepidez de alcova que vai aumentando até atingir um calor com exalações de floresta tropical, cujas lufadas úmidas e pesadas me assediam, desorientam, invadem. No meu torpor, julgo ver mover-se a luz difusa das paredes que me cercam, como se o sol peneirado pela folhagem de árvores imensas, povoadas lá em cima por um rumor aveludado, chegasse ao solo (e a mim) sob a forma de uma bruma de partículas sem contorno preciso, sem direção, sem plano.

5. Na direção da parede do fundo, aquela pela qual meus olhos enlanguescidos erram com mais facilidade, distingo, no primeiro plano de um desenho cuja evidência confirma-se rapidamente, perspectiva florestal com troncos verticais e retilíneos, uma espécie de piscina de água tão clara que se torna quase imaterial, extensão oblonga de uma nascente cristalina, tão profunda quanto uma banheira ou até mais, entre rochas cinzentas de formas arredondadas, suaves ao toque, acolhedoras. Uma moça está sentada ali, sobre a pedra

polida pela erosão que representa para ela um banquinho ideal ao nível da água, onde suas pernas compridas brincam com abandono nos remansos de reflexos azuis da amável ninfa, tão natural quanto pitoresca, cuja temperatura deve ser idêntica à do ar ambiente, bem como à das seduçãoes femininas que, por sua vez, ondulam, liquefeitas, acima do espelho movediço de frêmitos imprevistos.

6. A banhista acha-se de tal maneira em seu elemento, quente, acariciante, licoroso, que ali permanece nua e sem constrangimento. Adolescente recém-desabrochada, é bonita, bem feita de corpo, e suas carnes são de tal forma brancas, tão distantes do âmbar esperado numa nativa cuja beleza selvagem, cor de caramelo queimado, e gestos nervosos combinassem com a paisagem aparente de onde ela emerge, aparição láctea tão implausível que a julgaríamos antes num banheiro do norte da Europa, climatizado segundo o registro delicado das saunas e forrado com um papel de parede estampado de cenário equatorial.
7. A menina, relaxadamente ocupada com sua toalete, mantém os dois braços levantados de am-

bos os lados do rosto. Está em vias de tirar um roupão atoalhado branco, que lhe cinge a cabeça como uma espécie de touca, libertando de maneira progressiva uma cabeleira com cachos de ouro esmaecido, que caem nos ombros, a qual ela sacode com agilidade para reorganizar as mechas flexíveis, erguendo no fim olhos azuis afins com sua carnação de bela criança loura, inocente e frágil. Terá ela baixado por um instante as pálpebras em minha direção, por um curto instante?

8. Mas ouve-se então uma voz de homem chamando do lado de fora, muito próxima, imperiosa: “Angine!”, ou mais exatamente “Ann-Djinn”, numa pronúncia vagamente anglo-saxã que evita em todo caso a confusão desagradável com uma dor de garganta oriunda de regiões mais frias. Trata-se, segundo toda probabilidade, do prenome da banhista, pois esta, com o roupão ainda nas mãos, ergue o rosto, que volta para a parede da direita com vivacidade. Poderia ser seu pai, ou algum outro parente de idade madura, que, de um cômodo vizinho, ordena-lhe num tom sem réplica que venha juntar-se a ele. A jovem aliás não demora a obedecer.

9. O recinto ao lado seria uma espécie de biblioteca de dimensões bem reduzidas, cujas paredes, inteiramente ocupadas por prateleiras tradicionais de madeira escura, oferecem, portanto, vários milhares de volumes, encadernados ou não, arrumados, tudo indica, com rigor. O homem que supomos ser o pai se levanta e fica de pé diante de um púlpito, uma das mãos colocada sobre o livro que mantém aberto. Sua outra mão segura à sua frente uma batuta ameaçadora que lembra a dos maestros, um pouco mais comprida talvez e mais flexível. Na força da idade (quando muito 40 anos) e de grande estatura, sua expressão severa acentua o aspecto intransigente de um aposento de trabalho que poderia ser igualmente, em outras circunstâncias, com seu divã de repouso, suas almofadas e seus pufes, um lugar de descanso, de meditação, de solidão metafísica, ou até mesmo uma alcova pouco austera.
10. O olhar autoritário do personagem, de inquietante acuidade, fixa de fato à sua frente não seu livro em vias de leitura, mas, além, por cima do púlpito, a jovem Ann-Djinn, que agora se acha ajoelhada, a cerca de dois metros, num genuflectório de madeira negra esculpida, guarnecido

com estofos de veludo vermelho macio onde afunda apenas seu joelho esquerdo, o outro repousando no chão, mais baixo ao lado, o que abre amplamente as pernas flexionadas da atraente comungante num meneio sensual. Mas ela não está mais toda nua, felizmente, pois esse recinto menos aquecido que o banheiro não se prestaria a isso sem um claro desconforto.

11. Em sua pressa de obedecer, ela vestiu então apenas o essencial da roupa prescrita, correspondente a seu atual papel de leitora: isto é, nenhuma roupa de baixo, um espartilho preto, com frufus de rendas que ressaltam seus jovens seios, cujo biquinho desponta, bem como a metade superior da aréola, revelando assim a pele de leite desde a curva dos quadris até a base em fuseau das coxas, onde as ligas plissadas, floridas com minúsculas rosas, retêm suas meias pretas de rede de malhas largas.
12. Busto soerguido, tronco arqueado que realça ainda mais o laçarote bastante justo do espartilho, segura nas duas mãos seu livro aberto, que reproduz exatamente o do professor que escolheu essa leitura vespéral. Atento tanto à prosódia

como às atitudes, ele vigia sem complacência sua obediente aluna, fazendo menção de castigar com um golpe seco de sua batuta o menor erro de texto, ritmo ou meramente de dicção. A adolescente está sem dúvida alguma habituada a esse exercício escolar com fins visivelmente educativos, pois um sorriso dócil (cúmplice ou produto de um paciente adestramento?) move-se incessantemente em seu rostinho, ao passo que delicados movimentos do corpo acentuam suas linhas frementes, mas com pudor e discrição.

13. Por seus muxoxos convenientemente envergonhados, sua falsa inocência, as passagens murmuradas em voz mais baixa, como pedindo desculpas pela indecência que não obstante é obrigada a pronunciar claramente, presume-se que Ann-Djinn, mais conhecida como Gigi, diminutivo que data de quando era criança, deve, esta noite, ler para seu pai um trecho de literatura erótica, mais ou menos escabroso, talvez um romance obsceno do século XVIII cuja descoberta ela empreende a cada dia. E é também na aceitação total de uma boa aluna desejosa de aprender, aperfeiçoar-se, corrigir seus erros que a estudiosa noviça sofre, como conclusão inelutável, a merecida punição de praxe.

14. O pai de família escrupuloso, que se aproximou do genuflexório em cujo apoio de veludo Gigi, ainda na mesma posição e com o mesmo aspecto, apóia agora seus dois antebraços, faz a dócil culpada arrependida repetir cada uma das frases em que tropeçou, seja porque não respeitou as breves pausas desiguais marcadas pela pontuação, seja porque um efeito precioso, incomum, ou um termo particularmente escandaloso saiu de forma difícil e pouco harmoniosa de sua boca, ou ainda porque uma atitude inadequada acompanhou algum subentendido licencioso, crueldade sexual ou prática repulsiva...
15. E a cada repetição ela recebe uma nova vergastada nas nádegas, até conseguir a correta expressão dos trechos numa pronúncia perfeita, fluente, musical, passagens delituosas que agora ela sabe de cor, sempre comovedoras sob o efeito de sua tenra voz de acentos juvenis. Longe de se furtar à temível batuta, que seu pai maneja com habilidade dividindo artisticamente as linhas prateadas sobre os dois globos de madrepérola, Gigi arqueia cada vez mais suas costas laceradas, logo vindo a chorar sem barulho sobre suas faces róseas, um lábio com a borda carnuda, um queixo

pouco saliente, as pesadas lágrimas infantis escorrendo finalmente sobre suas duas mãos postas, que se agarram ao apoio para melhor suportar os repetidos açoites da fina chibata, sem sobressalto de dor ou de revolta irrefletida.

16. Satisfeito com seu zelo de penitente, receando além disso comprometer seus dons naturais com excessivas exigências, a fim também de consolá-la com uma clemente absolvição de seus pecados, seu professor a beija paternalmente em sua boca oferecida, que se entreabre com confiança, úmida e doce. Em seguida, ergue sua vítima cujo choro já se apazigua num sorriso, ligeiro, ágil, apenas um pouco vacilante, agarrando-a com uma grande mão viril pelo pescoço delicado, e assim a leva até o bar-*fumoir*, saleta simpática destinada à degustação de charutos e drinques, onde ele quer lhe oferecer uma bebida reconfortante antes de ir dormir.
17. Menos rígido que durante a aula de leitura, o homem de olhar brilhante e soturno senta-se quase imediatamente, jogando-se para trás no fundo de uma grande poltrona de couro bege. Sem precisar lhe perguntar o que ele deseja, a menina dirige-se

incontinenti para trás do balcão de estanho esmaecido, pega sem hesitar e sucessivamente duas garrafas nas prateleiras que ocupam a parede, dois cubos de gelo no congelador, com os quais enche um *shaker* pela metade etc. A gueixa de leituras ousadas também aprendeu muito bem seu papel de *barmaid* de espartilho, pois dois minutos lhe bastam para apresentar respeitosamente, de joelhos por comodidade e segurando com as duas mãos sua bandeja bem horizontalmente, o coquetel favorito desse educador onipresente que continua a espreitá-la.

18. Contempla-a por um instante, numa espera imóvel a seus pés, faz-lhe um elogio mundano sobre sua pose de garçõete estilosa e seus trajes, apropriados e íntimos, de cortesã menor, sem esquecer de mencionar o efeito cerimonioso das múltiplas linhas rosa-choque, nítidas, entrecruzadas com arte, que lhe enfeitam as nádegas. Com efeito, intimando-a a se virar e revirar para admirá-las sob diversos ângulos, com a bandeja entre as mãos, antes de se ajoelhar à sua frente, realizou uma inspeção minuciosa, chegando a roçá-las com três dedos displicentes, verificando com prazer que os golpes desferidos com a preo-

cupação primordial de fazer sua deliciosa aluna de alcova sofrer, para vê-la desfazer-se em lágrimas no fim do suplício, a despeito de sua intrepidez, haviam deixado, além disso, da cintura até as coxas, riscas compridas bastante perceptíveis, e que assim permaneceriam horas a fio, sem todavia provocar equimoses feias nem edemas, nem cortes, que, decerto bastante agradáveis na hora, exigem cuidados farmacêuticos. Gigi abaixa os olhos e ruboriza ao receber os elogios, como é recomendado às senhoritas quando se trata de atitudes galantes, nus desejáveis e castigos sexuais.

19. Em seguida, o professor pega seu copo, saboreia-o em pequenos goles, aprova-o com um meneio da cabeça e o estende imediatamente à sua escrava improvisada, agora subitamente sua companheira, para que beba dele a quantidade que lhe aprouver. Para honrar esse privilégio, ainda ajoelhada comportadamente e com as coxas abertas, ela leva aos lábios o copo alto de cristal envolvido por suas duas mãos delicadas, erguendo os cotovelos abertos na horizontal num gesto de ritual arcaico. Religiosa a beber o veneno sagrado, revela assim em oferenda, acima do espartilho de pom-binha, duas axilas de quase invisível penugem

loura, que soam como um eco perturbador ao casto veludo pubiano com cachinhos dourados, mesmo assim bem exposto sob a arcada inferior do espartilho sem ligas, terminando apenas um tantinho mais abaixo que o contorno dos quadris com um babado de musselina preta.

20. Para melhor emoldurar o tenro objeto de desejo, duas pontas de renda caem desde esse babado vaporoso em direção à região superior das virilhas, de ambos os lados, até uma pesada bijuteria azul, combinando com a íris dos olhos, o que confere à adolescente o aspecto de uma pequena cigana de opereta. Quando julga que ela bebeu o suficiente para soltar a língua, seu mentor lhe pergunta se gostou do texto daquela noite. A leitora reconhece em primeiro lugar que achou as cenas de copulação submissas a normas conjugais antes tediosas, repetitivas, estragadas por inúteis termos crus, vulgares e mesmo repugnantes. O pai atento constata consigo mesmo que são justamente essas grosserias chocantes que justificaram as mais longas séries de vergastadas corretoras, deliciosas.

21. Sua pupila, em contrapartida, apreciou sobremaneira a grande festa de três dias e quatro noites em que um sultão vitorioso, exclusivamente pelo prazer de sua corte, manda torturar até a morte as novecentas raparigas entregues na véspera como tributo de guerra, virgens quase todas e selecionadas dentre as mais belas de uma rica cidade conquistada. A descrição precisa, objetiva, sem palavras supérfluas, dos estupros bárbaros e dos múltiplos suplícios infligidos a esses objetos de amor, de acordo com suas qualidades físicas, sua idade e o desenvolvimento de seus encantos femininos (a mais jovem acaba de fazer 9 anos, as mais velhas ainda não completaram 18), revelava-se, diz ela, apaixonada, variegada, muito instrutiva, sobretudo no caso das mais bonitas, submetidas a progressivas crueldades, que lhes provocavam intoleráveis sofrimentos no corpo inteiro mas as danificavam apenas gradativamente, as quais se prolongaram sem trégua durante vários dias antes de sua expiação.
22. O professor consciencioso, que não perde a oportunidade de expandir os conhecimentos de aluna tão bem-dotada, conta-lhe então que havia, em todos os suntuosos palácios das províncias

romanas, salas especialmente destinadas ao castigo das diversas categorias de culpados, o qual freqüentemente terminava com a morte: criadas desastradas, concubinas reticentes, prisioneiras excedentes, recém-casadas cujo esposo escrupuloso contestasse a virgindade intacta e, sobretudo, nessa época feliz, as incontáveis menininhas ou adolescentes mais ou menos púberes e formadas, convertidas à fé cristã, logo condenadas pelo imperador. Havia por fim tenras jovens às quais a família desejava dar sumiço sem razão confessável (rivalidades, ciúme, planos sórdidos de partilha ou de herança) e que julgava cômodo vender barato para diletantes em paixões criminosas.

23. Esse lugar da casa nada tinha de secreto, muito pelo contrário. Vasta sala situada no coração dos aposentos nobres, denominava-se *castigarium*, isto é, lugar das punições. Continha, por conseguinte, todo tipo de instrumentos de suplício (às vezes antigos ou exóticos), instalações espetaculares com roldanas, correntes e polias, máquinas gigantes com engrenagens tão complexas que os visitantes ansiavam por vê-las em ação. Também era conhecida como *fornax*, com a dupla etimo-

logia dos altos tetos abobadados, bem como do calor digno de um forno, produzido pelos braseiros em que incandesciam permanentemente as agulhas de aço, as tenazes (enormes ou bem finas, afiadas ou munidas de mandíbulas denteadas), as estacas de perfis e calibres diversos, as cadeiras de ferro com assentos delicadamente espiralados ou então com pontas eriçadas.

24. O espaço principal achava-se rodeado de quartos particulares, os *violaria*, nos quais eram confinadas jovens cristãs mais refinadas, esbeltas ou excitantes, à espera de seu próximo mártir. Pela religião que haviam escolhido contra nossas leis pagãs que as fadavam à castidade, elas deviam primeiro conhecer a decadência, reduzidas à condição de reles putas à mercê dos piores perversos, durante uma ou duas semanas de luxúria e defloração, recebendo todos os dias a visita dos hóspedes do palácio, que enriqueciam sempre seus estupros com humilhações e tormentos deliciosos, daí o nome *deliciæ* (que significa, entre outras coisas, caprichos, libertinagem, ou mesmo excessos voluptuosos) dado corriqueiramente às suas masmorras de prazer, que ofereciam aos convivas dos festins, além do leito comportando todas as argo-

las de contenção desejáveis, diversos ganchos móveis para suspender por um pé, pela cintura ou por um ombro, sem falar dos falos eretos, cruzeiros de madeira, cavaletes, golilhas etc.

25. O museu do Vaticano expõe atualmente imagens comoventes destinadas à edificação dos fiéis: uma criança de 12 anos com as nádegas protuberantes de joelhos perante um homem sentado que segura sua cabeça com ambas as mãos para que ela mantenha o pênis no fundo de sua boca durante a ejaculação, enquanto uma outra enfia-lhe um tição em brasa no ânus; uma menina mais velha, de encantos já desabrochados, igualmente de joelhos e com os braços amarrados na concavidade do dorso curvado, as coxas bem abertas e o busto soerguendo-se para trás, que um carrasco de membro descomunal sodomiza, enquanto um segundo lhe arranca a ponta dos seios. Ela levanta para os céus seus olhos em êxtase e todo o seu rosto angelical. Essas futuras santas estão totalmente nuas, como de praxe, mas os homens que as torturam usam túnicas brancas, bem corretas embora bem curtas, às vezes manchadas de sangue.

26. Todos esses sacrifícios redentores e muitos outros são listados nas obras de Apuleio, Tertuliano e Juvenal. A aluna assídua pergunta se aquelas he-tairas imodestas que exibem sua mácula são em seguida admitidas no Paraíso. Seu professor pensa que sim, provavelmente, uma vez que as fizeram sofrer tempo suficiente para a expiação de sua indecência. Após um silêncio de reflexão sobre esse grave tema, Gigi declara não ser justo. Seria mais normal que aquelas cadelas assassem no Inferno por toda a eternidade, ou até mesmo um pouco mais. A fim de debater isso com mais competência, ela gostaria de ler, ou melhor, ouvir alguém contar outras histórias de jovens beldades de encantos generosos, longamente supliciadas por sua religião, com todos os detalhes históricos sobre o que lhes fizeram e sobre o gozo carnal, supostamente místico, que sentem, segundo todos os cronistas sérios. Estimulada por uma leve embriaguez, a audaciosa neófita gostaria de saber, além disso, se uma virgem sodomizada contundentemente, seja à força, seja por espontânea vontade, ainda pode pretender-se virgem. Mas é chegada a hora de ir descansar no grande leito conjugal que a aluna divide com seu dileto pai, desde a morte misteriosa e prematura da mãe, quando ela tinha 4 anos.

27. Após esse drama incompreensível para ela, a garotinha despertava todas as noites berrando de terror. Tinha horríveis e recorrentes pesadelos, tão próximos um do outro que o doutor Müller, velho médico da família, recomendou a seguinte solução: que ela passasse a dormir o mais perto possível da tranqüilizadora proteção paterna. E Gigi, por conta própria, adquiriu o hábito animal de se colar toda contra o corpo quente e vigoroso que expulsava os demônios. Em sua puberdade, foram feitas diversas tentativas infrutíferas de lhe dar um quarto à parte. Mas a criança já grande não conseguia sequer cochilar. Completou então 15 anos continuando a passar a noite, não raro toda nua, no regaço de seus pais, isto é, na realidade, de seu pai, educador, senhor absoluto e pedagogo irrepreensível. Assim, o progresso de sua inteligência, de sua cultura, de sua excepcional sensibilidade foi fantasticamente rápido. E seu sono, embalado por doces sonhos.

28. Quando ela abre os olhos na manhã seguinte, já é dia há muito tempo, e o sol penetra pelas amplas sacadas que dão para o parque e cujas pesadas cortinas são mantidas abertas. Seu pai, vestindo um pijama preto bem largo, está deitado

junto a ela e a contempla. Está na posição plácida do rei Sardanápalo no quadro de Delacroix, que aliás lembra o tamanho imponente desse leito suntuoso: seu busto está soerguido por um monte de grossas almofadas sobre as quais se apóia um cotovelo, e ele acaricia a barba curta com ar sonhador. A moça diante dele acha-se inteiramente nua, como sempre durante os fortes calores estivais. Inclusive repeliu os lençóis para o pé da cama. Embora completamente acordada, não se mexe, sonhadora ela também, mas retesada de barriga para cima, os membros abertos em cruz de santo André, suas jovens carnes e encantos íntimos de mulher em flor expostos sem constrangimento algum.

29. Seu professor não pode senão admirar sem reservas sua perfeição e sua graça. Quanto à outra face, escondida nesse momento devido à sua posição, ele verificou, quando ela descansava de braços, 15 minutos antes, que os vestígios da batuta haviam quase desaparecido, sem intervenção de qualquer pomada balsâmica. Termina por perguntar: "Teve belos sonhos, guria preguiçosa?" Gigi responde sem pressa que na realidade acabava de emergir de uma série de episódios oníri-

cos, porém mais estranhos que belos... Estava sentada no assento do banheiro, nua em pêlo, mas com as mãos amarradas às costas. Um homem de preto debruçava-se sobre ela, o qual tinha os traços de seu pai com uma expressão mais sorridente, talvez zombadora. Embora estivesse bem claro, ele tinha na mão uma vela acesa que aproximava do seio como para melhor observar sua aréola granulosa. A chama estava na verdade tão próxima de sua carne que o bico róseo do mamilo se amarfanhava, começando rapidamente a pegar fogo. Ela sentia uma emoção intensa, mais próxima entretanto da surpresa ou do medo que de um sofrimento qualquer, e apenas dizia a meia-voz: “Não vê, pai, que estou em chamas?”

30. O martírio de Santa Gisela, no século II, em Colônia, evocado na véspera no *fumoir*, devia ter deixado aqui algum vestígio. E, ainda mais manifestamente, na seqüência do sonho, as virgens entregues ao sultão vencedor como tributo de guerra, das quais cerca de vinte haviam morrido esquartejadas: primeiro quebravam-se as pernas, progressivamente estiradas entre dois guinchos manuais e horizontais, ao mesmo tempo que con-

tinuavam a estuprá-las com membros cada vez mais monstruosos, humanos ou postiços, que as rasgavam da vagina até o útero, apenas em seguida arrancavam-lhes os braços. A sonâmbula, saindo do gabinete do banheiro ainda com a mesma vontade de urinar (um círculo de velas acesas a impedia de se sentar na tábua), voltara para um quarto solene, contíguo ao *fornax* segundo a tradição. E ali fazia realmente calor, mesmo sem véus.

31. Deitada no grande leito, braços e pernas esticados na esperança de se refrescar, havia agora três homens de preto em torno dela inspecionando em detalhe sua nudez vulnerável, trêmula de impotência e de apreensão. Discutiam entre si como médicos em conclave, fazendo gestos para apontar certas regiões de sua anatomia que eles apalpavam ou beliscavam entre o polegar e o indicador. Quando enfiaram seus dedos no interior da vulva, ela quis se debater, mas então percebeu que seus membros estavam incapacitados de se mexer, mantidos solidamente por quatro guinchos, nos quatro cantos da cama, que puxavam com uma força crescente correntes presas em seus pulsos e tornozelos por braceletes de couro preto.

32. Suas coxas abriam-se de uma maneira tão excessiva que a pele frágil rachava aqui e ali, na reentrância de um joelho, ao longo das virilhas, no períneo, e suas articulações começavam a se desconjuntar. Um clínico com aspecto preocupado molestava-lhe o clitóris, inchado pelas esfregações e o esmagamento. As sensações de dilaceramento e queimadura eram de natureza igual à do assento do banheiro, mas infinitamente mais violentas, irradiando-se em ondas agressivas por todo o corpo, estirado, iluminado, a ponto de desfalecer. Dois cavalheiros de preto afastaram sem cerimônia os lábios de seu sexo, enquanto um terceiro enfiava na fenda um objeto enorme e protuberante, que ela julgava ser uma estatueta da Santa Virgem que fica habitualmente na escrivaninha do velho doutor Müller. No paroxismo de um gozo pavoroso, começou repentinamente a fazer pipi, em esguichos espasmódicos.

33. Para começar, o iniciador de pijama preto congratula a aluna estuprada por ter tido a precaução de lembrar no calor da hora o desenrolar de seu sonho sacrificial, logo após a penetração final que a despertou. Soube assim narrá-lo numa ordem quase intacta, até mesmo em suas repetições

e contradições. Aliás, ele pode atestar seu desfecho feliz, cujas primícias acompanhou após a interrupção no real visível. O conjunto, segundo a regra, ocupou um tempo de relógio muito mais breve, desde as carícias furtivas da menina sobre seus brotos mamários, depois seus toques mais firmes na base da arcada do púbis, até o orgasmo completo, obedecendo a um procedimento masturbatório clássico, acerca do qual ele apenas ignorava que sua pequena prisioneira sob rigorosa vigilância o praticasse com tanto sucesso, seja porque tivera a experiência às escondidas e fora bem-sucedida (motivo pelo qual conviria puni-la severamente), seja na verdade porque acabasse de conhecer hoje uma grande estréia, que advém de fato freqüentemente durante o sono, tanto nos meninos quanto nas meninas.

34. Quanto ao líquido claro cujo jato ela viu brotar espasmodicamente sob seus minúsculos dedos enfiados na região superior da vulva, não pode tratar-se de uma incontinência urinária: Gigi, apalpando o lençol sob seu púbis, constatará sua mais que medíocre importância para uma pretensa necessidade de urinar por muito tempo re-freada. Essa miniejaculação transparente que

acompanha o gozo é um fenômeno conhecido dos sexólogos, e não é raro em determinadas adolescentes, graciosamente apelidadas de meninas-fontes. “Então você não tem direito”, concluiu ele, “a uma palmada extra por ter feito pipi na cama”. Deslumbrada com a seriedade imperturbável de seu pai, que vem em sonho fazê-la gozar de verdade pela primeira vez na vida, a aluna é tomada por um irresistível acesso de ternura: rola para ele e o beija no rosto inteiro. Ele se desvenilha com um gesto desajeitado. “De pé”, diz ele, “preguiçosa criança-puta cristã, e prepare o desjejum!”

35. Gigi, cuja educação é à moda antiga, baseada na submissão ao amo (patrão, amante ou marido), no respeito aos pais, nas tarefas domésticas diárias e nos castigos corporais sistemáticos, mesmo na ausência de erro caracterizado, estima além disso mais que normal ser a serviçal de um homem que zelou pessoalmente pela sua formação literária, científica e moral, sem contar os sólidos rudimentos de latim e grego, a prática do alemão e um bom conhecimento de filosofia, de Spinoza até Hegel e sua descendência, evitando-lhe assim tanto a escola pública obrigatória como

o internato religioso. Quanto aos “exames” incessantes do sistema paterno, que substituem vantajosamente todos os concursos e diplomas, seu caráter impudente, libertino, escancaradamente sexual, chocaria decerto muitos dos nossos psicólogos modernos. Entretanto, aqueles interrogatórios, provas e correções pouco decentes modelaram a carne prestes a despertar e o espírito de curiosidade da menina, que os enfrenta agora sem problemas, com fervor, gratidão, encantamento, mesmo sofrendo e chorando, a ponto de não conseguir mais prescindir deles, felicitando-se todos os dias por continuar em tão boa escola.

36. Ainda assim, seu inflexível diretor de consciência e libido, que por sua vez regozija-se com os resultados obtidos, prefere realizar sozinho certas tarefas do lar, não se sabe por que reservadas às mulheres: a preparação, por exemplo, das refeições ou lanches. A cozinha, que serve ao mesmo tempo de pequena sala de jantar, a grande estande reservada para os jantares festivos com convidados e cerimonial, é um cômodo bem claro, tanto de dia como à noite, com uma superfície não obstante não desprezível, com uma constante aragem evitando o excesso de calor ou umidade cau-

sado pelos fogões, a máquina de lavar, a água que ferve numa panela, a grelha de carvão de lenha, e expulsando assim os cheiros e fumaças. Aqui, Gigi está vestida apropriadamente.

37. Esta manhã ela ocupa uma cadeira de palha rústica, diante de uma mesa retangular onde colocou seu livro de aula, sobre uma toalha encerada estilo Jouy com motivos mitológicos. Envolvida numa espécie de *djellaba* bem ampla, azul-clara, com a gola displicentemente desabotoada deixando nu seu ombro de seda, ela repassa uma lição de oceanografia enquanto seu pai prepara ovos mexidos com pimentões vermelhos. Ela está com muita fome, depois daquela noite de iniciação amorosa. Pergunta: “Que significa exatamente a palavra ‘chanfradura’?” Sem largar a panela e as espátulas, o *chef* responde: “É uma enseada escavada pelo mar na praia, mas também o decote arredondado de um vestido, para oferecer à coíça do outro a carne apetitosa dos ombros e da garganta.” — “Que representa então essa raiz ‘chanfra’?” — “Alteração do latim *cancer*, que designa diversas espécies de crustáceos marinhos carnívoros, são em particular caranguejos que cortam com suas pinças, a fim de se alimentar,

certas regiões macias e especialmente saborosas do corpo das moças precipitadas do alto do penhasco, imolação tradicional para apaziguar o deus libidinal dos abismos. *Le Voyeur*, página 88 da edição completa.” — “E eu devoraria sem dificuldade uma codorna vivinha capturada no ninho”, murmura a criança faminta numa voz baixa, taciturna, interior.

38. Para guardar na memória essas preciosas referências que acaba de adquirir, a pequena aluna aplicada rabisca algumas anotações sucintas em seu caderno escolar. Mas o pai nutriz, que dá a última demão em sua receita cujo sabor se anuncia picante, sugere servir-lhe aquele almoço matinal ao ar livre, o calor tempestuoso anunciado não sendo ainda muito opressivo. “Que acha?” Ela responde com um bonito sorriso de aquiescência feliz. “Será como o senhor decidir”, diz, fechando seu livro após ter marcado a página com o marcador de fita, no qual projeta-se a ameaça de uma enorme onda imediatamente antes de rebentar. A pequena sala de jantar abre-se para um espaço externo do gênero pátio, que faz parte dela como uma dependência natural: um quadrilátero ao ar livre rodeado por uma galeria coberta, colunatas

com capitéis esculpidos sustentando uma sucessão de arcadas, à maneira dos claustros de convento. Porém, no lugar do tradicional jardimzinho geométrico, uma piscina de água corrente, de cerca de 12 metros por 8, ocupa toda a parte central. Peixes com listras vermelhas, amarelas e pretas brilham na água clara, pouco profunda, rompendo subitamente sua imobilidade monacal com rápidos deslocamentos em ziguezague. Uma das extremidades de seu domínio, onde a profundidade aumenta, oferece diversos tufo de plantas aquáticas submersas, de dimensões variáveis; ali, podem dormir sossegados, esconder-se, fazer amor, desovar, comer seus filhinhos etc.

39. Na outra extremidade, onde a altura líquida não ultrapassa dez centímetros, ergue-se à guisa de chafariz uma mãe adolescente cuja nudez de mármore branco está um pouco esverdeada em alguns lugares, o que acentua suas reentrâncias íntimas e relevos. Sentada numa pedra acima do lago fictício perdido na natureza, seus pés repousam entre os seixos arrendados da praia, ao passo que sua coxa acolhedora forma um suave apoio horizontal para a barriga achatada de uma menininha ajoelhada, nua em pêlo também, com as

pernas amplamente abertas para se sentir mais estável sobre o solo irregular (a água, particularmente baixa aqui, mal lhe cobre os tornozelos e panturrilhas), que, rosto erguido para a juvenil nutriz caridosa, alça-se para alcançar com a boca um seio generoso, quase esférico de tão inchado de leite, cujo bico ela chupa... Curiosamente, seus braços estão amarrados às costas, pobre ondina cativa, incapaz de se alimentar a si própria, que a jovem mamãe aleita discretamente.

40. Essa garotinha rigidamente algemada, de formas já carnudas, arqueia o dorso para esticar as nádegas para trás. Mas não é este, logo descobrimos, o verdadeiro objetivo de sua sedutora posição (adivinhamos o ânus e a vulva na ranhura). Na verdade, o que ela tenta claramente é liberar seu púbis, entre as coxas abertas ao máximo por receio de sujá-las. Pois ela está fazendo pipi, o poderoso jato espasmódico caindo na superfície da piscina num esguicho argentino de cachoeira. Interrogamo-nos evidentemente sobre o raro tema encenado por essa irrealista alegoria, a água urinada parecendo provir de uma transformação imediata do leite reconfortante bebido na mama. Tratar-se-ia de um episódio pouco conhecido das

lendas gregas ou germânicas? Que sentido lhe dão nas obras de referência? Quais seriam os laços que unem as duas amáveis ninfas? Estaríamos lidando com uma linhagem de fêmeas partenogênicas, que se alimentariam mutuamente no seio? Mas por que a mais jovem não está com as mãos livres? Talvez, evadida de uma cadeia próxima, tenha se refugiado entre os grandes bambus dos pântanos onde os cães que a perseguem não ousam aventurar-se, suas companheiras encontradas achando-se, infelizmente, incapazes de abrir a fechadura de segredo das correntes que a imobilizam...

41. Gigi, abancada sob as arcadas, come com apetite o prato substancial, misto de amarelo e vermelho, que acabam de lhe servir, tomando porém cuidado para não revelar exageradamente uma voracidade mal-educada. Seu amo, voltando em seguida com o café com leite fumegante, o pão e a geléia de damasco, anuncia-lhe como um fato banal essa notícia inesperada: o amigo Sorel, que Gigi viu frequentemente pela casa, vai chegar daqui a pouco para lhe trazer um presente cuja escolha eles fizeram juntos, sem lhe contar nada: uma boneca tamanho real. “Por que esse presente inopinado?”,

ela pergunta com um ar surpreso. “Para comemorar seu aniversário.” — “Mas não é em absoluto meu aniversário!” — “Claro que é! Pense bem: você tem exatamente 14 anos e meio... E sua última noite foi memorável.” A menina, pega desprevenida por essa lembrança, corou abaixando os olhos sobre sua torrada com manteiga, de que ela captura bem a tempo uma gota com a ponta da língua.

42. Mas Sorel já vem chegando pela entrada principal do pátio, acompanhado por três carregadores de macacão que transportam com cuidado uma caixa pesada e volumosa, ao comprido, confeccionada num papelão dourado visivelmente bastante sólido. Depositando-a no chão diante de Gigi, sem a menor batida (a boneca gigante parece de porcelana), levantam o precioso volume para que ele fique de pé verticalmente sobre sua face menor. A tampa, com cerca de um metro e cinquenta por cinquenta centímetros, que ocupa dessa forma de cima a baixo a face anterior da caixa, é mantida fechada por uma enorme fita carmim cintilante, com um laçarote obedecendo ao costume imperativo concernente a todo embrulho-presente. Sorel, de terno branco incontestavelmente elegante, inclina-se diante da dona

da casa com todo o respeito devido às senhoritas, em seguida volta-se para o cofre dourado que bambeia imperceptivelmente na base (os zelosos entregadores já se foram), e, com um único gesto, desfaz o nó situado a meia-altura, deixando cair no chão tampa e fita.

43. No interior, protegida de todos os lados por um espesso forro de seda cor-de-rosa, há uma adolescente de pé, vivíssima sob sua fisionomia traquinas e seus olhos verdes cintilantes, vestindo (se é que podemos dizer) andrajos de farrapos sujos que contrastam com sua embalagem de objeto de arte. Tendo recebido ordens para vir submeter-se à inspeção de sua nova proprietária, ela sai da caixa e dá alguns passos miúdos com uma graça sedutora. Vê-se melhor agora que seus trapos de rameira espancada, manchados de sangue onde convém, longe de ser miseráveis, são na verdade rasgados com precisão numa musselina leve, vaporosa e translúcida, cujas bainhas desfiadas esvoaçam ao menor sopro de vento. Ela lembra a pequena Alice fotografada por Lewis Carroll, mas o caráter erótico de seu traje de implausível pobreza é aqui muito mais evidente, e seu sadismo, claramente estampado.

44. Assim que ela se mexe um pouco, as criteriosas chanfraduras dos cortes de tesoura deixam perceber até a virilha suas coxas de mel zebradas no interior por vergastadas vermelho-escuras numa habilidosa maquiagem, um seio nu de contornos já provocantes, ele também rasgado na diagonal pelo chicote, um *slip* de dimensões extremamente reduzidas, triângulo de renda branco manchado em seu centro nevrálgico por sangue fresco amplamente espalhado, mais vermelho que o natural, abrigo tão iluminado que faz mais que sugerir, em torno da ferida, os cachinhos escuros de uma penugem sexual bem presente. Seus cabelos desordenadamente sugestivos são pretos e reluzentes, moderadamente cortados, cacheados, sua pele uniformemente cor de âmbar. Sorel a apresenta com desenvoltura: “Odile, 13 anos e oito meses, mas agraciada com diversos adereços precoces, um belo presente para a senhorita. Não me agradeça. Não passa de uma prostitutazinha barata, felicíssima por ser recebida em sua nobre residência antes que a estraguem de verdade as inevitáveis vicissitudes do seu árduo ganha-pão.”

45. Gigi parece muito interessada, mas gostaria de outros esclarecimentos: “Um brinquedo de

que gênero?” A resposta de Sorel é sem ambigüidade: “Do gênero objeto submisso, para todos os usos.” — “Então posso fazer com ela tudo que me der na veneta, como com minhas bonecas de criança? Ela não poderá protestar se eu a esbofetear sem razão, lamber sua boca carnuda ou mesmo mordê-la com excessiva violência? Poderei vesti-la ao meu bel-prazer ou a despir totalmente para lhe dar com o chicote nas nádegas, na barriga, na virilha? Também não resistirá se eu acariciar o interior do seu sexo, seja com delicadeza, seja com brutalidade? E, para castigá-la, se isso me agradar, posso suspendê-la toda nua por um pé, como fazia com minhas bonequinhas de antigamente, que eu chicoteava nessa posição até ouvi-las berrar deliciosamente...?” — “O brinquedo é seu”, diz o pai sorridente, “faça com ele o que bem entender. Mas conto com seu senso de economia para não danificar de maneira definitiva um bibelô tão valioso, como aconteceu com aquela bonita garotinha de espuma plástica articulada que você gostava tanto e cujas pernas, num dia de paixão, você arrancou porque ela se recusava a falar sob tortura”.

46. A bem-comportada aluna também esboça um sorriso fugaz a essa lembrança no fim das contas

agradável, contemplando sua presa atual, de pálpebras semi-cerradas, com manifesta avidez. Subitamente ordena, embora com certa delicadeza: “Tire a roupa, sua putinha!” Com uma de suas habilidosas mãos, Odile solta uma presilha, e o vestido esfarrapado cai a seus pés descalços. A adolescente não tem mais como proteção para suas carnes oferecidas senão o minúsculo slip de renda ensangüentada. Gigi decide subir o tom: “O que está esperando, idiota, para tirar sua calcinha nojenta?” A dócil boneca obedece, e, querendo mostrar boas maneiras, dobra com cuidado sua roupa ínfima, a fim de colocá-la numa cadeira. Executa em seguida, em silêncio, uma série de lentas reviravoltas para que sua anatomia seja avaliada de ambos os lados, bem como de perfil, ao passo que seus braços enrolam-se em curvas lânguidas em torno de sua cabeleira desgrenhada, de um castanho bem escuro com reflexos ruivos. É possível admirar em sua bundinha redonda três comoventes escoriações, bastante decorativas, ainda úmidas e gotejando em diversos lugares, infligidas pela mesma correia cortante, dessa vez imaginária.

47. Seu corpo é flexível, ondulante e dançante. Seus menores movimentos revelam-se graciosos,

seu rosto de garotinha mimada parece esperar os beijos, a forma de seus jovens encantos requer mãos discretas, as carícias licenciosas e o ardor cruel de um verdadeiro chicote. Como prometido pelo vendedor, suas formas parecem muito mais desenvolvidas do que sugere sua idade. De estatura um pouco mais baixa que Gigi, felizmente, e mais nova que ela cerca de um ano, tem quase um corpo de mulher, recentemente desabrochado de certo, mas de encantos já mais que plenos, embora miniaturizados. Seus bonitos seios bem arredondados, em particular, suscitam a inveja de sua suserana, provisoriamente menos bem provida. Esta, entretanto, contenta-se doravante em manter à sua mercê jóias tão deleitáveis, regozija-se previamente por fazê-las pagar com humilhantes torturas aquela imprudente vantagem; pois ela aprecia em seu justo valor possuir uma boneca viva a quem nada falta para com ela divertir-se sem testemunhas, como todas as meninhas do mundo maltratam com perversidade seu brinquedo favorito.

48. Por outro lado, o que mais chama sua atenção voluptuosa é evidentemente o triângulo bem modesto, porém preciso e bem desenhado, da penu-

gem mais ruiva que castanha que guarnece a macia almofada pubiana e que, longe de subtraí-la aos olhares ávidos, assinala, ao contrário, naquele .escrínio cintilante uma fenda do prazer sem dúvida alguma destinada a se tornar a região favorita dos jogos e vexações concebidos por uma amante alimentada por relatos eróticos. Ela já discerne, na base dos grandes lábios, que a mucosa rósea da rachadura reflete uma saliva espontânea. Preocupada em dissimular ao máximo sua perturbação, Gigi pergunta a Sorel com desenvoltura: “Seus diversos orifícios são virgens?” Mas o homem quase sai do sério, tão extravagante lhe parece tal suposição: “Não, claro que não, nem no direito nem no avesso”, responde ele rindo gostosamente.

49. Como procurando desculpar-se, acrescenta: “Não me julgue tão casto! Odile dorme na minha cama vai fazer 18 meses e, indo além das minhas honestas intenções iniciais, não me agüentei três semanas perto dos frutos proibidos! Na verdade, eu não sabia exatamente o que ia fazer com esta pérola conspurcada que achei no riacho, isto é, num prostíbulo clandestino, na verdade bem caído, onde seus pais a prostituíam ao primeiro que

aparecesse. Longe de serem pobres, eles tinham duas outras filhas um pouco mais velhas, menos atraentes e difíceis de estabelecer sem dote. Para lhes assegurar um casamento respeitável, vendiam portanto bem caro as graças infantis da benjamim sacrificada, à exceção todavia dos dois orifícios tradicionais, conservados intactos para um eventual marido. Na época tinha apenas 12 anos e o apelido de 'Dédette', seu verdadeiro nome, Andréa, não combinando muito bem com o uso pueril que faziam dela, mais do que restrito, por sinal, considerando-se a tarifa horária estampada no catálogo. Sua boca, suas mãos, toda sua nudez sedosa eram oferecidas apenas aos diletantes, paradoxalmente excitados por uma virgindade de acesso proibido. Um dispositivo medieval de dupla castidade materializava esses rigorosos limites e provavelmente contribuía para seu gozo sacrílego.”

50. “Os pequenos lábios da guria eram perfurados, reunidos intimamente um ao outro por meio de uma grande roseta dourada proveniente de uma fechadura cujo buraco, claramente evidenciado, permitia a introdução de uma chave maciça, à moda antiga, que mantinha ao mesmo

tempo com firmeza a haste abaulada colada na concavidade da virilha, penetrando o ânus e terminando em pêra no interior do reto. A manipulação do sistema de abertura, reservada a alguns raros clientes de confiança e já bem atraente, autorizava em seguida os eleitos a tocarem com o dedo a vulva frágil, o hímen imperfurado, a roseta anal recentemente fechada. Depois, recolocavam as coisas no lugar e davam duas voltas na chave. Esse instrumento metálico bárbaro fazia a criança sofrer, sobretudo quando algum desajeitado procurava com o indicador o clitóris enfiado em sua fenda apertada, ou então lhe afastava as coxas sem cuidado, ou ainda acariciava o pau entre suas nádegas. Ela chorava com frequência ao longo das sessões, sem jamais se rebelar.”

51. “O choro de um objeto sexual de tenra idade conta decerto calorosos partidários, que às vezes julgam indispensável essa pimenta. Da minha parte, eu estava comovido de uma forma mais paterna com aquele misto de lágrimas, abandono dócil e rabugice contida. Num impulso caridoso, comprei, para protegê-la, aquela menininha infeliz, pela qual paguei à vista o valor superestimado da dupla virgindade, com, todavia, posse exclusi-

va, registrada na fatura, de todos os direitos lúbricos e criminosos, fossem legais ou fora-da-lei. Traída por seus verdadeiros pais, seduzida por meus costumes libertários, ela me dedicou imediatamente uma gratidão tocante. Eu deixava em paz seus encantos molestados que eu libertara de seu aparato profissional, não obstante conservado como agradável acessório punitivo para o meu harém de pré-adolescente, que vocês puderam ver na casa, nuas em geral, servindo a mesa durante as festas sacrificiais, mais ou menos sangrentas, que promovem por lá de vez em quando. Como todas as minhas servas de prazer, púberes ou não, Dédette devia ser chicoteada regularmente em nome do princípio, evocador de seu status de escrava sem recursos, que nenhuma dessas garotinhas deve esquecer. Porém, rebatizada por mim como Odile, esta se achava, no início em todo caso, relativamente poupada.”

52. “Tornando-se assim em poucos dias despreocupada e risonha, o que parece combinar com sua natureza de criança, Odile apreciava muito, à guisa de distração, após ter recitado de joelhos sua prece da noite, tirar rapidamente a camisola sob pretexto de um calor excessivo no meu quarto e se

enfiar sob meus lençóis para me dar boa-noite de pertinho. Beijava-me então na boca com uma delicada insistência, esfregando suas carnes íntimas no meu pijama. Um braço protetor enlaçava sua cintura, sem pensar besteira, e meus dedos deambulavam pelo seu dorso. Libertada dos deveres coercitivos do amor tarifado, ela se mostrava intrepidamente faceira e sensual, desprovida de qualquer inibição. Quando eu queria interromper suas imprudentes provocações e apaziguar minha crescente excitação, mandava trazerem uma boneca de plantão para a cama a fim de maltratá-la, estuprá-la, de preferência uma virgem semelhante a Odile, que eu deflorava de forma bárbara, enquanto outra jovem serviçal era torturada à nossa frente, principalmente no interior da vulva, fosse esta novinha em folha ou já profanada. Seus sofrimentos progressivos acalmavam pouco a pouco minha sede insaciável. Odile, porém, logo começava a fazer muxoxos ostensivos, como se aquelas rivais se apoderassem de seu patrimônio pessoal, mesmo quando uma delas estava apenas entregando a alma neste ou naquele delicioso suplício de que eu sentia necessidade por culpa dela.”

53. “Esses divertidos ciúmes de harém tendo durado cerca de duas semanas, Odile, desejosa de afirmar seus direitos e poderes, mostrava-se cada vez mais atrevida. Uma noite em que meus dedos demoravam-se sobre sua estreita roseta anal, enquanto me beijava após sua prece, a guria, estimulada pelo meu gesto afetuoso, sugeriu-me em voz baixa que lhe massageasse com uma vaselina emoliente o esfíncter, que ela dizia endurecido pela pêra de obstrução virtuosa, usada com excessiva freqüência. Ao cabo de alguns minutos de uma fricção apropriada, a dócil puta enlanguesceu subitamente, abrindo-se o máximo possível para que meus dedos a penetrassem bem profundamente. Num murmúrio de alcova, suplicou-me que acariciasse ao mesmo tempo sua jóia mais preciosa, guiando pessoalmente minha outra mão até sua vulva, que estava toda molhada em torno do clitóris ereto, enquanto sua anca fornida mexia-se amorosamente, no ritmo lento de uma maré inequívoca... Esbofetei-a diversas vezes, e ela começou a chorar, com lábios de muxoxo que denotavam sua brutal decepção.”
54. “Mais uma vez decepcionado, e mais gravemente, com a astúcia das garotinhas cândidas,

minha decisão foi tomada sem piedade: mandei vir, para uma função completamente diferente da de concubinas submissas, três adolescentes recreativas especializadas na punição de suas colegas de escravidão, uma munida de um chicote cruel de fina correia rígida, as duas outras com tiras flexíveis e sólidas, terminadas em nós corre-dícios. Em poucos segundos, Odile, trêmula de pânico, viu-se instalada na cama em posição prosternada, uma venda preta obturando-lhe a visão, as duas mãos amarradas às costas e as pernas imobilizadas com cordas sob os joelhos e nos tornozelos, esticadas de ambos os lados para abri-las ao máximo. A serva flageladora logo começou a vergastar a bunda esticada e seu rego bem esgarçado pela posição obscena, oferecidos ao tênue couro agudo até a bela rosa culpada e sua estrela fechada. Muito rapidamente, pérolas de sangue escorrem pela pele rachada aqui e a li, e a executora ri com prazer, achando injusto a pequena noviça ser admoestada sem razão todos os dias desde a sua chegada. Eu mesmo a encorajava a golpear mais forte esbofeteando mais uma vez a vítima desamparada, me lixando para ela, que doravante não seria mais, em função de sua indecência, senão um objeto anônimo de entrete-

nimento, destinado às irrefreáveis perversões dos torturadores pedófilos, nunca avaros de crueldades revoltantes. Ao anunciar isso, eu passeava minha vara ereta sobre seu rosto e por entre seus lábios arfantes, depois, do outro lado, sobre suas nádegas doloridas, respingando sangue. E, com uma única estocada, enfiei-me em seu ânus, generosamente lubrificado pela massagem supostamente terapêutica, para sodomizá-la com selvageria ao mesmo tempo em que esmagava a ponta de seu clitóris entre minhas unhas afiadas. Seus gritos e estertores misturavam-se harmoniosamente com as risadas cristalinas das outras três garotas.”

55. Odile, colocada de pé e imobilizada com firmeza por Domenica, a chicoteadora, se contorce debilmente de dor. Perde sangue carmim por dois riachinhos encantadores, que escorrem sobre suas coxas pelas lacerações do ânus e pelo clitóris, ligeiramente mutilado devido à ponta arrancada. Sentado na beira da cama, Sorel a contempla com satisfação. Acha muito excitante aquela tenra virgem já martirizada e provavelmente agora fadada aos diversos suplícios aqui utilizados para as meninas condenadas à morte, seja qual for a impor-

tância de seus supostos pecados. Quer agora que a ponham de joelhos à sua frente, e a agarra pela vulva ensangüentada, enquanto Domenica açoita novamente suas nádegas. Berrando loucamente e soluçando sob a venda preta, ela implora o perdão do amo. “Silêncio, cadela!” este diz. Para fazê-la calar-se, curva-lhe o busto na direção de sua vara volumosa, que não consegue mais esperar a fase crítica e que ele enfia naquela boca demasiado pequena, com o risco de sufocar a criança. Termina por ejacular sua porra em excepcional abundância sobre toda a parte inferior do rosto, sufocando Odile, que goteja o espesso licor opalescente em meandros viscosos. Sorel ordena às servas que levem a jovem princesa vencida para uma masmorra de penitência preliminar, amarrada de tal maneira que não possa nem se lavar, nem dar vazão às suas necessidades naturais.

56. Domenica, conhecida pela abreviação Domi, arrastou a prisioneira pela ponta de uma coleira, obrigando-a a avançar de joelhos, os quais ela era incapaz de aproximar um do outro. Se não fosse suficientemente rápido ou fizesse menção de fechar um pouquinho as coxas, uma das garotas castigadoras auxiliares (ainda menos núbeis que

sua chefe) espetava-lhe as nádegas com uma vara de porqueiro, entusiasmada como sempre por intensificar os sofrimentos de uma rival em desgraça, conduzida ao martírio. O caminho a percorrer não é muito longo, o quarto nupcial de cerimônia situando-se no coração dessas moradas antigas, na proximidade imediata dos *fornax* e de suas instalações adjacentes: alcovas mais ou menos luxuosas das concubinas, masmorras das condenadas na iminência de uma execução próxima, salas de espetáculos, interrogatórios, julgamento, festins libidinosos apimentados com crimes, depois os vários locais de adestramento, exposição de torturas e outras *deliciæ*. As jovens cativas que ocupam estas últimas não são mais as escravas cristãs de antigamente, mas femeazinhas de status variável disponíveis no mercado.

57. Além das virgens de 7 a 14 anos entregues como tributo de guerra, cujos tormentos sexuais prolongados, seguidos por imolações ao sadismo ancestral (tanto na casa de ricos indivíduos como em festividades públicas), perduram de século para século segundo os acordos internacionais, encontramos ali principalmente garotinhas e adolescentes leiloadas pelos pais, por um irmão endi-

vidado, por um marido decepcionado, ou igualmente vendidas por conventos religiosos especializados na criação de meninas perdidas, abandonadas, em fuga, geralmente raptadas por ladrões profissionais. Convém assinalar, por fim, uma fonte de abastecimento que vem ganhando importância: belas culpadas (ou supostamente tais) condenadas à morte pelos tribunais regulares em seu país de origem, Leste da Europa, Oriente Médio, América do Sul etc. Supostamente evadidas, são recolhidas por multinacionais mafiosas e cedidas no Ocidente a preços que desafiam qualquer concorrência.

58. Convém notar, de passagem, que essas nações exportadoras de pecadoras vivas, a serem mortas perante testemunhas, raramente castigam homens, e infinitamente mais raparigas que mulheres maduras, isto é, velhas. Os sociólogos locais explicam essa desproporção pela grande sabedoria tanto dos cavalheiros quanto das mães de família. Mas os progressistas da nossa terra, em contrapartida, sugerem uma análise bem diferente do fenômeno: o poder, nesses países, pertence aos homens e às suas respeitáveis esposas, muito zelosos na vigilância das meninas, adolescentes e jovens noivas, que, se não tomarmos cuidado,

descambam com facilidade para os excessos do liberalismo, a feitiçaria, as idéias revolucionárias, as drogas etc. Acrescentemos um detalhe que parece ter sua importância: essas sociedades tradicionalistas em que a pena de morte não foi abolida, sequer para as menores de idade, conservaram métodos de execução arcaicos. Com o empalamento, tão difundido ainda no início do século, seja anal ou “natural”, proibido por obscenidade, resta a decapitação por machado de uma vítima ajoelhada, curvada com graça diante de um cepo avermelhado de sangue pelo uso, que reina permanentemente na praça central dos burgos campesinos, ou então o esquartejamento por quatro cavaleiros montando puros-sangues fogosos, substituído cada vez mais, para um melhor controle da progressiva extirpação dos membros, por quatro guinchos imponentes, de transmissão manual, também instalados permanentemente.

59. Afora isso, produziram-se poucas evoluções. Nesse ínterim, as supliciadas, por compreensíveis questões de decência, eram subtraídas aos olhares do público por um camisolão de penitência de tecido grosso, com um grande capuz. Mas isso acarretava diversas combinações fraudulen-

tas e substituições fáceis, até mesmo dilaceração de um cadáver ou boneca de pano. Agora a Justiça exige que a culpada caminhe completamente nua para o suplício e sofra, sem nenhum véu, uma execução meticulosa da sentença. Os desvios são então de outra ordem. A maioria dos carrascos, excitados pelos encantos femininos assim expostos à vista de todos (e às manipulações mais ou menos necessárias dos executores), comovidos além disso com as posições sedutoras decorrentes do veredicto, obteve de seus sindicatos profissionais o direito de bolinações possessivas e estupros múltiplos sobre aquelas presas impotentes com as mãos imobilizadas, antes e depois de seu suplício, que eles fazem evidentemente durar muito mais do que o previsto, com pausas e retomadas, transformando rapidamente a encenação edificante do castigo legal numa voluptuosa sessão de torturas, noticiada em seguida por toda a imprensa popular em longos relatos eróticos ilustrados com diversas fotografias sugestivas.

60. Jornalistas influentes vão a ponto de reivindicar das autoridades que seja restabelecido o uso corriqueiro de antigas penas capitais, espetacularmente dissuasivas. Uma delas, em particular,

diz respeito ao adultério, à sodomia passiva, ao lesbianismo, aos gozos masturbatórios e a todo tipo de luxúria fêmea (logo, diabólica), seja adulta ou infantil. As condenadas por essas práticas, submetidas à questão segundo o rigoroso protocolo medieval, reconheciam abertamente seus delitos, planejados ou consumados, em todo caso sua torpeza inquestionável, seus comportamentos lascivos e os pensamentos vergonhosos que permanentemente as habitavam. Condenadas à morte em todos os casos, por princípio, eram exibidas em praça pública nuas em pêlo e tinham que se pôr de joelhos diante do público, que acorria em massa, para confessar seus inumeráveis crimes, cada um deles entremeado por açoites incisivos dos três carrascos regulamentares.

61. Em seguida a condenada era crucificada de cabeça para baixo, seu jovem corpo, pouco danificado até aqui, esticado entre dois pelourinhos erguidos verticalmente a cerca de um metro um do outro, onde a fixavam com enormes pregos fundidos e enfiados, em cima através dos tornozelos e embaixo na palma das mãos. Podia-se então sem pressa exorcizar-lhe o sexo detalhadamente com os instrumentos apropriados: facas de caça de gume duplo, falos dotados de pontas, serrotes

com dentes compridos e pontiagudos, tenazes incandescentes etc. Após as sucessivas séries desse ritual expiatório, era abandonada à sua bela morte, tendo seus espasmos de tempos em tempos reanimados para verificar sua amplitude e vivacidade por meio da lendária resina quente derramada no púbis e nos arredores, que completava, com seu brilho, na noite que caía, o caráter profundamente religioso da cerimônia.

62. Embora muito em voga e produzindo infinitas variantes de acordo com o tamanho, a idade e os atrativos das vítimas (uma menininha tinha em primeiro lugar as pernas esticadas, até o máximo possível e mais além, para que seus tornozelos fossem pregados nos dois pelourinhos; no caso de uma mulher-criança aleitando o fruto do pecado, começavam por lhe arrancar os seios; uma menina alta e forte tinha os joelhos quebrados com buril para dar mais maciez a seus sobressaltos de dor etc.), esse suplício edificante foi excluído do código sob o pretexto absurdo de que os crucificados levavam muito tempo para morrer. Ao passo que as multidões unânimes pediam que uma grossa almofada sob sua nuca evitasse os acidentes cerebrais por afluxo de sangue congestivo e permi-

tisse contemplar algumas horas extras das esplêndidas contorções de sofrimento merecidas por aquelas rameiras.

63. Os políticos, ao contrário, gostariam de abolir todas essas exposições escandalosas, que, não obstante, atraem muitos turistas afortunados. Mas a única solução cômoda, que eles imaginaram com a ajuda dos traficantes, consiste na venda das mais deliciosas condenadas, de todas as idades, para esse rico Ocidente, onde a devassidão campeia. Também nesse caso, um obstáculo se apresenta. Com a expansão do mercado, os delatores especializam-se na fabricação de falsas culpadas, identificando belas pombinhas sem defesa e fáceis de levar a julgamento, para obter sua condenação na ausência de quaisquer provas. Assinalemos finalmente a esse respeito que, se uma menina menor de 6 anos vier a ser punida com a morte, é imediatamente perdoada. A jovem mãe, considerada sua responsável, será supliciada em seu lugar. No caso de uma exportação, para livrar-se da garotinha com a qual não sabem o que fazer, dão-na de brinde ao comprador estrangeiro, que deverá dar sumiço nas duas, como veremos logo um exemplo.

64. Com efeito, Odile, levada por suas juvenis guardiãs, francamente risonhas, chega à sua masmorra. Quando Domi, sua chefe nomeada, abre a porta, que não é fechada a chave, ela percebe imediatamente que aquela cela, reservada como as contíguas para os martírios na fila de espera, já está ocupada, mas por pouco tempo, parece. Em relação às ordens recebidas, aliás, a fiel executora nunca faz perguntas. As duas menininhas que a acompanham, embora já tenham visto muita cena bárbara nessa casa dedicada aos excessos amorosos, não conseguem reprimir um sobressalto de horror. A palha que serve aqui de cama está embebida no sangue de duas vítimas recentemente sacrificadas: uma mãe muito jovem com os seios inchados de leite e uma querubina de cerca de 18 meses, provavelmente sua filha, ambas sangradas até a morte após hediondas torturas. Domi, ajudante do carrasco há vários meses, que virou especialista em crueldades orientais caras ao dono da casa, sente por sua vez uma espécie de respeito estético diante dessa composição.

65. A mãe cheia de leite, que deve ter no máximo 15 anos, está acavalada sobre um serrote de lenhador cujos longos dentes de aço laceraram

profundamente seu púbis. Seu busto é mantido na vertical por duas correntes esticadas obliquamente, cada uma dotada de um gancho de açougueiro que atravessa a palma de uma das mãos. Suas pernas estão abertas, mas menos tensionadas que os braços, estiradas mais relaxadamente por ganchos idênticos que atravessam os tornozelos, para que ela se mexa de uma maneira mais ampla durante seu suplício e dilacere ainda mais a vulva, a virilha, a junção das nádegas... Portanto, com esse objetivo, suas axilas, a ponta dos seios e suas aréolas, a cavidade das virilhas, o umbigo e o ânus foram queimados com ferro em brasa, e a penugem de sua xoxota loura, escalpelada. Em seguida apenas lhe fizeram grandes cortes nas nádegas, nos seios e nas coxas e derramaram um álcool anticoagulante nas feridas.

66. Seu bebê ainda mamava o seio materno, o que não deixa de estimular a paixão criminosa dos diletantes. Mas já vemos claramente que se trata de uma menina, com uma carinha dócil, de brincos dourados, e trejeitos precocemente sexies. Rasgada à faca completamente viva perante a mãe, foi estuprada dos dois lados por diversas vezes, antes

de ser empalada sobre um falo descomunal (as lajes da masmorra, sob a palha, comportam locais concebidos para adaptar tais acessórios), a fim de ter por sua vez as carnes queimadas, em alternância com os mamilos de sua ama-de-leite. Esta, três anos antes, deflorada pelo irmão mais velho em seu décimo segundo aniversário, logo se viu púbere... depois grávida. Denunciada por seu estuprador, que se cansava dela após um uso excessivo, viu-se condenada por impudência provocadora, jogos proibidos, fornicção, incesto prolongado, procriação fora do casamento, dissimulação de bebê etc. Não tendo perdido nada de seus encantos, muito pelo contrário, foi vendida sem problemas para exportação.

67. Odile, enquanto isso, cujos olhos continuam vendados e as mãos atadas às costas, ainda não percebeu sua companheira de cela. Suas guardiãs acorrentaram-na muito rapidamente segundo as instruções de Sorel, justamente ao lado da inocente martirizada. Pendurada na abóbada pelos pés, com as pernas bem abertas, apenas seus ombros e cabeça repousam na palha. Humildemente, pede para fazer pipi. Sem lhe responder, Domi retira a venda de seus olhos e lhe

mostra em que estado se encontra sua vizinha, a fim de que ela compreenda a sorte que a espera por sua vez. Odile, apavorada, murmura: “Ela está morta?” — “Não completamente, como pode ver”, assegura Domi vergastando a barriga da jovem mãe com uma violenta chicotada, que provoca um tardio frêmito debilitado. Para fazê-la apreciar a diferença, a impiedosa guardiã golpeia da mesma forma, com toda sua crueldade de criança, o baixo-ventre de Odile, que, no auge do pânico, implora novamente que a deixem pelo menos aliviar uma vontade premente de micção.

68. Rindo, seu carrasco lhe responde que nada se opõe a isso, e a fina correia abate-se dessa vez sobre o sexo entreaberto, tanto mais doloroso na medida em que foi ligeiramente mutilado por Sorel. Enquanto a urina longamente contida jorra, um pouco rosada pelo sangue que escorre do clitóris, Domi, plena de contentamento, aplica vergastadas repetidas sobre o jato em sua fonte, que avermelha cada vez mais e inunda todo o corpo sedoso exposto às avessas. As duas garotinhas aplaudem com entusiasmo. Antes mesmo que sua patroa tenha terminado sua correção, conquistadas pelo exemplo, elas mijam uma após outra na cara indefesa, onde o es-

perma de Sorel começa justamente a secar. Conspurada agora até nos olhos e cabelos, Odile é abandonada ao angustiante silêncio da masmorra da qual apagaram-se apenas as luzes.

69. Encontramos agora essa mesma Odile, mas um ano e meio mais tarde. Está novamente nua em pêlo, diante de Gigi dessa vez, que admira seu belo corpo enfeitado com vergastadas, imitadas com arte, nos seios, no púbis e nas nádegas, atrativos todos eles nitidamente mais bem desenvolvidos que nos parágrafos precedentes. Sorel, então, começou a contar o início de seu adestramento com total desenvoltura, como se a menina oferecida à guisa de presente não estivesse ali, de fato bem visível, sorridente, imóvel, tão ausente como se pertencesse a outro mundo, sem venda em seus bonitos olhos vazios. Gigi recebe então a resposta à sua pergunta ingênua: não, a boneca de carne que lhe dão não tem mais nada de virgem, o que aliás é preferível, garante a sagaz aluna, pouco a pouco tomando consciência de sua delicada situação pessoal nesse caso complicado.

70. Capturada imprevistamente numa trama instável e variada, ela deve, desde esse contato ini-

cial, dar provas de segurança, de maturidade, bem como de um dom para a tirania de inexplicáveis caprichos, que é contrária à sua educação e, até aqui pelo menos, parecia-lhe rara em sua natureza. Assim, se quiser manter um relativo controle sobre a série de acontecimentos, precisa mostrar não a ternura que sente por sua nova companheira, mas um rigor dominador, intransigente, embora fantasioso. Alguns arroubos de crueldade gratuita seriam inclusive desejáveis. E ela pressente, nessa prova inédita, uma fase particular de sua formação, sem dúvida maduramente refletida pela tutelar autoridade paterna. Superando a timidez instintiva, curva-se à exigência necessária de apalpar aquela Odile excessivamente perfeita, não com uma gentil carícia, mas como apalpamos uma bezerra na feira, mesmo que o faça de uma maneira tão escandalosa quanto possível, mostrando assim que oficialmente toma posse do que doravante lhe pertence de direito.

71. Sentada desde a chegada das visitas, em sua poltrona de jardim de vime envernizado, ela ordena sem tremer: "Ponha-se de joelhos à minha frente e abra bem as coxas para que eu julgue se

sua vagina ruiva me convém.” Nessa oportunidade, a aluna avalia a preciosa utilidade das leituras eróticas impostas pelo pai e o aprendizado que elas lhe proporcionaram de circunstâncias comparáveis. Mas tem a impressão de avançar na corda bamba. Por felicidade, a boneca obedece incontinenti. Acrescenta inclusive um detalhe que não raro complementa sua posição, levantando os dois braços, com os cotovelos flexionados, para emoldurar seu rosto subitamente medroso de criança mártir, que lhe cai, em todo caso, às mil maravilhas. Como decerto a ensinaram a fazer, mantém suas mãos bem longe de ambos os lados do rosto para não parecer querer se proteger: não é um gesto de defesa, mas a rendição incondicional de uma vítima espontânea. Evitando ceder à sua impulsiva vontade de beijá-la com paixão, Gigi estende corajosamente sua mão direita, levanta o rosto de Odile e lhe dá uma bofetada bem aplicada, franca e sonora.

72. Em seguida sua mão desce para um dos seios, que ela acaricia por um instante com certa rudeza, para sentir sua delicada rigidez, antes de subitamente beliscar a pontinha, de maneira tão intensa que um sobressalto percorre o torso da garota,

cuja boca se abre sob efeito de uma dor imprevista (se não imprevisível), sem que ela saia de sua posição consagrada por séculos de submissão voluptuosa. Gigi a esbofeteia de novo, um tapa tão violento em cada face que os olhos verdes arregalados ficam encharcados de lágrimas silenciosas. Porém, muito rápido, a mão punitiva desce dessa vez até o ventre e enfia, não sem brutalidade, três dedos ágeis na vulva. Uma nova crispação faz a criança se contorcer ainda mais, tomada pelo pavor, enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto arroxeadado pelos golpes.

73. Gigi, entretanto, encorajada por ter sentido sob seus dedos agressivos, desde sua penetração, a frágil mucosa toda molhada, começa a lhe masturbar o clitóris despertado, cuja impaciência é evidente, alternando as lentas delicadezas com um vigor mais intenso, impondo-lhe dali a pouco a mistura, utilizando então ambas as mãos, como fez em si mesma há algum tempo em suas tentativas de masturbação. Odile, com suas angústias amenizadas por essa feliz mudança, relaxa imediatamente, geme um pouco, enverga as costas jogando o busto para trás a fim de melhor oferecer seu sexo às peritas falanges de sua ama. Sem tar-

dar, dá sinais de prazer pouco equívocos. Sorel faz seu amigo observar que a adolescente, assim como muitas garotas mais maduras, ficam logo sensibilizadas com maus-tratos prévios, nudez coagida, posições vergonhosas, palavras humilhantes, correias e amarras diversas, simulacros de estupro etc. Assim, a maioria dos cavalheiros chicoteia sua jovem esposa antes de fazer amor com ela. Considera-se, por hábito, que o objetivo atávico do macho é estimular com isso seu próprio apetite. Porém, em muitos casos, é a fêmeazinha em suplício a quem isso mais excita.

74. Eles não devem ter falado muito alto, mas talvez o ouvido atento de Gigi tenha captado alguns trechos de frases. Em meio aos suspiros e queixas amorosas de sua boneca finalmente conquistada, ela diz aos dois homens que as acompanham: “Quero que essa puta descarada seja chicoteada para acabar com suas manifestações inoportunas. Convém aliás puni-la por não ter tirado imediatamente a calcinha, obrigando-me a repetir a ordem para que ficasse nua em pêlo.” Sorel levantou-se com um sorriso aprovador. Já tinha nas mãos, pronta para intervir, uma fina correia de couro rígido, prolongamento de um cabo bem

curto de marfim que termina numa glânde fálica turgescente, dotada de cristais, eventual consolo de tortura. De pé atrás de sua pupila, ele lhe ordena: “Peça perdão!” — “Perdão, ama”, implora, desesperada, Odile, cujo sexo Gigi agora segura com toda a brutal firmeza de que é capaz, três dedos enfiando-se no interior, enquanto a palma da mão instala-se sobre a perfumada penugem ruiva embebida em seu próprio licor, envolvendo sem nenhuma precaução um dos grandes lábios, de maneira a imobilizar aquele delicado traseiro fremente sobre o qual a primeira chibatada abate-se num silvo seco. Odile solta um grito desamparado, sufocado, porém, ajudada pela mão de ferro cujas unhas agudas ameaçam lhe ferir a vulva, consegue manter-se na posição.

75. “Peça perdão, sua putinha mal-educada!” repete Sorel. Com a mesma voz, bonita, frutada, juvenil, suplicante, que se calava modestamente desde a abertura do pacote-presente, a adolescente repete tremendo: “Perdão, Ama...” E logo uma segunda chibatada, ainda mais violenta, estala na curva de suas nádegas cativas. O mesmo grito de aflição, mais prolongado, ressoa sob as arcadas, enquanto a criança injustamente casti-

gada explode em lágrimas. Sob a intensa comoção, parece prestes a desmaiar... Em suas leituras históricas, Gigi aprendeu que a alternância rápida de gozos sexuais provocados mediante incisivos e dolorosos ferimentos era o suplício reservado por um imperador da dinastia Tang às novas concubinas cujo serviço noturno ele não apreciara. Morriam assim ao cabo de poucas horas, sem que seus encantos fossem desfigurados por isso, apenas ataviados com múltiplas queimaduras, cortes de onde saía sangue, excisões diversas, valorizando-as, ao contrário. Se o soberano se cansasse de vê-las perdendo pouco a pouco suas forças, fazia com que fossem devoradas ainda vivas pelos seus cães, pregadas no chão para que os animais pudessem começar sua refeição sem pressa pelo púbis e a virilha, seus pedaços favoritos, ao lado dos seios inchados de leite das jovens mães.

76. Odile, por sua vez, já está tão traumatizada que confessa com lágrimas de dar dó sua total perplexidade. Abaixa os braços e acaricia com suas duas algemas temerosas a mão cruel que aprisiona sua desafortunada vulva como entre garras de rapina. Balbucia, fungando: “Peço-lhe

perdão, Ama, peço-lhe perdão...” Quando a terceira chibatada a golpeia, ela desmorona, num uivo, beijando em seguida os pés descalços de Gigi, que finalmente relaxou. Bastante satisfeita com o resultado, que superava todas as suas expectativas, esta desgrenha com um dedo do pé displicente a cabeleira de sua escrava que jaz de bruços, atravessada por espasmos que a fazem estremecer debilmente, vencida por duas vezes e boa agora apenas para ser atirada aos cães do imperador sádico. Em contrapartida, as três linhas vermelho-escuras que se entrecruzam sobre os dois globos de delicado perfil com covinhas, sem ter esfolado o tecido sedoso, fazem sua tenra anca resplandecer um brilho tão sensual quanto decorativo, infinitamente mais perturbadoras que as falsas vergastadas da maquiagem. A ama debruça-se sobre elas, para nelas arranhar o desenho de um indicador possessivo, reiterando o poder de molestar ainda mais caso isso a divirta. A epiderme, nos locais mais atingidos, tornou-se tão sensível que a bundinha é percorrida por arrepios.

77. Gigi pensa, com toda a razão, que saiu vitoriosa dessa partida difícil. Por outro lado, Odile, em

sua humilhante derrota, aparece como o justo oposto de uma perdedora: sente por instinto que o interesse licencioso demonstrado desde o começo pela amia por sua futura vítima acaba de se transformar num verdadeiro feitiço, no que já se revela ser a primeira união carnal de ambas... É nesse momento que se desencadeia a tempestade: um grande raio, ofuscando mesmo a luz do dia, seguido alguns segundos mais tarde por um longo, muito longo rugido de trovoada. E a chuva começa a cair, densa e grossa, como uma catarata. Agradecendo aos deuses do céu por ter trazido essa solução batismal para diluir a atmosfera sobre-carregada que se tornava constrangedora para os três casais (um pai e sua filha bem-amada, um segundo homem e sua nova amante adolescente, duas garotas em início de lua-de-mel), Gigi, arrebatada por uma inspiração, arranca sua *djellaba*, reergue a boneca ferida e a arrasta sob o aguaceiro dadivoso.

78. Rindo como loucas, elas pulam juntas na piscina, cuja água bate apenas em seus joelhos, e começam a dançar nuas em pêlo, dando-se as mãos ou então se apertando para se esfregarem uma na outra, beijando-se, lambendo-se, acari-

ciando-se no ventre e nos seios como se se ensa-
boassem mutuamente, sob o dilúvio tropical que
abençoa seu casamento e refresca as nádegas ar-
dentes de Odile, onde as marcas do chicote so-
bressaem ainda mais agora que a chuva lavou
seus simulacros em aquarela. Gigi a elogia por
aquelas marcas duradouras, bem como pela hábil
precisão de seu amante e proprietário. “Ele nunca
me chicoteou tão forte”, conta a guria em seu ou-
vido, esquecendo-se do já remoto episódio da
masmorra de correções. “Achei que ia morrer
com as queimaduras, cada vez mais intensas, que
me lancinavam!” — “Sei disso. Eu estava em você,
sentindo cada chibatada na maciez interna de sua
vulva, que palpitava em deliciosos sobressaltos
convulsivos. Você expirava sob a minha mão ma-
ravilhada.” Com a chuva cessando tão brusca-
mente quanto começara, as duas crianças dão
alguns passos, de mãos dadas, formando de pro-
pósito feixes de água espetaculares num concurso
ruidoso de esguichos em penachos, até a enig-
mática estátua de pedra branca cujos persona-
gens estão em sua escada. Odile põe os dedos sob
o jato da jovem mijadora enquanto Gigi lhe diz
palavras de baixo calão em voz baixa, como fazem
todas as garotinhas entre si.

79. “Pronto”, diz Sorel (deslumbrado com o sucesso obtido por seu presente), “um caso amoroso que nasce sob felizes auspícios”. O pai observa as duas adolescentes, ambas tão deslumbrantes, brincando com o pipi melodioso de sua irmãzinha de mármore. Rumina que duas belas garotas nuas em pêlo brincando juntas são muito mais que duas vezes uma única bela garota. É antes como se o objeto sexual único se visse multiplicado por quatro. “Quatro alunas na minha escola”, ele começa a sonhar... “Quatro tenras bonecas na minha cama...” Porém, voltando a um realismo maior, diz, um pouco triste em relação ao futuro: “Se Gigi se casar com Odile, vai me deixar dormir sozinho. Eu faria bem voltando com você àquela casa de prazer onde nos conhecemos. Será a sua vez de me ajudar a escolher uma escrava de alcova do mesmo gênero que a sua. Treze anos, ó Romeu, a idade de Julieta...”

80. “Já lhe contei que foi lá que um dia conheci Violetta, a mãe de Gigi. Ela mal tinha 11 anos e era virgem total. Após a ter despido, beijado e acariciado de forma pouco decente mas sem insistir muito, além de colocá-la em posições de todo tipo que a divertiam muito, sobretudo as mais despu-

doradas, e de lhe ter feito mil perguntas a fim de avaliar suas faculdades intelectuais, decidi imediatamente comprá-la dos pais apenas para mim, ao passo que eles pensavam em vendê-la por dia. Não eram gente pobre, longe disso, mas queriam uma soma grande, aconselhados por um advogado conhecido nesse mercado um tanto especial. A garotinha era graciosa, sensualmente muito promissora, seu caráter ao mesmo tempo ponderado e risonho me convinha. Paguei sem discussão o preço pedido 'para todos os usos', o que se entende: inclusive criminosos, menção raramente registrada literalmente nos contratos. A pequena Violetta estava encantada. Aquela casa onde ela entrava como bibelô de luxo parecia-lhe muito mais bonita que a sua, com criados mais numerosos, um grande parque, uma piscina etc. E meu quarto conjugal de solteiro era suntuoso. Não criou nenhuma dificuldade para dormir ali entre meus braços sem calcinha nem camisola. O banheiro parecia-lhe tão maravilhoso que aceitava tacitamente prolongar ali, sob meus olhos, sua toalete mais íntima, o que fez com graça desde a primeira noite, vindo me beijar para pedir perdão quando sentia muita vergonha."

81. Rapaz esbelto, forte e sorridente, como nos contos de fadas, eu era rico, culto, extravagante, imprevisível, e a tratava com extrema delicadeza (pelo menos no início), ao passo que o grosseirão de seu pai a espancava sem sequer ter prazer com isso, o que é horivelmente humilhante para uma bela garota, seja qual for a sua idade. Ensinei-lhe bem rápido a fazer uso de sua boca, ágil e carnuda, com a qual me contentei durante alguns meses, tanto mais facilmente uma vez que, curiosíssima pelas coisas sexuais, minha Violetta estava ávida para aprender tudo que faria dela uma amante consumada. E ela engolia o esperma sem mostrar sombra de nojo, apenas uma cara de criança saciada quando o espesso licor aglomera-se com excessiva abundância no fundo de sua garganta. Eu estava perplexo com seus dons naturais, contente com seus progressos diários, seduzido pela sua inteligência precoce e sem nenhum tabu.

82. Dentre as jovens servas do meu lar, havia uma garota alta, de 16 anos, chamada Zerline, loura, bem feita de corpo e de temperamento despreocupado, que já conhecera o lobo havia muito tempo. Freqüentava de boa vontade a minha

cama e se prestava com avidez a todos os meus caprichos, o que aliás eu retribuía de forma generosa. Violetta, minha diletta virgem em aprendizado, sem desdenhar nenhuma oportunidade de se instruir, logo fizera questão de ficar conosco durante nossos embates libertinos, apaixonando-se pelas diversas posições obscenas nas quais é possível penetrar cada um dos dois orifícios de um belo traseiro complacente. Nua também, a garotinha procurava reproduzir as torções, curvaturas de bruços, esquartejamentos e deslocações excessivas, um bom exercício de flexibilidade. Além disso, tinha permissão para apalpar seu modelo, senti-lo, perceber seu sabor secreto. As humilhações e castigos a interessariam mais ainda.

83. Desejando pôr essa inclinação à prova, eu alugara numa agência muito séria, com a qual não corria risco de nenhum aborrecimento, uma prostituta debutante que acabava, parece, de cometer um pecado grave, devendo portanto ser punida com toda a crueldade de praxe na profissão, nem que fosse como exemplo. À guisa de agradecimento por um serviço prestado à encarregada do bordel, esta me incumbia de impor a punição prevista a Lily. Na certidão, a garota tinha 18 anos,

mas a beldade sem tutano de seu rosto ingênuo a fazia parecer muito mais jovem (o que provavelmente era). Sua pele revelava-se de uma grande delicadeza ao toque, suas formas desabrochadas eram sem peso, flexíveis e sensíveis. Eu a mantinha confinada numa masmorra de delícias (uma das cinco *deliciae* que minha morada ao estilo romano possuía), e queria fazê-la sofrer ali durante vários dias, para prazer e educação de minha noivinha.

84. Quando esta a viu pela primeira vez, Lily já estava no lugar para a execução da sentença: devia ser chicoteada repetidamente sobre seu sexo carnudo. Estava, portanto, com as pernas para cima, abertas quase até o *grand écart*. O sangue escorria dos diversos rasgos do chicote em sua virilha, vermelho-claro e bem líquido graças ao álcool anticoagulante ali derramado de quando em vez. A culpada (era realmente? e de quê?) chorava e gemia com uma graça infantil. Fascinada com o espetáculo, Violetta me beijou com furor para me agradecer pelo suntuoso presente. Depois me perguntou se não era melhor arrancar sua espessa penugem pubiana de cachos ruivos, que nada tinha de muito estético e constituía um estorvo

para as vergastadas, que esfolariam mais as carnes frágeis de uma boceta depilada e poderiam inclusive introduzir-se em sua fenda, separada pelo esquartejamento. Respondi que o mais simples então seria queimar seus pentelhos com a chama de uma vela, e lhe sugeri que ela mesma o fizesse.

85. A condenada, que ouvia nossas palavras, agitava-se em vão em suas correntes, soluçando abertamente e nos suplicando num tom de pavor bastante compreensível. Porém, sua posição era tentadora, e seus rogos desesperados excitavam ainda mais o desejo de seus carrascos. Depois de derramar álcool puro entre as coxas, o que já a fez berrar, minha garotinha aplicada imediatamente apresentou a chama na base do triângulo (isto é, no alto da penugem se esta estivesse no lugar). Uma magnífica luz azul irrompeu, tornando-se amarela e vermelha ao se propagar para cima, na crepitação do fogo por entre as moitas e nos uivos da supliciada. Violetta despejou álcool novamente para alimentar o incêndio, depois mais uma vez aproximou a vela, deixando escorrer algumas gotas de cera ardente no braseiro. Quando a depilação ficou satisfatória, a jovem puta castigada pa-

recia tão extenuada que precisamos pingar um revigorante por entre seus lábios ainda abertos, sua cabeça e seu pescoço repousando no chão. Em seguida, desferi minha fina correia de couro rígido na virilha em diversas direções. A pele, fragilizada pelas chamas que lamberam o púbis, a vulva e o interior das coxas, não demorou a brilhar com o sangue. Continuei a açoitá-la até que ela desmaiasse totalmente, enquanto Violetta, prostrada, a beijava apaixonadamente na boca, acariciando-lhe os seios.

86. Uma adolescente que destinamos a uma brilhante carreira, seja como esposa legítima ou cortesã suntuosa, deve apreciar a grande música, ainda que não toque pessoalmente nenhum instrumento senão seu corpo. Muito cedo Violetta herdara dos pais um gosto notório pela ópera clássica, domínio em que ela podia satisfazer ao mesmo tempo sua sensualidade, suas inclinações faustosas e seu exibicionismo. Quanto a mim, alugava todas as temporadas um camarote de assinante onde tinha toda a liberdade de expor uma favorita na vitrine, independentemente de sua idade, e, ao mesmo tempo, ficar a sós com ela. Durante uma grandiosa apresentação da *Butterfly*,

minha noiva em flor pusera-se de joelhos contra a balaustrada para se debruçar para o palco, com os cotovelos no estofo de veludo. Apalpei-a com determinação sob sua ampla saia pregueada de colegial, ali onde a carne é como seda. Ela me permitiu agir sem se furtar. Em seguida, tendo me observado com seus olhos arregalados e confiantes, enquanto meus dedos imiscuíam-se ainda mais, ela sorriu para mim e, sem dizer palavra, tirou a calcinha, voltando em seguida à sua posição, mas abrindo as coxas muito mais amplamente.

87. Acaricieei durante mais de uma hora, com uma das mãos, a roseta anal e o clitóris, utilizando uma vaselina afrodisíaca que eu tinha à minha disposição. Ela estava tão molhada na frente que seu muco escorria pelos meus dedos. E às vezes remexia as nádegas, envergando as costas como se procurasse me acolher melhor também em sua face posterior, o indicador e o médio enfiando-se pouco na estreitíssima brecha, cuja massagem interior não parecia desagradá-la. Caído o pano, perguntei-lhe se minha indiscrição não a perturbara em seu gozo daquela obra-prima da arte lírica. Com grande seriedade, res-

pondeu-me que não, ao contrário, aquilo combinava muito bem com o sentimentalismo de Puccini. Pegou respeitosamente minha mão esquerda, a que estava impregnada dela, para inalá-la por um instante, antes de levá-la ao meu nariz. “Você não acha?”, murmurou com seu ar mais inocente.

88. Para celebrar seus 12 anos, ofereci uma grande ceia em sua honra, em que os vinhos, as drogas e o álcool estimulavam uma licenciosidade geral, a qual compôrtava os estupros habituais infligidos às garotinhas e outras adolescentes submissas que cuidavam da casa, a valiosa Zerline, serviçal-amante que adquirira o status de sultana, sendo então utilizada como auxiliar de carrasco. Depois da sobremesa e do conhaque, Violetta quis subitamente, como presente de aniversário, que Zerline viesse ajoelhar-se a seus pés, nua em pêlo e com as mãos atadas às costas, para lambe-la (a bela palavra obsoleta que empregava sempre para designar sua vulva) enquanto eu mesmo vergastaria com um chicote que machuca muito as nádegas da sultana prosternada. A dócil serva declarava-se disponível para essa figura bem clássica, mas queria ser regamente paga, além de

seu salário de criada, evidentemente, e de seu cachê de puta. Vender-se por dinheiro constituía para ela um excitante sexual, mesmo quando fazia amor por prazer. Entreguei-lhe a polpuda cédula combinada.

89. Porém, quando ficou bem presa no chão pelos tornozelos e joelhos afastados, os braços acorrentados juntos mais acima que a cintura, e as duas mãos de Violetta segurando-lhe a cabeça com firmeza pelos seus cachos louros revoltos, para lhe esmagar a boca contra uma catita já bem úmida, decidi, descontente com sua barganha, golpear minha amante assaz cruelmente para fazê-la gritar de dor. “Lamba melhor que isso, rameira desajeitada!”, disse a garota. Apliquei duas vergastadas severas, sucessivamente, nas nádegas de Zerline, que se pôs a chupar mais corretamente o clitóris, enquanto eu lhe enfiava no ânus o cabo bem grosso do chicote. Ela protestou debilmente, com os lábios afogados em meio às pregas da vulva. E logo recebeu três chicotadas suplementares, ainda mais violentas. Em seguida masturbei longamente sua roseta lacerada, com o cabo de protuberâncias eriçadas que a dilacerava cada vez mais, enquanto ela se empenhava, cho-

ramingando de despeito, em pastar a vulva de sua jovem rival.

90. Violetta tendo levantado a cabeça dela para esbofeteá-la, Zerline implorou minha clemência para aquele exíguo tabernáculo, no qual eu sentia um prazer agudo em descarregar minha porra. Ordenei-lhe que se calasse e a chicoteei até que ela se desfizesse em lágrimas. Então a sodomizei de verdade, com meu pau que escorregava no sangue espalhado por seus inúmeros ferimentos, causando-lhe novas dores em lugar dos intensos gozos anais sentidos habitualmente. Triunfante, Violetta a esbofeteava com maior intensidade e lhe beliscava as pontas dos seios entre duas unhas para lhe arrancar novos gritos e fazer sangrar também aqueles maravilhosos encantos de adolescente que lhe davam tanta inveja.

91. Quando pus fim ao suplício (provavelmente injusto) da sultana humilhada e no fim das forças, e deposei em seus lábios um beijinho cúmplice, que ela me retribuiu com amor, a corajosa menina ousou me advertir: “Desconfie, meu Amo, dessa guria. Ela o ama e está com ciúmes. Se a deixar agir, não terá mais um minuto de sossego. Mereci

o chicote, talvez, é o senhor quem manda, e até mesmo o consolo bárbaro. Mas sua filha mimada merecia mais do que eu.” Foi nessa noite que mandei atirar, sem explicação, a mocinha precoce, ambiciosa e possessiva na enxerga de uma masmorra de desgraça, onde ela permaneceu cativa várias semanas antes de voltar a cair nas boas graças. Zerline, em todo caso, me será muito útil para esse adestramento cruel da minha Violetta.

92. Enquanto nossos dois cavalheiros assim evocavam, sob as arcadas ao abrigo do aguaceiro, o passado romanesco de um deles com a mãe ainda criança de Gigi, esta última voltara para o meio da piscina com Odile, a jovem escrava do outro homem. Esta pôs-se de joelhos na água diante de sua amiga do coração, para beijar sua sedosa xoxota loura segurando-lhe os quadris entre seus braços erguidos, e logo lambe sua fenda, tentando introduzir a língua. Diz baixinho: “Você também está toda molhada.” — “De jeito nenhum”, protesta Gigi, “é apenas a tempestade”. Num tom ainda mais confidencial, Odile rechaça essa esquiva: “Isso não tem gosto de chuva, é seu gosto delicioso característico!” E

lambe com mais insistência, sendo bem-sucedida em enfiar a ponta da língua entre os lábios lambuzados de muco. Gigi tenta imprimir um pouco de dureza à sua reprimenda: “Molhada ou não, não chame sua ama de você! Fique como está, vou puni-la.” A escrava fecha os olhos e estende seu delicado rosto para a bofetada que se anuncia. Ora, eis que Gigi agarra sua cabeça com ambas as mãos e a instala entre suas coxas. Quando Odile sente que o líquido brilha em seu rosto erguido, acredita a princípio que é a tempestade voltando. Mas não: é quente e perfumado. A ama está em vias de urinar longamente, com uma satisfação intensa, no rosto de sua boneca apaixonada, que abre a boca para beber um pouco da punição que escorre por entre seus lábios e sobre sua língua.

93. Firmado esse tratado de sujeição mediante consentimento mútuo, colocou-se naturalmente o problema dos quartos: onde Odile ia dormir? Para Sorel, a questão achava-se resolvida por diversos meses: iniciava na noite seguinte uma longa viagem profissional, ao longo da qual seria recebido por colegas estrangeiros que teriam ficado perplexos, chocados mesmo, com a pre-

sença de uma namorada tão escandalosamente menor em sua bagagem, sem dispor, além do mais, de nenhum passaporte! Odile, por sua vez, que apreciava o contato físico dos machos e suportava gulosamente sua dominação, mas preferia sentimentalmente o eros ambíguo das jovens damas, teria adorado dormir com Gigi. Mas esta mostrara-se categórica: nada seria alterado na casa. Dormir com boneca não era mais coisa da sua idade! E elas não dividem o quarto com escravas de volúpia. Portanto, continuaria a passar suas noites, a maior parte do tempo nua em pêlo, nos braços de seu educador, que via nisso tanto menos inconveniência quanto mais pensava acolher suplementarmente e de diversas maneiras, no vasto leito paterno, aqueles belos objetos de aluguel na casa de prostituição freqüentada por Sorel.

94. Odile ficará então instalada em uma das *deliciae* de que já tratamos, pouco utilizadas aqui de um tempo para cá, que são ao mesmo tempo quatinhos de amor perfeitamente arrumados, tanto para a luxúria como para o repouso ou a toalete, e massmorras de tortura dotadas de argolas, ganchos, polias e guinchos. Como a ama quer proibir à sua pu-

tinha privada as masturbações solitárias suscitadas por esse cenário evocador, passará todas as noites para desejar boa-noite à nova interna após ter feito amor com ela (carinhoso ou brutal), depois fechará a chave não apenas a porta externa, como também o cadeado da tranca que lhe prenderá as mãos às costas. Apaixonada por símbolos, pensa inclusive em eventualmente acorrentá-la por um pé em sua cama para materializar seu status de prisioneira e de dócil rameira. À guisa de compensação por essa castidade noturna, obrigarão a adolescente, exposta nua perante seus amos em ferros que em contrapartida lhe deixam as mãos livres, a acariciar publicamente o ânus e o clitóris, em particular durante as sessões de leituras sado-licenciosas, ou ainda como estatueta libertina em certos jantares de amigos.

95. Esse quarto de servidão sexual atribuído a Odile, a mais bela das celas de múltiplas delícias da vasta mansão, tem suas paredes decoradas não por quadros pintados em tela, mas por seis ou sete imagens representando garotas supliciadas. São em geral excelentes cópias fotográficas, enviaçadas e em molduras de madeira esculpida com estuques dourados à moda antiga. Gigi julga

nunca ter entrado antes nesse tipo de aposento, de cuja existência apenas desconfiava. Logo observa que as diversas fotos em questão foram tiradas no local: mesma disposição dos lugares, bem reconhecíveis, mesmos móveis de acaju em estilo imperial e bronzes em estilo egípcio, mesmos acessórios de tortura. A única diferença notável parece constituída pelas obras de arte nas paredes, que então eram gravuras do século XVIII. Além de grandes espelhos para as pessoas se admirarem, que se esparramam agora no teto. O espelho de tremó foi substituído por uma fotografia colorida de iguais dimensões em que se vê de perfil uma ninfa de cintura fina e atributos generosos, pendurada de cabeça para baixo acima da cama, suas compridas pernas divergentes esticadas na direção da abóbada por correntes oblíquas que envolvem seus tornozelos. Suas coxas estão abertas ao extremo, e, completamente nua, ela oferece seu sexo comodamente ao invisível carrasco.

96. Gigi demora-se com vivo interesse nos detalhes daquela posição, fazendo com que Odile admire o dispositivo de que esta, por sua vez, corre grande risco de ser usuária quando houver

merecido tal suplício... no dia, portanto, em que sua ama sentir vontade de a isso obrigá-la. Mostra-lhe que as correntes que pendem acima da cama estão sempre no lugar, que o guincho que as aciona está em perfeito estado (a manivela, com efeito, aciona sem nenhuma dificuldade as engrenagens bem lubrificadas), e que os largos braceletes de couro generosamente forrados que as rematam são efetivamente os que imobilizam os tornozelos da garota fotografada. Os ombros desta última repousam numa almofada estufada, sua cabeça pende para trás. Seus lábios estão entreabertos como se gritasse debilmente. Sua abundante cabeleira loura espalha-se em volta do rosto sob os lençóis azul-claros. Não se vêem suas mãos, manifestamente acorrentadas às costas. Usa uma venda preta nos olhos. Um largo filete de sangue vermelho-escuro escorreu pela sua barriga a partir da fenda pubiana até os seios já desabrochados. O interior das coxas está sulcado por linhas escarlates, que são autênticas vergastadas.

97. Quando Gigi reencontra seu pai, pergunta-lhe quem era aquela bela pessoa. Será que ele a conhecera, praticara com ela? Mal hesita antes de lhe

responder, sem dúvida alguma já esperando aquele tipo de pergunta: “É a sua mãe, a esplêndida Violetta, quando tinha 15 anos, isto é, imediatamente antes do nosso casamento.” — “E as outras fotografias que decoram o quarto?” — “É ela também, em diferentes épocas da nossa vida comum. As datas estão inscritas no verso com a própria mão dela. Na mais antiga, vemos ela chorar montada sobre um cavalete cuja aresta aguda rasga os lábios de seu sexo, está com 12 anos e mais alguns meses. Na última, aquela em que ela está de joelhos, empalada pela vagina sobre um imenso falo de cobre que distende sua vulva, os magníficos seios sangrando, lacerados pelo chicote, deve estar com 18 anos, ou seja, dois anos depois do seu nascimento.” — “Por que ela está sempre amarrada?” — “Ela gostava que eu a chicoteasse de verdade. Sentir-se, por meio dessas punições voluptuosas, imobilizada por correias bastante coercitivas, até mesmo mortificantes, aliviava sua consciência. Tirava-lhe todo sentimento de culpa.” Gigi tem a impressão de que subitamente um novo mundo abre-se à sua frente, no qual o misterioso desaparecimento da mãe assumiria um sentido completamente novo. Após intensa reflexão íntima, terminou por dizer, escondendo a emoção: “Eu a compreendo.”

98. O jantar, servido na sala de luxo, foi muito animado, como um sonho ao mesmo tempo solene e alegre. À tarde, sob pretexto de passar em revista o espantoso guarda-roupa (e subguarda-roupa) de prostituta de que Odile dispunha, Gigi se demorara em sua prisão lúbrica. Mais fascinada ainda com as luxuosas fotografias sado-eróticas depois que passou a conhecer o nome da estranha supliciada, decidiu subitamente, em homenagem a essa mãe mítica tão mal conhecida, experimentar em si mesma a posição humilhante e obscena em que a maquinaria a exibia acima da cama. Odile então atou-lhe os braços às costas, acima da cintura para deixar as nádegas bem livres, e ajustou nos tornozelos os amplos braceletes de couro preto, colocando em seguida a venda preta nos olhos. O guincho manual exigia um manejo tão delicado que o corpo revirado do brinquedo fadado ao sacrifício elevava-se lentamente em direção às abóbadas da masmorra, até assumir por si mesmo a posição exata admirada na imagem, as pernas esticadas num V bem aberto, o ninho macio do sexo louro oferecido à mercê dos tições incandescidos, do escalpo e das tenazes.

99. Odile aplicou algumas chicotadas secas nas duas nádegas de sua falsa vítima, com todo o vigor exigido por esta, que começava a gemer. Sua serva-carasco beijou-lhe carinhosamente a xoxota para consolá-la. Em seguida, cinco ou seis vergastadas, não muito fortes, entretanto, abateram-se sobre a concavidade frágil de cada uma das coxas. E Gigi, perdendo pouco a pouco o controle, solta pungentes estertores de dor. A serva, então, extrapolando as ordens recebidas, aproveita-se da venda que cega sua ama para descansar o chicote nos lençóis, abrir com ambas as mãos a vulva bem-amada inundada de seu próprio licor, lambê-la um pouco por gulodice, depois capturar entre os dentes o clitóris já todo inchado, apertando-o o estritamente necessário, e esfregar o bulbo enrijecido com a ponta da língua. As menores queixas ou gemidos da suposta mártir mudaram imediatamente de natureza, e logo de intensidade, descambando rapidamente para a indecência. Quando Odile, além disso, enfiou-lhe dois dedos lambuzados de vaselina no ânus, logo receptivo, ela começou a gritar de prazer, tão alto que teria alvoroçado a casa inteira se não fossem aquelas paredes de *deliciae* previstas justamente para abafar os uivos de sofrimento das cativas torturadas até a morte.

100. Entusiasmada com a competência da parceira, a garota bem-comportada parecia capaz de gozar indefinidamente, em vagas sucessivas cada vez mais próximas. Mas era percorrida por espasmos tão violentos que a precavida serva teme que ela machuque seriamente os tornozelos, apesar do macio forro dos braceletes, submetidos a sucessivas sacudidelas. Diz-lhe num ardente murmúrio de amor desvairado: “Você é uma cadelazinha sacana e tarada. E tenho que cuidar de você para que não faça besteira.” Acionando o comando de retorno do sistema mecânico, movido dessa vez exclusivamente pelo peso do corpo, pôs em andamento a libertação de Gigi, que tem a impressão de flutuar no vácuo, ao passo que a voz protetora muda de registro: “A senhora não deve esquecer que preside esta noite um grande jantar nos aposentos de seu pai. Se me der licença, vamos agora proceder à sua toalete.”

101. Enfraquecida pela longa tensão nervosa e os orgasmos em cadeia, Gigi acha cômodo abandonar-se aos cuidados sugeridos, sem sequer orientar sua organização. O banheiro de Odile não tem um luxo comparável ao do professor, oferecendo, ainda assim, todo o conforto necessário. Esque-

cendo-se dos imperativos da hierarquia social, a jovem ama entrega-se como uma criança. Dir-se-ia em vias de sonhar que a serva a senta delicadamente no assento da privada de acaju para que ela faça pipi; e Odile, debruçada sobre ela, a beija na boca ao mesmo tempo em que brinca com uma das mãos com o jato de urina que esguicha no vaso. As duas garotas confessam uma à outra que aquilo é bem melhor que a estátua de pedra da piscina de peixes vermelhos, e lamentam que não dure mais tempo. Odile em seguida lava com cuidado sob o chuveiro, no vapor perfumado, o corpo enlanguescido da princesa, depois acaricia-lhe as marcas do chicote nas nádegas e na virilha, aplicando uma pomada reparadora.

102. Quando chegam ao jantar, estão resplandecentes. A ama vestiu, pinçado no guarda-roupa profissional de Odile, um traje de colegial, tipo putinha menor de idade, muito apreciado pelos cavalheiros, sem nenhuma roupa de baixo. Para Odile, escolheu um minúsculo avental branco de fulaninha sexy que não esconde senão metade da barriga: uma fita de seda cor-de-rosa o mantém no lugar acima do umbigo, enquanto a aba inferior deixa perceber sua penugem ruiva ao menor

movimento que faça, e também, mais amplamente, toda a parte de cima das coxas até as ligas róseas com frufus que prendem as meias de seda branca, usadas sem sapatos. Atrás, sob o grande laço com argolas que fecha a fita, as nádegas, ainda enfeitadas com as indispensáveis vergastadas escarlates deixadas por Sorel, estão plenamente expostas, da mesma forma que estão nus os pequenos seios em forma de maçã, prontos para serem chicoteados também, mas dessa vez por Gigi.

103. Sentada à mesa na companhia do pai, esta representa a princípio a jovem dama reservada, digna, ciosa de seu status. Com o tempo, com as bebidas alcoólicas relaxando a atmosfera, alguns comentários sobre as belas nádegas da serva, injustamente molestadas, levam-na, por sua vez, a querer exhibir-se ao lado de Odile, ambas vistas de costas, para que o professor possa comparar as afrontas que sofreram. Como Odile, ela tampouco veste qualquer calcinha, bastando-lhe levantar a ampla e curta saia pregueada, em tecido escocês tradicional, até a cintura para exhibir os graves açoites que também a marcam. A pedido do pai, aproximam-se mais para ficar ao alcance de sua

mão. O estilo bastante livre e o tom espontâneo assumido pelas palavras deixam-no cheio de esperanças com a seqüência. Acaricia delicadamente as marcas nas nádegas das duas garotas, mas também, no caso da serva, sua roseta anal e sua penugem ruiva. Odile abre as coxas a fim de lhe facilitar as coisas caso ele deseje visitar sua vulva mais a fundo.

104. Tendo apreciado como especialista a qualidade dos açoites em ambas, pergunta à filha o que a fez merecer aquela severa punição; a aluna responde em toda a inocência que elas brincaram de reproduzir a grande foto de Violetta de que falaram ao meio-dia. De volta à mesa, ela lhe pergunta, como uma coisa igualmente corriqueira, se sua mãe deixava-se sodomizar. Sentindo um terreno favorável para outros desenvolvimentos ou exercícios, conta sem se fazer de rogado: “Quando comecei a submetê-la a isso, claro, Violetta não era sua mãe. Devia ter 12 anos. Virgem dos dois lados, eu só podia penetrar seu ânus à força. Isso a molestava e ela sempre chorava de vergonha, o que não é nada desagradável para o deflorador, como você leu muitas vezes em seus livros didáticos. Eu estava apaixonado por ela e queria fazê-la feliz,

porém, de toda forma, a tinha comprado de seus pais com a intenção explícita de infligir-lhe aquilo, e pior ainda naturalmente.”

105. “Em seguida, muito rapidamente, aceitou gentilmente prestar-se a isso, mas com a condição de que fosse para puni-la, e de preferência após tê-la imobilizado numa posição degradante. De sua boca, ao contrário, eu fazia uso desde o início sem cerimônia: chupar meu pau a divertia, a ejaculação a regozijava como uma recompensa por seus esforços, e ela engolia o esperma sem demonstrar qualquer tipo de nojo. A partir dos 12 anos de idade, seu pequeno tufo pubescente tornava-se sedoso e dourado. Do outro lado, graças às pomadas, à minha delicadeza quando necessário e à sua sensualidade expandida, ela começou progressivamente a sentir um real prazer com a sodomia. A humilhação continuava, mas agora fazia parte de seus gozos clitoridiano-anais. Esse amor dito antinatural nos convinha a ambos, uma vez que ela fazia questão absoluta de permanecer virgem até as bodas. Quando fez 15 anos, nos casamos. Mas não a deflorei logo, com o sadismo pelo qual minha jovem esposa tomara gosto tirando um partido perverso de sua virgindade.”

106. Depois da sobremesa, Gigi tira o aventalzinho de Odile, bem como suas meias de seda, e prende suas mãos às costas. O pai divertido lhe pergunta a razão daquilo. Sua filha lhe explica que é o triste destino de uma serva: uma vez terminado seu trabalho, na mesa, na cozinha ou em qualquer outro lugar, ela deve sem tardar despir-se inteiramente e ficar à disposição dos patrões, não raro de joelhos e com os braços atados um no outro atrás da cintura. Assim será mais cômodo se quiserem estuprá-la ou lhe impor algumas sevícias ou a obrigar a lambar um sexo, masculino ou feminino. “Não é mesmo, putinha?”, ela diz à fulaninha, beliscando-lhe a ponta do seio com benevolência. “Sim, senhora”, responde esta, baixando os olhos com pudor. Gigi decide justamente oferecê-la a seu pai para que fizesse dela o que lhe aprouvesse. E, sem esperar, ajoelha sua boneca entre as coxas do professor, que acaricia distraidamente sua boca, depois o interior da vulva, toda escorregadia de muco por causa das últimas bolinações a que seus encantos foram expostos para a apresentação dos pratos e vinhos à jovem dama, ocupadíssima com a nova criada.

107. Sorel deixou outro presente pessoal para seu amigo: uma caixa de Romeo y Julieta bitola “ro-

busto”. Prepara-se para acender um, mas não o estima suficientemente úmido. Odile, habituada aos cavaleiros a despeito de sua recentíssima iniciação, compreende tacitamente. Prepara-se então para uma alteração no seu equilíbrio, afasta os joelhos e ergue uma das pernas para apoiar sua panturrilha sobre a coxa do fumante, que a ajuda com uma das mãos a ficar na melhor posição. A xoxotinha de pentelhos ruivos acha-se assim na altura correta, um acesso fácil para nela enfiar com precaução a ponta não cortada do charuto. Como a adolescente não é virgem, é possível enfiar inteiramente o frágil cilindro de tabaco em sua vulva, molhada de forma ideal para um vaivém bem delicado, realizado com dois dedos prudentes pelo pai, meticoloso como sempre, que em seguida o leva a suas narinas. Satisfeito com o resultado, faz sua filha cheirá-lo também. Depois corta sua ponta arredondada com os dentes e acende sem pressa a outra extremidade. “Delicioso”, diz ele soltando algumas baforadas aromáticas. Quando a ponta incandescente está bem vermelha, ele a aproxima do seio da criada para roçar sua aréola. A moça, acostumada, parece, a esse tipo de homenagem, mal revela um leve sobressalto sob a fugaz queimadura, mas recobra imediatamente seu sorriso passivo de escrava.

108. Evocando as lembranças de sua mocidade no exército numa época em que as duras leis da guerra ainda beiravam os costumes militares ancestrais, o pai, que saboreia longas baforadas do Julieta lambuzado, discorre sonhadoramente com sua filha sobre o destino reservado às belas prisioneiras capturadas por ocasião da pilhagem de uma cidade conquistada. O gesto carinhoso que ele acaba de fazer, com seu havana, na direção do amável seio oferecido, lembra-lhe que era então praxe, no tocante àquelas excitantes juvenzinhas escolhidas especialmente com vistas a seu suplício, após o festim da vitória, que elas haviam servido nuas em pêlo aos oficiais, queimar detidamente seus encantos ainda intactos durante a degustação dos charutos, e apenas em seguida deflorá-las, depois fazê-las perecer, em grupo ou uma depois da outra, em intermináveis torturas. Para satisfazer a legítima curiosidade de Gigi com relação a esse tradicional repouso do guerreiro, ele relata velhas reminiscências autobiográficas, umedecendo novamente o havana de tempos em tempos, com o risco de infligir algumas queimaduras, na catita de Odile, que não mudou de posição. “Todos deveriam”, ele declara, “reconhecer que esse processo de umedecimento

impõe-se, com a condição de que os dois aromas casem bem”.

109. · Sempre muito emocionada com os relatos de suplícios, e mais ainda com este em que seu pai é protagonista, a aluna lamenta em termos pudicos nunca ter visto os seios em brasa de uma cativa empalada em sua pica. E tenta imaginar o maravilhoso espetáculo final das 36 senhoritas sacrificadas juntas, penduradas pelos tornozelos ao redor de toda a sala em rotunda onde aconteceu a festa, lado a lado e com as pernas bem abertas, o pé direito de cada uma atado ao pé esquerdo da vizinha, as três dúzias de púbis fendidos com quatro ou cinco golpes de sabre, de onde o sangue escorre em abundância por sobre os corpos que se contorcem de dor, durante uma ou duas horas pelo menos, antes de expirarem, o conjunto circular formando uma graciosa cortina vermelha agitada pela brisa.

110. Porém, nossa estudiosa noviça, cada vez mais exaltada, é obrigada a levar a boneca-umidificadora para sua jaula. Inútil libertar-lhe as mãos, uma vez que ela deve dormir assim. Sua ama a obriga então a fazer pipi, depois sua toalete, com

os braços acorrentados às costas, o que acarreta todo tipo de contorções lascivas e algumas vergastadas, esbarrando às vezes em dificuldades insuperáveis que fazem a prisioneira rir. Quanto ao interior do sexo, entretanto, a própria Gigi, boa princesa, dá conta do recado, mas com uma insistência brutal. Em seguida, pretextando o calor excessivo, provavelmente em virtude da proximidade do *fornax*, ela tira agilmente seu vestidinho, sua única roupa, e se deita de costas na cama. Joelhos dobrados e erguidos, coxas abertas, os pés repousando na beirada do colchão, ela começa a manipular o clitóris, nervosamente.

111. A um sinal imperioso que dirige à sua súdita escravizada, agora mais ou menos limpa, esta vem ajoelhar-se contra a cama, debruçada para frente a fim de beijar o sexo em brasa dessa cúmplice tirânica, que aproveita para lhe aprisionar os ombros entre suas pernas erguidas, apertando a cabeça dócil de cachos ruivos que ela ao mesmo tempo empunha com ambas as mãos para aplicar a espessa boca cobiçada contra sua vulva, com tanta violência que Odile, que está com as mãos imobilizadas, não consegue encontrar imediata-

mente o acesso. “Lambe, puta estúpida!”, impacienta-se Gigi, às voltas com sua fantasia, vendo aparecer à sua frente uma dublê da serva, pendurada, dessa vez, pelos pés. O pai, imenso em seu pijama preto, mantém-se atrás da vítima, brandindo seu sabre de cavalaria (o que fica no sótão e lhe dava tanto medo quando ela era criança), cuja lâmina reluzente engasta lentamente seu gume afiado, uma vez, duas vezes, no púbis esculpido de Odile, que agora colocou língua e lábios no lugar certo e chupa o clitóris o melhor que pode. No sétimo golpe de sabre, o sangue vermelho jorra aos borbotões sobre a barriga e os seios. E Gigi começa a gozar, soltando um grito rouco e prolongado, como se ela própria acabasse de ser fendida até o útero.

112. Aniquilada com aquele gozo de duração incommensurável, ela volta em seguida ao grande leito conjugal com um passo de sonâmbula, sem se preocupar em se lavar ou vestir suas roupas. Assim que percebe seu pai de pijama preto, o qual, deitado de barriga para cima, está lendo um velho livro, ela se precipita para esse refúgio e se deita sobre ele. Ele diz afetuosamente: “Você está cheirando a estupro”, deixa de lado o volume que se-

gurava nas duas mãos, e aperta nos braços o corpo trêmulo cuja carne enamorada esfrega-se contra seu peito e sua barriga, mais lascivamente que de hábito. Recuperando seu patrimônio com emoção, ele apalpa a bundinha redonda que se acha sob suas mãos e lhe pertence desde sempre. Tendo encontrado o ânus, acaricia deliberadamente o orifício. Pouco a pouco, a garota se acalma. Diz finalmente com uma hesitante voz tímida: “Se o senhor enfiar seu dedo na minha rosa secreta, estaríamos falando de sodomia?” — “Não”, responde o protetor entusiasmado, “para isso eu tinha que enfiar outra coisa!” — “E se enfiar dois dedos?”

113. Na realidade ele está louco de vontade de experimentar imediatamente, tanto a percebe disponível e disposta a dar o último passo. Mas não dispõe de vaselina ao alcance da mão... E, aliás, Gigi visivelmente está caindo de sono. Ele se prepara para sair da cama a fim de que ela descanse, quando a adolescente, em sua sonolência, que logo vem a prevalecer, num confuso murmúrio lânguido, deseja que o gentil papai vá estuprar a serva em sua masmorra, cuja porta não está fechada a chave. A putinha está nua, os braços imo-

bilizados às costas e um único pé acorrentado na cama. Que ele a possua como bem entender, sem pedir a opinião dela, mas ela gostaria que no fim, após tê-la esbofeteado até as lágrimas, ele espalhasse o sêmen viscoso sobre seu rosto sujando-a o máximo possível. Assim, ela não poderá lavar-se, uma vez que não terá desarmado as correntes, cuja senha ignora... Por que não? ele pensa. No momento em que deixa o quarto para cumprir sua missão, percebe que Gigi já dorme profundamente, esgotada por aquele dia cheio, na inocência lendária das garotinhas com rosto de anjo que amam seus pais, são aplicadas na sala de aula e recitam sem erro as lições aprendidas.

114. No fim desse dia notável, o pai decidiu restabelecer a organização modelo de sua casa, tal como Violetta a conhecera. Sem dúvida igualmente satisfeito com sua noite de amor com Odile, quer começar pela aquisição de novas internas, tanto para ocupar as quatro *delicae* que permanecem vazias como para o harém tradicional de concubinas — favoritas ou simples escravas — que se vê deserdado há lustros. Almeja enfim reconstituir os dois dormitórios de meninas, indispensáveis para o serviço de uma vasta resi-

dência à moda antiga, que recebe todas as noites convidados amantes de prazeres, sem contar as grandes festas de aniversários, comunhões, casamentos, deflorações relevantes etc. Enumeremos as fontes de abastecimento mais freqüentes: asilos de detenção para garotas onde acham-se à venda crianças perdidas, abandonadas ou em fuga, ou simplesmente raptadas; uma feira de servas, em geral com idade entre 9 e 17 anos, que se tornara rapidamente um mercado para companheiras de cama; cativas alforriadas como tributo de guerra, na faixa etária, portanto, entre 7 e 19 anos, são arrematadas em leilões por particulares; adolescentes virgens, esposas tenras, mulher-criança aleitando seu bebê ou princesa de sangue real; e finalmente a importação de jovens condenadas à morte.

5. O café-da-manhã do dia seguinte é servido muito tarde, o que raramente acontece. O jornal local, num calendário das liquidações, promoções e feiras ambulantes, anuncia para aquela mesma noite a venda excepcional de todo um internato religioso, especializado na educação sexual de belas garotas pertencentes à boa sociedade e condicionadas para um casamento feliz. Raptadas

num Estado inimigo, em que a classe rica fala francês, elas têm todos os seus documentos de identidade confiscados, podendo portanto ser vendidas “para todos os usos”. Os negócios, cujo acesso não é gratuito, irão acontecer num castelo histórico dos arredores, enfiado no meio de um parque de vegetação densa e protegido por altas grades. Aureolado de mistério, seus moradores nunca são vistos, afora um bando de grandes cães pretos de latidos ferozes. O professor decide imediatamente ir até lá e levar com ele suas duas alunas, deslumbradas com o caráter aventureiro da expedição.

116. O pai então atrelou o velho cavalo, bastante lerdo mas ainda de boa aparência, à mais elegante vitória, testemunha de uma grandiosidade passada. Na ausência de cocheiro, ele mesmo conduz o veículo, empoleirado na poltrona mais alta da frente. As duas garotas, vestidas com apuro, atraem todos os olhares. Sentadas lado a lado no amplo assento traseiro forrado de couro, dão-se as mãos comportadamente, sem deixar transparecer muito sua curiosidade por aqueles novos lugares. As duas folhas do alto portão de ferragem são abertas, coisa raríssima. O pai adquire, apenas

para si, um privilégio importante, as senhoritas sendo admitidas sem pagar, estejam ou não à venda. A recepção (pois se trata, parece, de uma noitada social) acontece na ala mais recente do castelo, que data dos primeiros anos do século XIX, com uma vista impressionante para a parte antiga, medieval, fortificada, quase sem aberturas, que é de fato uma prisão, um tanto especial. Observa-se logo, nos salões suntuosos, aquelas jovens pessoas reservadas oferecidas à cobiça dos arrematadores, pois conservaram o gracioso uniforme de seu internato, em sua versão leve mais estival, considerando o calor tempestuoso que reina nesse fim de julho.

117. Sorridentes e belas, circulam por entre os grupos de cavalheiros elegantes para lhes apresentar com deferência as bandejas cheias de taças de champanhe, salgadinhos ou canapés comprados num bom fornecedor. A única coisa surpreendente até agora reside no fato de que esses homens, que se relacionam entre si com extrema polidez, não se privam não apenas de olhar para as belas garçonetes sem a menor discrição, como também de apalpá-las às vezes de uma maneira mais que inconveniente. Se um deles manifesta

esse desejo, a moça designada larga sua bandeja em uma mesa para que seu admirador possa abrir parcialmente seu vestidinho justo, a fim de lhe acariciar os seios, o sexo, as nádegas, a virilha, beijá-la na boca, colocá-la em posições tanto mais licenciosas tendo em vista que não usam nenhuma roupa de baixo, nem sequer a mais exígua lingerie. Elas aceitam essa libertinagem como absolutamente natural, complacentemente, acolhendo os gestos mais ousados com a dose certa do que convém como reação de pejo. Quartinhos com sofá estão inclusive previstos para que a colegial possa se despir por inteiro, considerando homenagens mais íntimas, não obstante sem afetar nenhuma de suas virgindades.

118. Mais espantosas ainda, decerto, num contexto burguês, são as estátuas vivas que ocupam vitrines aqui e ali. Pertencem todas ao mesmo modelo: uma adolescente inteiramente nua, vista de lado, pregada em X numa cruz, o corpo transpassado em diversos lugares interessantes por flechas e mergulhado na dor, como figuras fêmeas de são Sebastião paramentadas com o sangue fresco que escorre de suas feridas. Para abafar seus gemidos e manter uma atmosfera agradável, correta, ave-

ludada, enfiaram enormes absorventes de lingerie ensangüentada em suas bocas. Ali estão algumas condiscípulas dos objetos à venda, que foram sacrificadas para espalhar um saudável terror entre as cativas, o que explica o bom aspecto do conjunto. Várias crucificadas parecem, aliás, moribundas.

119. Um rapaz encantador com forte sotaque inglês aproxima-se de Gigi, que continua de mãos dadas com Odile, a qual veste o uniforme de interna sexy que sua ama usava na noite anterior, ambas fascinadas com a vitrine, onde uma estátua volumosa, de expressão afetuosa e ainda bem viva, tenta em vão mover os membros, conseguindo apenas expandir as feridas causadas pelos grossos pregos forjados que a fixam em sua cruz, atravessando a palma de suas mãos e a parte posterior de seus tornozelos, bem como por uma quinta ferida ensangüentada provocada pelo curto eixo metálico com dentes de serrote sobre o qual repousa seu púbis. A pirralha (15 ou 16 primaveras) tem uma discreta penugem castanha toda impregnada de sangue, duas flechas tendo lhe penetrado profundamente no púbis. Quando Gigi se volta para o jovem inglês (ele certamente

não completou 20 anos), dirige-lhe um sorriso de conveniência. Ele se arrisca a perguntar se sua amiga está à venda. “Naturalmente, cavalheiro”, responde ela, “tudo está à venda aqui. Basta pagar um preço justo.” O rapaz, bastante intimidado, hesita. Gigi retruca: “Em todo caso, esta é a regra absoluta: pode acariciá-la de graça.” Tendo a comovente supliciada da vitrine conseguido descolar um pouco suas nádegas de sobre o suporte que a tortura ao mesmo tempo que a impede se abaixar, sua vulva dilacerada começa a sangrar mais, formando rapidamente uma pequena poça no chão. “Lindo, não é?”, comenta Gigi.

120. Em seguida, dirigindo-se a Odile, que acaba de se virar também, ordena-lhe num tom sem réplica: “Abra seu sutiã, sua vadia, o jovem cavalheiro quer bolinar os seus seios.” A serva diz: “Sim, senhora”, e obedece imediatamente, mas com uma fisionomia de medo. O inglês cora, como só eles sabem fazer, enquanto a serva obediente abre com ambas as mãos as abas desatadas de seu vestido, de entre as quais irrompe o maravilhoso peito intacto, cujas aréolas foram inclusive maquiadas de cor-de-rosa e o biquinho com um vermelho mais forte. Em seguida, sem esperar a or-

dem que não deveria tardar, Odile levanta a parte inferior da saia para mostrar bem sua barriga lisa, e na ausência de calcinha, sua delicada penugem ruiva. Gigi pega a mão do rapaz demasiado bem-educado, que não sabe mais onde a pôr, e a esfrega na fenda pubiana úmida, dizendo: “Ela tem um cheiro suave e muito excitante. Cheire seus dedos agora.” A serva, que entra com facilidade no jogo, implora lacrimajante: “Não me venda, Ama, eu lhe suplico. A senhora sabe muito bem o que eles fazem com suas compras. Eu não queria morrer tão cedo.” — “Sim, eu sei, claro... Mas se ele pagar bem... Aliás, ele não vai obrigatoriamente martirizá-la de imediato. Vai querer se aproveitar do seu dinheiro durante vários dias. Se você souber se comportar, poderá durar uma boa semana.”

121. Nesse momento, Gigi percebe o professor, que se dirige para elas com um ar satisfeito, decerto em virtude de suas aquisições. “Ali está o nosso pai”, diz ela ao rapaz, invadido por novas preocupações. “Que bom que você chegou, querido papai, para nos socorrer. Esse jovem inglês parece entender relativamente francês, mas não quer aceitar que suas filhas não estejam à venda.” Ela

continua a segurar a mão do comprador em pânico, mão que leva às narinas para inalar com insistência. “Sim, querido papai”, diz ela, “o senhor chegou na hora certa: ele está prestes a deflorá-la com seus dedos enormes.” O pai responde, imperturbável: “Se o cheiro de Odile o agrada, poderíamos vendê-la virgem, mas é evidentemente muito mais caro... E depois, pensando bem, prefiro arrombar eu mesmo sua virgindade, como estava previsto, após tê-la, como de praxe, torturado bem longamente, o que de toda forma não iria tardar, e com você também, provavelmente, a fim de vê-las sofrerem uma ao lado da outra, espetáculo encantador para um pai sentimental, o senhor compreende, mocinho. Nesse ínterim, encontrei o que preciso: seis garotas, duas concubinas e quatro condenadas à morte para as *deliciae*: Na realidade, as 12 têm a mesma origem (o internato destruído) e o mesmo status. Mas decidi por sua utilização em nossa casa. A entrega é feita a domicílio, por prudência, num camburão da polícia. Enquanto isso, nossas comprinhas estão confinadas na prisão contígua, onde passaremos para visitá-las.”

122. Essa penitenciária feminina, anexa ao castelo, mereceria uma vista aprofundada. Mas apenas são

admitidos nesses lugares secretos (e temíveis) os clientes sérios, que tenham feito compras relevantes. Chegam lá, a partir dos salões onde acontece a venda pública, por uma galeria subterrânea que desemboca primeiro num antigo museu dos suplícios, fechado já há muito tempo. Ali foram armazenados ao longo dos séculos, numa acumulação de coisas bizarras, freqüentemente monumentais, máquinas de torturar de diversas origens: egípcias, otomanas, babilônicas, bizantinas, romanas, sírias, chinesas etc. Gigi teria de bom grado se detido em algumas com Odile, para experimentar com ela determinadas posições pouco compreensíveis, porém, a despeito de suas consideráveis dimensões, as salas acham-se iluminadas apenas por raras lamparinas. E os policiais guiam o trio num passo rápido.

123. Depois de atravessarem outros espaços, ao contrário completamente vazios, como abandonados, chegam a um recinto vazio e branco, mobiliado unicamente com uma dezena de cadeiras muito dignas mas pouco confortáveis, do gênero cátedra, um painel sobre a porta indicando que se trata de uma “Sala de espera. Expedição das mercadorias.” Já há três pessoas sentadas: um jovem

casal na moda, o rapaz trajado num estilo elegante e sóbrio, acompanhado por uma moça da mesma idade (uns 20 anos) vestindo com desenvoltura um vestido de soirée em tule preto, rasgado de maneira sugestiva por algum costureiro de vanguarda; o terceiro cliente é uma gorda e respeitável senhora, que tem nas mãos um grosso álbum de fotografias, que folheia distraidamente. Talvez ela tenha escolhido por meio de simples retratos, pois Gigi não a notara nos numerosos salões do coquetel, que abrangiam a exibição sem limitações de todas as colegiais na idade de 7 a 16 anos, a escolha de eventuais eleitas, seu exame humilhante, bem como os testes particulares que se impõem.

124. Fazem então sua entrada dois policiais uniformizados, empurrando sem cerimônia à sua frente três senhoritas, visivelmente provenientes do instituto de educação de onde vem o conjunto das servas à venda. Também usam vestidos de internas e botinas com cadarços; mas há, em sua apresentação, um detalhe radicalmente inédito: todas as três têm as mãos acorrentadas às costas, e seus tornozelos apresentam, sobre as delicadas botinas, grossos braceletes de ferro, brutos de

forja, que incluem uma peia com imensos grilhões, suficientemente curta para impedi-las de correr, ou mesmo de caminhar rapidamente. O jovem marido levanta-se com uma expressão acolhedora e as inspeciona uma depois da outra com uma cara satisfeita, segurando em sua mão direita uma fina chibata com uma mecha bem larga e flexível. As três cativas, adolescentes de meros 13 ou 14 anos, são lindas, graciosas, visivelmente bem torneadas. Seus uniformes, mais ou menos desabotoados, entreabrem-se tão agradavelmente que revelam por instante um ombro, um seio, e até mesmo o púbis desprovido de calcinha, pois elas se apresentam aqui no estado displicente em que acabam de escolhê-las os compradores no desfecho de uma longa bolinação. Apenas lhes acrescentaram as pesadas correntes.

125. Duas delas são um sorriso só, e parecem divertidas com seu rapto romanesco, curiosas pela seqüência e visivelmente disponíveis. É fácil compreender, ao vê-las, que as três foram compradas como companheiras de alcova, que sabem disso, e que pelo menos duas fizeram a escolha sensata, na falta de um marido legítimo ao qual as destinassem, que inclusive podia ser feio, velho e bru-

tal. Deixam-se manipular com uma complacência bastante promissora pelo novo proprietário, que, para fazê-las se virar, dobrar os joelhos, abrir as coxas, segurar entre os dentes um pedaço de saia que o amo acaba de levantar bem alto para lhes enfiar a bainha na boca expondo todo o ventre, aplica-lhes leves chibatadas que atingem de raspão as carnes, ainda protegidas em diversos pontos pelo uniforme desfeito. Uma delas, que deve ser a mais jovem, a julgar pelo triângulo estufado de seu púbis, liso como um pêssago mas com a fenda galantemente marcada, mostra inclusive, numa submissão temerosa bastante bem-sucedida, e embora seja evidentemente virgem como todas as suas companheiras, uma origem amorosa de jovem esposa supliciada: a chibata tendo-lhe atingido as nádegas com uma intensidade especial, a gentil prisioneira consegue com suas duas mãos acorrentadas levantar toda a parte de trás do vestido, para oferecer diretamente às vergastadas sua deliciosa anca já empinada, cuja poderosa sedução ela já conhece por experiência.

126. O comprador comovido aplica ali três golpes bem fortes, que a hábil guria acompanha com tocantes caretas de criança espancada, decerto

aprendidas em aula. Percebe imediatamente que aquilo funcionou, pois o amo a vira para beijá-la apaixonadamente na boca, ao mesmo tempo em que acaricia com uma mão delicada suas nádegas laceradas. A ama, que permanece sentada, elogia a boa aluna por suas gentis maneiras. Mas ela quer que seu marido traga para ela agora aquela das três garotas que, ao contrário, parece infeliz e com medo. A dama quer ver, entreabrir e apalpar sua vulva. O rapaz então a coloca ao alcance da mão diante de sua esposa, e exhibe todo o ventre excitante como fez com a precedente. Esta obedece incontinenti, mas sem graça, apertando contudo todos os incisivos no tecido. Tem uma penugem castanha de tamanho discreto, mas já bem densa. Quando a ama estica a mão, para introduzir brutalmente os dedos em sua vulva, a adolescente desamparada desfaz-se em lágrimas e abre a boca para pedir misericórdia, deixando o pano cair novamente.

127. Determinando que a aprendiz de puta mal-educada deve ser punida sem demora, a cliente autoritária ordena-lhe que se ajoelhe colada nela levantando a saia por trás com as mãos acorrentadas, como acaba de fazer tão bem sua pupila. Ao

mesmo tempo, semiprosternada, ela beijará o púbis de sua ama, em cima da coxa despida, por um rasgo propício do vestido preto. Provavelmente não o faz com suficiente sensualidade, pois o rapaz açoita-lhe as nádegas com toda a força, enquanto sua esposa mantém a vítima agarrando-a pela vulva, que ela esfolia sem prestar atenção com suas unhas cortadas em ponta. A prisioneira berra de dor. Um guarda aproxima-se imediatamente e propõe à compradora que passe sua presa para uma cabine de testes, ou mesmo de tortura, pois a sala de espera é prevista apenas para as apresentações, não recatadas em excesso, mas evitando todos os embates perturbadores. O marido aquiesce sem discussão.

128. Mas ele então declara às suas três cativas que a jovem dama a que elas agora pertencem só lhes quer bem, com a condição porém de que saibam participar de seus jogos eróticos. Se, ao contrário, chorarem estupidamente à menor liberdade, sua sorte será completamente diferente. Elas foram compradas “para todos os usos”, não esqueçamos, e sua ama tem o direito de fazê-las morrer quando quiser em meio a terríveis suplícios, o que pode muito bem ser o caso daquela bela pes-

soa que acaba de se comportar de maneira deliberadamente idiota. Elas são objetos de amor, ora, o prazer amoroso assume eventualmente formas crudelíssimas. Nesse momento entram três cavalheiros vestindo preto, ingleses, um dos quais avança até Gigi para lhe pedir autorização para se sentar ao lado dela. E não demora a entabular conversa.

129. “Eu estava vigiando meu filho de longe”, diz ele, “e a senhora zombou dele com toda a razão.” Em seguida, dirigindo-se ao homem mais velho que ele então percebera e que supõe ser o pai: “Suas jovens filhas fizeram meu garoto acreditar que o senhor veio aqui para vendê-las, e se comportou como um imbecil. Chegamos da Inglaterra, ele e eu, com a intenção de comprar uma ou duas bonecas francesas para ele. Coisa da idade dele. Ele está noivo de uma virgem de 14 anos e me parece tão ingênuo quanto ela. Acho muito importante para seu futuro comum, que ela adquira o hábito de ser chicoteada sem razão, antes mesmo de sua noite de núpcias. Antigamente esta era uma tradição bastante difundida entre nós, em todas as boas famílias da sociedade burguesa. E os casamentos tornavam-se mais sólidos com

isso: ninguém se divorciava por qualquer ninharia. Por conseguinte, estou lhe dando, pelo seu 18º aniversário, duas virgens de 13 e 15 anos, egressas de uma instituição especializada no aprendizado de jovens esposas, conhecida até na Inglaterra.”

130. Três policiais fardados chegam nesse momento, acompanhando um lote de garotinhas, que parecem ter entre 7 e 12 anos e provir de outra fonte que não o internato chique que sofrera as represálias de nossas tropas. Usam exatamente os mesmos ferros de contenção que as adolescentes entregues ao jovem casal. Mas estão todas inteiramente nuas, e uma corrente suplementar as prende juntas num amável conjunto ondulante que os guardas encaminham para a senhora gorda. Esta logo começa a apontá-las sucessivamente num registro, controlando não se sabe o quê em seu álbum de fotos. São em número de dezoito e se apresentam à sua compradora por ordem de idade decrescente, para recitarem, com sotaques relativamente característicos da Europa central, frases simples que devem ter aprendido na prisão. Parecem bem torneadas e seus jovens corpos, criteriosamente alimentados, mas sem

excessos, despertam o apetite carnal. Destacam-se, contudo, à primeira vista, como menos deliberadamente modeladas para o prazer que as servas colegiais vendidas nos salões.

131. A primeira avança e diz, tremendo um pouco: “Meu nome é Fabiola, tenho 13 anos, sou virgem. Ainda não tive minhas regras.” Tem uma encantadora penugem loura no púbis e minúsculos seios nascentes. “Isso não é tudo”, diz a senhora com delicadeza, esperando um detalhe vergonhoso, difícil de externar. A criança continua um pouco mais baixo: “Meu pai me sodomiza há seis meses, apenas uma vez por semana, quando volto da escola religiosa para passar o domingo em casa. Ele me acusa de colocar veneno em seu café. É mentira, claro, mas ainda assim fui condenada à morte.” Explode em soluços desesperados, em seguida, a despeito das lágrimas, acrescenta com esforço: “Falo muito bem o francês do dia-a-dia.” É tão comovente e atraente ao mesmo tempo, com sua delicada penugem desarmada, que Gigi lamenta não poder comprá-la, por um preço decerto bem barato.
132. O cavalheiro inglês explica ao pai que a gentil e gorda senhora é uma de suas amigas, que faz re-

venda no varejo na Alemanha e na França (ela é alemã). As garotinhas que ela vai levar são condenadas à pena capital, umas mais culpadas que outras, importadas da Morávia. Não vão ser obrigatoriamente executadas. Todas, sem exceção, sofrerão os diversos estupros de praxe, nem sempre suplementados com torturas. Em seguida, as menos graciosas irão trabalhar como escravas anônimas em ateliês de costura. As mais bonitas serão colocadas em casas de prazer, e algumas vezes, convém admitir, prazeres muito cruéis. Criminosas ou não, o fornecimento de garotas acorrentadas e nuas é corriqueiro aqui, seja qual for sua origem, e desempenha um papel, creio, na excitação dos clientes. Não deve ser este o caso da austera dama alemã, que não dá nenhuma atenção erótica às garotinhas, sequer às mais comíveis, de que poderia desfrutar à vontade.

133. No que se refere a Gigi, encantada com o espetáculo, partilha em todo caso a opinião geral de que sua nudez sem defesa, somada às correntes mais que coercitivas, dá a impressão de que estão sendo levadas para o suplício, o que aumenta necessariamente sua atração sexual. Espantando-se ela mesma com sua própria (e recente) audácia,

ela comunica essa apreciação a seu vizinho inglês, que é da mesma opinião e lhe propõe, caso horríveis sessões de torturas em belas adolescentes interessassem ao professor e às suas distintas senhoritas, introduzi-los em lugares especializados e avisar ao pai em tempo hábil quando acontecer uma representação grandiosa de sacrifícios reais em algum teatro privado mancomunado com a polícia, ou mesmo eventualmente uma dessas ceias ditas “libertinas extremas”, muito na moda nos dias de hoje, em que as deliciosas servas, com idade entre 10 e 16 anos, foram vendidas pelos pais como aprendizes de putas para todos os usos.

134. Essas garotas acham que se trata apenas de servir a mesa, nuas em pêlo, dos cavalheiros ricos e se deixar acariciarem na passagem por eles sem criar caso, beijar um pouco seu corpo por toda a parte, ou às vezes aceitar algumas ligeiríssimas serviços sexuais, como pequenas chibatadas ou minúsculas queimaduras de charutos sobre seus atributos, na realidade fruto do amor conjugal. Porém, os pais sabem muito bem que não voltarão a vê-las, que elas serão drogadas para destruir progressivamente seus instintos de defesa, suportando homenagens cada vez mais lúbricas.

Todas, definitivamente, até mesmo as virgens ainda bem distantes da idade núbil, serão estupradas durante a refeição, depois, com a devassidão e a licenciosidade descambando abertamente para o horror, sofrerão suplícios impostos pela força, logo intoleráveis, sendo assim levadas à morte uma depois da outra. As famílias muito prolíficas vêem nisso uma oportunidade de estabelecer de uma maneira definitiva as crianças fêmeas em excesso, mas, infelizmente, sobretudo as mais bonitas, às quais são aplicadas tarifas oficiais bem elevadas, em vez de pagarem um dote generoso para entregá-las a um marido problemático e sem garantia.

135. Quanto às garotinhas hoje adquiridas pelo pai, ele pode usar e abusar delas o quanto quiser, fazê-las perecer em tormentos de sua escolha, ou mesmo revendê-las (a mais-valia não será imposta). Pode emprestá-las a amigos, que terão todos os poderes que ele lhes conceder: acariciá-las, possuí-las, torturá-las etc. Porém, caso as prostitua, isto é, caso receba dinheiro ou presentes em troca desse deleite, nem que seja apenas o de assistir a seu martírio, deverá declarar com antecedência sua residência como empresa comercial e

pagar todos os impostos e tributos relativos a esse gênero de mercadoria. Da mesma forma, para uma revenda definitiva, que escape à imposição das mais-valias, deve assumir as taxas sobre as transações mercantis, bem como integrar as somas recebidas em seu patrimônio.

136. Lembremos aqui alguns aspectos importantes relativos ao status legal das meninas do prazer. Segundo nossas leis em vigor, a prostituição é autorizada, mas o proxenetismo é proibido, exceto em dois casos precisos, especificados por diferentes textos mais ou menos recentes. Na família, por um lado, o homem é considerado proprietário natural de sua mulher e seus filhos de sexo feminino, seja qual for sua idade. Tem portanto o direito de prostituí-los como bem lhe aprouver e sem ter necessidade de seu consentimento. Se uma consegue fugir, pode mandar todas as polícias atrás dela e trazê-la de volta ao domicílio do pai ou marido à força, dessa forma habilitado a lhe impor todos os castigos físicos apropriados, inclusive a reclusão numa masmorra de tortura ou a condenação à morte sem julgamento. Alugar por dia sua esposa ou suas filhas, sobretudo se estas forem jovens e bem feitas de corpo, para todas

as utilizações eróticas, em privado ou no palco, incluindo a apresentação de suplícios reais, com feridas bem visíveis sobre um objeto deleitável não consentâneo, o que produz sem nenhuma dúvida os melhores rendimentos horários, pode representar a única fonte de renda estável de um chefe de família bem organizado. Ora, as somas despendidas pelos usuários não serão declaradas à administração fiscal, estando isentas de qualquer imposto (renda, lucros comerciais ou não comerciais etc.).

137. Da mesma forma, se a jovem recente esposa, ou uma das filhas de um casamento precedente, é vendida de forma irreversível, em particular para “todos os usos, inclusive criminosos”, as somas adquiridas nessa transação não entrarão na base do imposto sobre a fortuna, tampouco, em suma, o capital constituído pela presença no lar de uma garota bonita que não foi posta à venda. Aliás, parece normal que sua cessão a título oneroso seja associada pelo proprietário a um de seus próprios rins com vistas a um transplante de órgão. Mas essa disposição não se aplica aos filhos adotivos, pois resultaria em fraudes por demais cômodas. Enfim, no caso de varões, o direito de

propriedade do pai extingue-se automaticamente com a maioridade do menino, ou seja, 18 anos.

138. O segundo caso em que a proibição do tráfico das garotas, com vistas à sua prostituição, é suspensa, dessa vez de forma mais discutível, refere-se aos negócios comerciais legalmente declarados. A gorda senhora alemã, por exemplo, é uma proxeneta consumada. Mas trata-se de uma atividade análoga a um comércio de frutas, rolhas, jóias, automóveis, ou qualquer outro objeto de consumo corrente. A única diferença são as taxas pagas (valor agregado, imposto empresarial etc.), que são aqui muito mais pesadas que para esses outros gêneros. Esses revendedores, que abastecem as casas fechadas ou de negócios, oficialmente registradas e pagando escrupulosamente seus impostos, taxas, descontos sociais etc., deverão gerir sua tesouraria com prudência: pressionados pelo fisco e avaliando mal seus gastos generosos, logo irão à falência.

139. Os que a polícia de costumes vigia insistentemente são os proxenetas amadores, os que fazem as garotas trabalharem fora de qualquer legalidade. A melhor forma de os detectar, para lhes in-

fligir pesadas multas, até mesmo alguns dias de prisão, é fazer as jovens putas sem experiência abrirem o bico, as quais não raro ignoram as regras elementares de sua profissão e se tranqüilizam pensando que prostituição é coisa inteiramente lícita. De fato, é extremamente raro uma garota não ter um protetor. Os policiais promovem então batidas em massa nas ruas quentes pelas quais se arrastam excitantes senhoritas, que basta fazer a pergunta durante dois dias para que elas confessem dever a maior parte de seus ganhos a elegantes cafetões, por quem freqüentemente se apaixonam. São então condenadas não por terem vendido seu corpo, mas por sustentarem um proxeneta, e por essa razão submetidas a penas corporais cuja crueldade sádica é tão prolongada que elas raramente escapam.

140. É sabido que os policiais das prisões especiais, encarregados tanto do inquérito prévio quanto do julgamento e da aplicação das penas, obtiveram de seus organismos sindicais o reconhecimento oficial do direito de estupro ilimitado, antes, durante e depois dos interrogatórios, sobre todas as jovens suspeitas submetidas a seus controles. Exigem agora que seja considerada um be-

nefício adquirido a adaptação das torturas previstas às inclinações pessoais de cada executor, o mesmo com relação à sua duração. Enquanto o pai debatia essas considerações jurídicas com o inglês, que desponta como um especialista nessas questões (seria advogado?), o casal libertino acertou a fatura relativa às três adolescentes fornecidas. O marido desativou a peia das duas mais jovens para liberar seus passos, enrolando os inúteis pedaços de corrente em torno das botinas. Apenas a colegial reticente, que não compreendeu com suficiente presteza seu atual estado de carne para luxúria, deverá capengar pesadamente e ferir os pés a cada passo, por menor que seja, recebendo, além disso, diversas chibatadas porque não avança rápido o bastante. Todas as três, entretanto, conservarão suas tornozeleiras de ferro e permanecerão com os punhos imobilizados às costas.

141. Finalmente chegam as aquisições do pai, trazendo os uniformes de internas que se achavam incluídos no preço fixado, muito acima da cotação vigente em virtude de seu adestramento sexual humilhante, até mesmo obsceno, tão valioso para um amante perverso quanto para um esposo normal. Carregam também, nos punhos e tornozelos,

as pesadas correntes de ferro que marcam todas as garotas vendidas pela prisão, de onde provêm. É apenas nesse instante que Odile e Gigi as descobrem. O pai voltou a abotoar zelosamente o vestido delas após um exame minucioso de cada anatomia. Porém, seus braços acorrentados às costas, e sua peia muito apertada entre os pés, acentuam sua expressão medrosa de prisioneiras bem-comportadas, preocupadas com o que as espera. Pelo menos constataam com satisfação que o venerando cavalheiro que as escolheu está acompanhado por duas belas garotas, uma das quais, que permaneceu sentada, parece a autêntica amante, enquanto a outra levantou-se para recebê-las, num uniforme de interna comparável ao delas, embora diferente. Esta as beija uma após a outra, na boca ou numa das faces, de acordo com o que elas apresentam.

142. Gigi, que portanto permaneceu sentada, aplaude sua chegada, de tal maneira as julga apetitosas, desejáveis e ansiosas tanto pelas carícias quanto pelo chicote. Lamenta, contudo, murmura para o seu papai querido, hirto na cadeira vizinha, que não as tivessem entregado nuazinhas em suas correntes. “É melhor assim”, diz o professor, que

avalia mais uma vez a que ponto sua aluna mudou desde a noite precedente. “Você então terá o prazer, assim que voltarmos, de ordenar que se dispam uma depois da outra à sua frente. Por essa razão, vou devolver-lhes todas as suas recatadas roupas de baixo de colegiais, depois de submeter a diversas provas as graças íntimas com que você pretende se deliciar sem nenhuma reserva. Você não ficará decepcionada, prometo.” No lote, há seis garotinhas para o serviço, com idade entre 7 e 12 anos, duas sultanas que logo completarão 15 anos (“como você”, ele assinala) e quatro condenadas à morte para ocupar as masmorras de delícias. Estas têm respectivamente 12, 13, 13 e meia e 14 primaveras. “Vocês poderão, Odile e você, torturá-las à vontade, sem precisar me pedir autorização. Para esse uso, reservo as sultanas para mim.” Gigi constata que seu pai, por sua vez, também mudou, como livre de um peso, e feliz.

143. O amável inglês, que desaparecera, volta na companhia de um policial à paisana, que vai conduzir o professor, com suas duas filhas, mas sem muita delonga (exige a administração penitenciária) a uma sala de interrogatório onde estão

sendo inquiridas, e sem dúvida alguma cruelmente punidas em seguida, algumas jovens prostitutas culpadas de sustentar proxenetas. Gigi aceita com alegria, e seu pai pede que lhe entreguem suas próprias cativas em seu domicílio aquela noite mesma. No âmago dos porões mais antigos, da época romana, diz o funcionário, os visitantes dão numa sala abobadada sustentada por colunas maciças, bastante vasta sem dúvida alguma e como limitada apenas pela penumbra mais densa, ainda mais acentuada pelos vapores que emanam do solo em espessas espirais. De acordo com o comentário do guarda, esse lugar, apelidado de “o Inferno”, situa-se nas falhas de um vulcão quase extinto, mas que conserva, ainda nos dias de hoje, suas fontes ardentes, cuja efervescência deletéria tinha a reputação de fazer os criminosos confessarem contra a sua vontade. O calor ali, em todo caso, é intenso, pesado, e o tumulto fervilhante evoca os caldeirões do diabo, ainda mais que os gemidos dos danados, aqui substituídos pelos gritos desesperados das adolescentes e raparigas que são interminavelmente torturadas, repercutem sob as abóbadas em alucinantes ecos.

144. Aqui e ali emergem da sombra cenas intensamente iluminadas por projetores direcionais. A primeira de que o grupo se aproxima mostra a fase final do suplício de Zizette, explica a cicerone. Deflorada por seu delicado pai, dormia entre seus braços havia dois anos; apaixonada por ele e progressivamente despertada para o prazer, tornara-se cada vez mais sôfrega. Infelizmente, o pai inadimplente vendeu-a para um intermediário sem envergadura que a alugou por noite no catálogo clandestino, como um gênero de call-girl de luxo e recém-formada. Ela se julga ao abrigo porque freqüenta intimamente ricos homens de negócios e ex-ministros conhecidos. Porém, tendo a polícia descoberto que não é seu pai quem a prostitui, foi presa, e é torturada há três dias, sem contar uma parte da noite. Faz tanto sucesso que todo mundo a detesta, com os policiais prolongando o máximo possível a fase preliminar de seu martírio.

145. Ela confessou tudo muito rápido, enquanto seus inquisidores apreciam particularmente, deitados numa cama, terem o sexo lambido pela criança prosternada de quem auxiliares queimam com cigarro o ânus, a vulva e os arredores. Entre as sessões, é estuprada por seus dois orifícios na-

turais: é então possível queimar mais profundamente com o charuto os seios, as axilas e o ventre. Suas lágrimas correm em abundância, mas de uma forma encantadora, e, na esperança da intervenção de um amigo bem colocado, ela obedece aos prantos às ordens mais cruéis, de modo que todos os seus minúsculos encantos começam a ficar seriamente danificados. Condenada no fim das contas a ser queimada viva (em fogo brando) por incesto, pedofilia passiva, proxenetismo e corrupção de políticos, ela agora se vê numa posição vizinha da dos interrogatórios: de joelhos, coxas abertas, mas o busto soerguido, as mãos obliquamente estiradas para as abóbadas por ganchos de aço, tem instalado em si a virilha, numa altura criteriosa, um pequeno braseiro de carvão de lenha, que lhe consome pouco a pouco sua fina penugem castanha, o púbis, o períneo, a parte inferior das nádegas, a sedosa reentrância das coxas. Gigi, alteradíssima, a beija na boca com paixão, enquanto terminam de destruir seus seios no ferro em brasa.

146. Enquanto as arrasta para a cena seguinte, o funcionário de plantão informa às suas visitas que, tendo sido abolida a pena de morte, vai ser

preciso, em menos de uma hora, assim que as queixas da supliciada se tornem tão débeis que mal sejam ouvidas, retirar o braseiro de entre suas coxas a fim de que ela morra de morte natural, o que pode demorar ainda bastante tempo. Mas acrescenta que policiais, fotógrafos amadores de talento, tiraram, desde a chegada de Zizette resplandecente, inúmeras fotos da fotogênica gu-ria durante seu sacrifício, que serão publicadas em todas as luxuosas revistas de prazeres sado-pedófilos. Talvez inclusive façam um álbum em grande formato, em que as imagens magníficas serão comentadas por algum escritor de renome.

147. Completamente nua como todas, a atriz seguinte chama-se Maroussia, adorável ruiva láctea de 18 primaveras, rosto de madona e encantos de vulto, aleitando sua filhinha de 13 meses. Restabeleceu-se tão rapidamente do parto que recuperou as formas perfeitas, apenas um pouco mais cheinhas, sobretudo no caso do peito. Caso inteiramente clássico na sociedade moderna, prostitui-se para sustentar um marido indolente que ela ama, e expor seu bebê. Cometeu o único erro de não se casar oficialmente com o rapaz. “Para quê?” dizia ela. E não faltam clientes para pos-

suir por trás a jovem mamãe prosternada, cuja filhinha que jaz no chão tenta agarrar uma maina nutriz, e consegue quando a mãe é mais flexível. Aqui também, em todo caso, há diletantes. Ela é estuprada e tem os seios vergastados há uma semana, freqüentemente de joelhos e com as mãos atadas às costas, para ver escorrer gotas de sangue sobre a pele nacarada tão frágil, misturando-se ao leite que brota pelos poros dos bombons enrijecidos. Maroussia resiste com coragem, pois lhe prometeram como recompensa que a garotinha faminta poderá finalmente receber sua mamada, esperada há muito tempo também pela mãe.

148. Porém, com o passar dos dias, o bebê chora mais raivosamente, pois um excesso de sangue mistura-se a seu leite. Como a detenta ainda não consentiu na confissão primordial (o companheiro a quem ela entrega seus ganhos não é seu marido de verdade), seus torturadores, que se cansam um pouco dela, de seus seios lacerados e de sua prole escandalosa, decidem lhe provocar medo e anunciam que vão esquartejá-los a ambos, começando pelo inocente bebê. Colocam a mãe sem demora numa posição adequada: seu corpo quase

intacto, afora o peito, visto de cima e de lado, é erguido a trinta centímetros do chão por um falo metálico ereto cuja pavorosa glândula lhe enfiaram no ânus. Para dar mais amplitude às torções e sobressaltos que não vão tardar, seus braços são atados às costas. E a cabeleira de ouro ruivo espalha-se pelas lajes grosseiras em torno do rosto tomado pelo pavor. Suas pernas são abertas desmesuradamente, quase em *grand écart*, por meio de dois guinchos que puxam os pés em sentido contrário. Sem precisar de uma máquina para lhe infligir o mesmo suplício, três homens apoderaram-se da criança; dois deles levantam-na, cada um por um pé, para manter suas coxas na horizontal prolongando uma à outra. A fim de abafar seus gritos, enfiam-lhe uma mordança metálica na boca. Maroussia, louca ao mesmo tempo de dor e de desespero, quer confessar seu crime. Para obrigá-la a se calar, é amordaçada por sua vez com um enorme tampão de estopa embebido no sangue da garota, que o terceiro policial acaba de deflorar com uma faca, enquanto os dois primeiros continuam a estirar suas pernas.

149. Fotógrafos eficientes e discretos multiplicam as fotos, sem flash naturalmente. Para que a conde-

nada veja melhor o esquartejamento da pequena Marie, o fruto do pecado, os dois homens que continuam a segurá-la pelos tornozelos, de cabeça para baixo, colocam-se agora em cima da barriga da mãe, ao passo que o terceiro dá diversas estocadas secas por trás com um cutelo de açougueiro na virilha da garotinha para lhe acertar o púbis propriamente. O sangue dessa vez jorra aos borbotões sobre o sexo de Maroussia todo aberto, e mais ainda quando uma das pernas de Marie é completamente arrancada. Dois grandes cachorros pretos da polícia, mantidos na coleira firmemente pelos donos, apareceram, e isso não é um acaso, evidentemente. Os restos palpitan-tes da criança maldita são lançados para eles. Convém alimentar essas bestas de forma regular com garotas ainda vivas, a fim de que conservem na memória seu cheiro e o sabor delicioso do que têm como missão perseguir. Os dois cães devem em seguida limpar até a última gota o sangue que mancha o baixo-ventre de Maroussia e seus arredores, umbigo, penugem dourada, interior da vulva. Assim que fica tudo completamente limpo, é possível prosseguir seu esquartejamento progressivo. As articulações começam a estalar. Sob os olhos maravilhados

de Gigi, a bela supliciada se contorce num voluptuoso sofrimento.

150. Quando suas duas coxas acham-se parcialmente arrancadas, enquanto a puta em pecado perde suas forças, os cães são autorizados a devorá-la, pelo menos em parte (considerando a obrigação de deixá-la sofrer longamente, até que expire por si só). Os animais começam por lhe rasgar os seios sem pressa, em grandes nacos de carne leitosa. Em seguida, é em torno dos pêlos ruivos (pelos quais estão sempre ávidos), da cavidade das virilhas, do interior das coxas. A própria Gigi está com uma fome de lobo. Subitamente volta a pensar no texto lendário que tão sensualmente a impressionara em suas leituras pedagógicas, quando ela tinha 12 anos. Um rico senhor do Contentin promovia adestramentos de garotas ruivas, com o objetivo principal (mas não exclusivo, evidentemente) de degustá-las mais ou menos ensangüentadas, anotando em seu diário que estas, como corsas de caça, são ainda mais saborosas quanto mais longamente torturadas até a morte, ao passo que, ao contrário, recomenda-se até essa data proporcionar-lhes uma vida de bem-estar e afeição, seja em suas amplas gaio-

las ou, melhor ainda, em parques cercados por grades altas e pouco visíveis: devem ser beijadas lascivamente, cobertas de carícias íntimas, possuídas de uma maneira bem delicada, convidadas a dançar (sempre nuas) melodias langorosas, aprender os jogos de Lesbos. Quando selecionam algumas, para comê-las ou outra coisa qualquer, é preciso a todo preço evitar qualquer perturbação ou suspeita em suas companheiras. Seu horrível sacrifício em seguida só poderá ser mais excitante.

151. Mas o cicerone agora está determinado a apontar, um pouco mais longe, tanto para as duas adolescentes apaixonadas como para seu pai, uma precoce mãe de 24 anos, chamada Blanche, torturada ao mesmo tempo que a filha Blandine, que acaba de celebrar seu 9º aniversário, lado a lado sobre cavaletes idênticos. São duas deslumbrantes louras naturais, ainda mais interessantes uma vez que parecem gêmeas, a despeito de uma maturidade de atributos evidentemente bem diversa. Blanche mora com um libertino que não é o pai de Blandine, e que ela suspeita de se interessar um pouco além da conta pela garotinha, por sinal saidinha, que já

é um gracioso objeto sexual para amantes de ninfas pré-eclosão. Se a mãe já prostitui a filha há vários meses com todos os seus amigos e conhecidos, é com o duplo objetivo de depreciar a carne da garotinha, oferecida ao primeiro que aparecer (e aliás por vontade própria), e fornecer uma renda confortável ao amante mais que perdulário. Blanche não tem, segundo nossas leis, nenhum direito de propriedade legal sobre Blandine, e tampouco o falso pai. São assim acusadas conjuntamente de sustentar um proxeneta clandestino.

152. Foram então ambas colocadas acavaladas no gume afiado de grossas lâminas de aço, horizontais e paralelas, a uma distância de um metro uma da outra, o tornozelo esquerdo da criança fortemente acorrentado ao tornozelo direito da mãe. A outra perna de cada uma delas é esticada lateralmente, sem excesso, de maneira a obter uma abertura simétrica de suas coxas, o que é possível pois elas têm compleições próximas: Blanche tem um formato adulto de estatueta, ao passo que sua filha cresce rápido e em breve a superaria em altura. Suas mãos erguidas já se acham no mesmo nível, esticadas bastante relaxada-

mente para as abóbadas graças a dedos de ferro que aprisionam seus polegares de maneira rígida, a fim de que não fiquem tentadas a se alçar para aliviar o peso do corpo sobre a aresta incisiva dos cavaletes. A sola de seus pés é queimada com pequenos toques de um tição em brasa. E basta roçar qualquer das cavidades da planta do pé para que os dois membros relativamente livres, atados por seus tornozelos, estremeçam ao mesmo tempo e as duas vulvas fiquem um pouco mais escoriadas a cada vez, espalhando mais sangue fresco.

153. Se alguém sente vontade, elas são retiradas de seus cavaletes de tortura para serem estupradas uma ao lado da outra numa enorme cama com lençóis brancos, já avermelhados no local dos sexos dilacerados. Elas choram e gemem, mas sem nada de agressivo, graças às injeções aplicadas em suas cordas vocais, uma vez que já abriram o bico há vários dias, a garotinha tendo sido a primeira a confessar que o homem para quem vai o dinheiro não é em absoluto seu pai, o que a polícia sabia desde o início. Quando Gigi as vê, estão em vias de passar à fase seguinte de seu suplício, substituindo o ferro em brasa sob a sola dos pés

por longas agulhas metálicas que atravessam interessantes partes carnudas, ou então as articulações hipersensíveis desses dois corpos delicados, que ainda suporíamos intactos não houvesse essas duas poças de sangue já volumosas, cuja coagulação é impedida por um hemolizante, que se formaram sobre as lajes, bem debaixo dos dois sexos martirizados. Aliás, é possível ver por instantes o líquido carmim que brilha nas faces verticais das lâminas de aço, para cair em seguida gota a gota, o que Gigi faz sua confidente admirar.

154. Um jovem policial, belo e sorridente rapaz, observou o insistente interesse que as duas belas visitas dedicam ao desenrolar das operações. Sugere amavelmente a Gigi que ela própria enfie a primeira agulha nos soberbos seios, bem situados e orgulhosos, de Blanche, o que a adolescente realiza com deleite sobre a aréola direita, espetada de uma ponta a outra. Ardentes pérolas de sangue escapam das pequenas feridas. À segunda *banderilla* da noviça, que atravessa lentamente os dois globos leitosos sucessivamente, provocando gemidos e contorções da supliciada em suas correntes, o policial galante aproxima-se de sua cúm-

plice e lhe submete uma segunda proposta a meia-voz: pode, se ela quiser, acariciar-lhe o sexo sob o vestido, ou até mesmo sodomizá-la, enquanto ela prosseguirá a sessão de tortura, combinação muito apreciada aqui por senhoras de todas as idades, aliadas dos dignitários influentes de diversas polícias. A moça está absolutamente sufocada pela naturalidade do rapaz, que profere tal obscenidade como um entretenimento absolutamente corriqueiro e insignificante. Mas ela nada deixa transparecer de sua profunda perturbação, conseguindo responder num tom ao mesmo tempo solene e amistoso: “Não, obrigada, esta noite não, é impossível: estou com minha irmã e meu marido.” E, sem sequer tomar a precaução de se esconder, aponta o pai, que, apesar de sua rígida estatura professoral, introduziu a mão esquerda no corpete aberto de Odile para apalpar, em seu manequim pessoal, o local exato dos buracos ensangüentados deixados pelas agulhas.

155. Sem denotar o menor despeito, o afável martirizador estende uma terceira a Gigi, acrescentando que a deliciosa garotinha, igualmente condenada por sua vez a morrer nos tormentos, foi

excessivamente poupada pelas queimaduras do ferro em brasa: todos os inquisidores, que gostavam muito de estuprá-la em meio a um volume razoável de sangue, temiam que ela danificasse exageradamente o ânus e a boceta com danças por demais impetuosas sobre sua lâmina de ferro. A torturadora iniciante fora lembrada pela jovem mãe acerca de sua culpa real (não foi responsável pelo suplício da criança?), o que a liberava, pensava, de todo escrúpulo moral. Mas ela agora precisa mostrar que sua mão pára de tremer quando se trata da bonita garotinha frívola, cuja inocência constitui apenas uma atração extra para o carasco aguerrido. Enfia então profundamente sua agulha em diversos pontos sensíveis, retirando-a em seguida a cada vez: nas virilhas, no púbis, nas axilas, na cintura, nos quadris... A menininha é sacudida por convulsões tão agudas que sua vulva sangra aos borbotões. Gigi acalma seus sobressaltos incoerentes com duas bofetadas tão bem aplicadas que a criança sufoca e permanece como aniquilada. É preciso, para despertá-la, retomar as perfurações através de todo o corpo, em meio aos mesmos gemidos voluptuosos e a uma irrupção renovada de sangue claro, que agora escorre pelo interior de suas coxas. Um bonito filete

vermelho escuro também transborda de sua bela boca entreaberta, "mistura-se às suas lágrimas e volta a cair sobre seu peito, enquanto seus olhos esbugalham-se.

156. Gigi, em êxtase, contempla-a sem se cansar. Mas um guarda vem lhe dizer que os visitantes devem agora deixar o local, a princípio proibido, e que aliás é preciso deixar Blandine expirar sua morte natural, enquanto o suplício de Blanche continuará pelo tempo que for necessário. O professor congratula sua aluna, decididamente transformada. Ouviu a conversa por ela entabulada com o jovem policial empolgado. As prisões especiais para delinqüentes sexuais são realmente um lugar de sonho! Respeitosamente, a sagaz estudante pede autorização para beijar aquele gentil e solícito policial antes de partir. Com efeito, seu pai julga que isso seria mais correto. O simpático rapaz retribui o beijo a Gigi com tal ardor que ela fica aturdida: é ainda melhor que nos livros. Não esqueçamos que, em toda a sua vida, foi o único rapaz que ela jamais beijou na boca, portanto outra grande estréia!

157. Odile toma a dianteira de seus amos para trazer o coche até a saída do prédio medieval, o que

leva um certo tempo. Quando finalmente chega, sua ama critica-a duramente por aquela lerdeza, todavia justificada pelo acúmulo de automóveis e caleches. A serva pede desculpas e abre para ela a portinhola direita com uma expressão contrita. Em seguida, ajuda-a a subir o estribo segurando seu volumoso vestido longo, enquanto o pai instala-se no assento da frente. Quando, por sua vez, ela sobe, é para sentar-se modestamente no assoalho, sobre os joelhos flexionados, aos pés de sua caprichosa ama. "Acaricie-me!" ordena esta, cuja saia que arrasta no chão é na verdade tão ampla que Odile enfiaria ali sem dificuldade a cabeça e os ombros. Mas julga preferível, nesse momento, abster-se de tal familiaridade. Gigi, como era previsível, não usa nenhuma roupa de baixo, e sua delicada bocetinha está tão molhada quanto possível, tanto a perturbou sua brevíssima passagem pelos porões de tortura nos quais a justiça opera. Bruscamente, a garota se reergue e, apondo um monte de cobertores encostados na outra portinhola (a da esquerda), diz: "Alguém nos observa!"

158. Enquanto o coche põe-se a caminho, manobrando com certa dificuldade, uma pequena bre-

cha, na pilha de mantas e outras cobertas de viagem, diríamos, se alargou. Entre duas dobras de tecido deliberadamente afastadas apareceram olhos cintilantes de angústia, que assinalam para Gigi a presença de um passageiro clandestino. A ama, com um gesto brusco, desmascara aquele que é na verdade uma passageira, franzina garotinha de uns 12 anos, inteiramente nua a não ser pelos ferros e correntes que caracterizam uma prisioneira da penitenciária (para adestramento e inquisição), sem dúvida nenhuma em fuga. A uma breve ordem: “De pé, desavergonhada!”, toda encolhida e acorçada, a criança desdobra seu corpo com surpreendente desenvoltura a fim de se erguer, grácil mas bem torneada, visivelmente impúbere a despeito de sua xoxota sensual de bela femeazinha vulnerável, aterrorizada, implorante. Seus braços estão fortemente acorrentados às costas, segundo a regra, mas a peia entre seus pés é suficientemente frouxa para que ela possa andar quase normalmente. “Estão no seu encalço?” pergunta Gigi, um pouco resserenada pela graça perturbadora da fugitiva. “Sim, senhora, eles querem me fazer morrer num pavoroso suplício.” — “Você é virgem?” — “Sim, senhora... Eles fingiram me sodomizar com uma faca, mas

me reservavam para uma coisa muito mais horrível.” Odile, por sua vez, acrescenta, tremendo com sua iniciativa reprovável: “Ela ainda não tem 11 anos. Não é culpada de nada. É apenas por diversão que eles se preparam para esfolá-la viva, como acabam de fazer na sua presença com outra guria. Não a obrigue a sair, Ama, eu lhe suplico!”

159. A vitória parou numa cancela onde já aguardavam diversos carros, que os guardas vasculham com nervosismo antes de deixá-los transpor as grades. Sem hesitar, Gigi faz sinal à garotinha para se esconder sob sua ampla saia, o que ela executa com uma agilidade notável. Ela é tão minúscula que ninguém decerto desconfia que ali há uma evadida, entre os joelhos da jovem dama, sob o leve tecido cujas pregas Odile põe em ordem para maior segurança. Um minuto mais tarde, dois homens abrem a portinhola esquerda e vasculham o monte de cobertores. Um deles diz à guisa de desculpa: “Uma condenada à morte escapou. Temos que impedi-la de sair do parque.” — “Nada percebido nessas paragens”, responde tranqüilamente Gigi. Assim que o coche desliza mais rapidamente pelo campo, ela abre as coxas

apenas o suficiente para que o rosto da prisioneira se veja enfiado no recôndito de sua intimidade. Guia então sem dificuldade para o lugar correto essa imprevista companheira de viagem, dissimulada em seu vestido, cuja boca bisbilhoteira logo põe-se a lambar suavemente a vulva encharcada, como uma gatinha cheia de gratidão.

160. As 12 servas “todos os usos”, arrematadas em leilão por seu pai, são entregues num camburão da polícia. Chegam à destinação logo depois dos próprios amos. As jovens cativas foram deixadas com seus uniformes de colegiais, mas também com o conjunto dos ferros e correntes usados na prisão especial. A pequena lambedora clandestina, raptada fraudulentamente, acha-se incorporada ao lote comum, carregando os mesmos e pesados grilhões da servidão, mas nua em pêlo. O professor e sua filha sentam-se nas mais prestigiosas poltronas do salão solene, como um tribunal. Odile irá servir-lhes uma bebida enquanto as garotinhas irão comparecer uma depois da outra, tirar todas as suas roupas e lingerie e ajoelhar-se, coxas abertas, para se apresentar sucintamente. Odile abriu suas peias a fim de liberar pés e mãos, o que lhes permitirá executar todas as ordens re-

cebidas: “Braços para cima... rosto erguido... pernas mais abertas... sexo projetado... mostre-nos o interior da vagina afastando bem seus lábios com os dez dedos...” Odile, que vigia uma aluna temerosa, prestes a se desfazer em lágrimas, aplica-lhe uma chibatada leve quando esta não obedece suficientemente rápido. Quando uma de suas presas lhe agrada de forma excessiva, Gigi prolonga sua inspeção até que ela chore de verdade com injunções cada vez mais revoltantes: “Acaricie o clitóris aplicando um pouco de saliva se ele lhe parecer muito seco... deite-se de barriga para cima e dobre os joelhos contra o peito segurando pelos tornozelos suas pernas estiradas para que vejam bem sua roseta de Sodoma sob seus pêlos nascentes...” Porém, para puni-la por aquelas lágrimas não solicitadas, Odile chicoteia sua vulva assim oferecida, entreaberta, obscena. Em seguida, a inocente vítima deve pedir perdão.

161. Gigi, entretanto, começou a série dos depoimentos de sua recente protegida, que já está inteiramente nua, exceto pelas correntes. Vaporosa e leve, consciente de excitar as piores cobiças, a sedutora guria, condenada a sofrer o mais cruel dos suplícios, avança em direção à sua nova ama,

arrastando em seus tornozelos pesadas argolas inúteis, a não ser para perturbar as almas sensíveis. Excuta uma reverência bem treinada e se ajoelha com graça, feliz com o aspecto que as coisas tomam. Fala em frases simples, mas com uma louvável correção gramatical, denotando além disso inteligência e vivacidade: “Meu nome é Sixty, porque sou a sexta das irmãs. Nossos pais me venderam para uma ‘escola para noivas’, onde se ensina mais a ciência da cama que a da cozinha... Uma espécie de fábrica de escravas sexuais... Às vezes era divertido. Mas tive que interromper meus estudos normais. Agora, sou conhecida como Sexty, ou até mesmo Sexie, o que mostra o futuro a que me destinam.”

162. A examinadora contempla sua hábil neófita com benevolência, ternura e até mesmo um pouco mais. Diz: “Está arrependida?” — “Não sei, senhora. Não sei ainda... Em todo caso, estou contente por ser admitida entre seus brinquedos eróticos.” — “É virgem?” — “Sim, senhora... Por pouco!” A resposta termina com um deslumbrante sorriso bem-humorado. Gigi pede-lhe com delicadeza: “Acaricie-se!” Solícita e atenta, a criança empenha-se em fazer o melhor, molhando seus dedos

na saliva por diversas vezes. Em seguida, com uma graciosa cara de decepção, admite: “Realmente, não está funcionando, mas fiz progressos.” — “Então sou eu quem vai lhe ensinar... Aulas particulares, com exercícios práticos e punições apropriadas.” — “Sim, senhora. Peço desculpas... E a amo...” Sua última frase é quase um murmúrio. Gigi, pondo um fim àquela emoção, retruca com sua voz autoritária: “Aqui você terá o status de Sultana. Tem mais prestígio que ‘condenada à morte’. Esse privilégio significa, entre outras coisas, que você deverá ser carinhosa nos braços do meu pai quando ele sentir vontade de você. Evidentemente, ele não vai demorar a colher uma de suas duas flores. E logo, provavelmente, a segunda também.” — “Sim, senhora, isso é o mínimo.” — “Aproxime-se, putinha!” (novamente num tom mais que carinhoso).

163. Avançando de joelhos, Sexie vai até a poltrona da ama, que está de pernas abertas para recebê-la mais próxima de si. Odile, a um sinal mudo, acorrenta novamente os braços dela às costas; em seguida, com a peia que pende de um dos tornozelos, fixa uma argola de bronze prevista para esse fim na lateral da poltrona. Gigi beija então a

garotinha em sua deliciosa boca, enquanto Odile lhe vergasta as nádegas com três chicotadas, cristalinas e precisas, as quais, apesar de sua inteira submissão, fazem-na estremecer, sem com isso interromper o beijo que se prolonga, retribuído com paixão pela criança. “Isso não é uma punição, saiba, mas apenas um sinal de que você é minha. Todas as nossas cativas devem ser chicoteadas regularmente para que não esqueçam a quem pertencem.” Sexie permanecerá em seguida de joelhos entre as coxas de sua ama durante todo o desfile das 12 colegiais. A inflamada princesa diz ao ouvido de sua bem-amada: “Você beija tão bem quanto lambe, putinha querida...” — “Como pode ver, senhora, meu instituto de prostituição tinha algumas qualidades: ali aprendi a satisfazer os cavalheiros, mas também suas jovens companheiras.” Gigi, precavida, manda que tragam uma almofada para que ela possa gozar do espetáculo sem deixá-la, sentada no chão entre suas coxas, acorrentada à poltrona imperial. Chegam a lhe oferecer um xale para os ombros, inútil uma vez que o forte calor do dia está longe de se dissipar.

164. Depois que todas as juvenis colegiais, agora vestidas apenas com suas correntes de escravidão

165. É a bela Suzanne que ele escolhe, toda loura e rósea, com os grandes olhos azuis disfarçados pelo lenço preto que prende sua cabeleira de cachos de ouro. Odile a faz avançar de joelhos até seu augusto senhor, que logo a puxa sem cerimônia até o seu peito para ser beijado na boca. Ela já tem 15 anos e suas formas impõem-se como as mais bem torneadas do harém de ninfetas da qual ela é a primogênita. Pelo uso que faz tanto da língua quanto dos lábios, parece ter adquirido uma excelente formação de boneca sexual no internato. Ele lhe pergunta se a chicoteavam muito, e por quais erros. Ela responde com sua delicada voz ainda infantil, de modulações frutadas. Havia, diz ela, um hábito bastante chocante no internato das irmãs, chicotear as meninas sempre que estas tinham suas regras, a partir do primeiro ou segundo dia, quando o sangramento é mais intenso. Suzanne devia então tirar sua calcinha manchada de sangue (os absorventes periódicos eram rigorosamente proibidos) e entregá-la à inspetora como confissão de culpa. Em seguida, punha-se de joelhos, desabotoava toda a parte da frente de sua saia e a erguia com as duas mãos, para mostrar o traseiro nu desde a cintura e os quadris até as ligas que prendiam suas meias pre-

tas no meio da coxa, diante de toda a classe reunida, quando as colegas, com inveja de suas formas e de sua lourice, zombavam dela.

166. “Enfiavam na minha boca minha calcinha de infâmia, empapada de sangue, para abafar meus gritos, e chicoteavam minhas nádegas com uma correia dura que me machucava muito. Eu chorava de dor e morria de vergonha, enquanto o fluxo obsceno escorria por entre as minhas coxas. Se não fosse suficientemente abundante, algumas vergastadas no baixo-ventre liberavam uma nova onda de sangue. Era preciso, dizia nosso confessor, expulsar o mal que habitava nosso corpo, castigar-nos por sermos meninas. Havíamos cometido o pecado original e estávamos amaldiçoadas por toda a eternidade. O próprio Deus nos impunha essa expiação mensal por meio de uma conspurcação abjeta.” Seu amo assegura-lhe que agora ela não tem mais nada a temer desse gênero. Ela nunca será culpada por sua natureza. Claro, ele continuará a chicoteá-la, entre outros ultrajes e sevícias, mas apenas porque ela é linda, desejável, superexcitante, por amor de certa forma, como uma deusa que convém homenagear profanando-a. Fadada ao prazer carnal de

seus possuidores, ela torna-se objeto de sua adoração.

167. O professor e a filha decidem de comum acordo inaugurar essa transfiguração com uma espécie de imagem pia: Suzanne, exposta toda nua e com os olhos vendados de preto, vai acariciar obscenamente o próprio sexo de joelhos, com suas duas delicadas mãos de anjo oprimidas pelos maciços braceletes de escrava; e, durante esse tempo, uma outra sultana — a pequena Sixty — no mesmo aparelho, mas sem venda, açoiará suas nádegas com chicotadas para fazê-la berrar sob as sucessivas, queimaduras do couro esfia-pado que golpeia sua carne tenra. O esplendor de uma santa martirizada realiza-se então sob os olhares deslumbrados das fiéis, maravilhosamente realizado graças à paixão empenhada pelas duas atrizes. Gigi não se contém e acaricia os seios frementes de Suzanne e seus lábios que gemem. Interrompe por um instante a prova para explorar igualmente seu sexo: seu clitóris e sua vulva exsudam sob efeito de um gozo extremo. A cruel adolescente lhe pergunta: “É então o chicote que a deixa molhada assim, delicioso inseto?” Esta, sem sair completamente de seu pasmo, res-

ponde tremendo: “Não sei, senhora, se isso é possível...” — “Ou será que é vergonha?” — “Ser chicoteada pelos amos nada tem de vergonhoso... Sinto seu prazer escorrendo pelas minhas mãos...” Recomeçado novamente o suplício, e os gemidos da vítima que continua a se masturbar, o pai acaba por espalhar um jato de sêmen sobre todo seu rosto de deusa aviltada, que a proibem de limpar, bem como a boca.

168. Para se assegurar de que ela não tentará fazê-lo às escondidas, Odile imobiliza novamente seus braços às costas, amarrados juntos e bem apertados. E opera da mesma forma com suas 11 companheiras. Além disso, todas conservam as três ou quatro pesadas argolas desativadas que ainda arrastam em seus tornozelos. Aliás, é chegado o momento de conduzir as 12 senhoritas, nuas e acorrentadas, para as respectivas unidades de sua futura prisão. Foram, sem exceção, aprovadas em seu exame de admissão, mas com notas bem diferentes. Suzanne figura entre aquelas que colheram o máximo de elogios. Sexie, que é *hors concours*, permanece com os movimentos livres, com o mosquetão de sua peia aberto, e vestiram-na sumariamente com uma camiseta curtíssima (não

chega sequer ao púbis) de seda dourada, pertencente ao guarda-roupa de Violetta. A garotinha continua com seu chicote na mão, pronta para desferir um golpe seco em alguma ovelha perdida do gracioso rebanho. Não esqueçamos que todas as cativas, exceto ela, estão com os olhos vendados e não enxergam para onde estão sendo levadas, se para um descanso merecido ou para novos tormentos, talvez inclusive, no caso das com notas mais baixas, para sua execução iminente.

169. À medida que se aproximam do *fornax*, o calor aumenta imperceptivelmente. Disso, pelo menos, não terão do que se queixar. Chegam primeiro aos aposentos das sultanas, Suzanne, Sissy e Sexie, que têm direito a quartos suntuosos e macios, tais como as duas últimas decerto jamais conheceram. A primeira, pelo seu nascimento, ao contrário, está habituada ao luxo e a todo conforto almejável. Quanto às correntes que pendem das abóbadas, assim como a um grande número de ganchos diversos e mosquetões que permitirão prendê-la na cama em diversas posições, ou ainda às paredes e colunas, a garota estima absolutamente naturais, de acordo com o uso específico

que deve ser feito de seus atributos. Tampouco se espanta ao encontrar no banheiro contíguo, amplo e todo arrumado, para a higiene do corpo ou cuidados estéticos, um cavalete de torturas, com guinchos de estiramento, uma estaca de bronze polido em forma de falo ereto, de inquietantes dimensões, bem como diversos outros instrumentos cruéis de que provavelmente um dia ou outro ela sofrerá as penetrações e incisões. Entretanto, por ora, contentam-se em lhe deixar as mãos amarradas às costas, e Odile, após tê-la acariciado de uma forma odiosa enquanto ela fazia pipi, acorrenta-a a seu leito suntuoso por um tornozelo, a fim de que ela possa, se não lavar o rosto ou sua xoxota loura viscosa, pelo menos descansar um pouco antes da cerimônia do jantar, ocasião em que seu amo exige que ela se apresente sem a menor toalete, nua em pêlo e com suas correntes.

170. Sexie está encantada com seu belo quarto pessoal. Dança de alegria. Suficientemente encorajada a se sentir uma espécie de favorita, considera o espetacular material de tortura (que complementa, igualmente, um rico mobiliário) com mais curiosidade que preocupação. En-

quanto Sissy, nos aposentos vizinhos, assim que Odile retira-lhe a venda que a cega, começa a chorar com uma voz de apreensão tanto mais compreensível visto que a aresta afiada do cavalete está nesse caso amplamente manchada de sangue, muito bem imitado pela pintura que parece fresca, como se uma prisioneira acabasse de ser ali acavalada e martirizada. As paredes com tapeçarias antigas são, além disso, decoradas com gravuras do século XVIII representando garotinhas em vias de morrer, executadas segundo os métodos atrozes em uso nos haréns do império otomano.

171. Odile, que se diverte muito ao vê-la aterrorizada dessa forma, assinala que esses belos suplícios são coisas mais que corriqueiras naquela morada, onde talvez ela não viva muito tempo. Mas ela deve saber que está proibida de chorar, exceto por ordens, e que nesse caso a ama a castigará vigorosamente por essa falta. As lágrimas de Sissy redobram, acompanhadas por comoventes súplicas. Entretanto, Odile a amarra na cama, estirada em cruz com os membros abertos e acorrentada pelos punhos e tornozelos, para o merecido castigo que se anuncia. E acaricia o interior

de sua deliciosa vulva ruiva, tão profundamente quanto uma virgindade intacta o permite, utilizando, para tornar suas mucosas mais agradáveis ao contato insistente, uma densa vaselina, cuja aplicação, mesmo sobre súditos recalcitrantes, logo provoca um prazer local prolongado, mas que exhibe uma cor carmim e um perfume de sangue derramado, que a operadora obriga então em seguida a prisioneira a lambe sobre seus dedos viscosos. Como aperitivo do que a espera em breve e com autorização prévia dos amos, Odile açoita então seus jovens seios por três vezes com o chicote deixado por Sexie. Três belas linhas vermelhas aparecem nas carnes tenras, em meio aos uivos de dor soltados pela sultana e aos espasmos desesperados que sacodem todo seu corpo de sonho.

172. Após tê-la admirado por um instante, agitada por impudentes tremores e convulsões que pouco a pouco se acalmam, Odile aplica-lhe uma injeção na almofada pubiana para lhe injetar uma dupla dose da droga “da casa”, que modela objetos sexuais perfeitos, permanentemente disponíveis e complacentes, invadidos por uma espécie de felicidade erótica servil, que o professor e sua aluna

decidiram ministrar diariamente a todas as internas da prisão, por mais jovens que fossem. A fiel boneca de amor de Gigi é obrigada agora a conduzir as seis garotinhas para os respectivos dormitórios: Crevette, Nuisette e Lorette, que têm 7, 8 e 9 anos, no primeiro, J1, e as três outras, Rosine, Câline e Sabine, no segundo, J2. São dormitórios clássicos de internato, claros e espaçosos, com o alinhamento das camas de ferro, providas de volutas negras com flores douradas, suficientemente amplas para que as meninas durmam à vontade sobre grossos colchões de crina e estrados metálicos. Cada uma dispõe de uma mesinha de cabeceira pessoal com três gavetas, uma das quais é fechada a chave, que apenas os amos podem abrir. Há nas paredes fotografias de meninas graciosas, geralmente nuas, o mais frequentemente imobilizadas, chicoteando adolescentes quase adultas e às vezes igualmente nuas, em diversas posições tradicionais ou deliberadamente obscenas. Os banheiros são comunitários, comportando fileiras de pias e chuveiros, bem como vasos sanitários de estilo turco, sem assento, com os locais previstos para os pés levemente alteados e mais afastados que o normal, onde as meninas devem acocorar-se, com as coxas escancaradas.

173. Esses dormitórios coletivos, infinitamente mais confortáveis e alegres que os do complexo inquisitorial da polícia, onde foram leiloadas, são igualmente muito mais agradáveis que os grandes dormitórios de que dispunham em seu convento de educação sexual, o chicote tampouco as poupando. Entretanto, Sabine, a mais velha das recém-chegadas, cujas 12 primaveras fazem-se acompanhar por sinais precoces de feminilidade (seios minúsculos que apontam e suave penugem pubiana), esperava provavelmente um quarto individual como acabavam de atribuir às sultanas, apenas um pouco mais vantajosamente torneadas. Embora nunca tivesse, antes tampouco, gozado em nenhum lugar, a criança manifesta sua decepção por uma manha bem visível. Odile repreende-a severamente: “Seu mau humor merece uma punição, idiota!” De fato, as cinco outras parecem bastante satisfeitas, ainda mais que a subama retira suas pesadas correntes e ferros de escravidão para que elas possam vadiar à vontade e escolher livremente suas camas, uma vez que serão apenas três numa instalação prevista para sete. Sabine, portanto, permanece a única imobilizada, à espera sabe-se lá do quê. Mas todas recebem a dose de condicionamento sensual que, doravante, lhes será injetada diariamente.

174. Rosine e Câline, os dois coturnos da enfatuada no dormitório J2, apontam para Odile a presença de quatro celas bem separadas no fim da sala de água. Incontestavelmente reservadas para as garotas em penitência, trata-se das áreas de isolamento, cujas paredes são todas constituídas por fortes barras metálicas verticais, espacejadas a uma distância de uns dez centímetros. No interior dessas autênticas gaiolas de exposição, o colchão reduz-se a uma tábua estreita, retrátil, evidentemente pouco cômoda, em suma de uso impossível para uma adolescente bem desenvolvida. A superfície do chão é de apenas dois metros por dois, dos quais o vaso sanitário já ocupa boa parte. Idêntica às outras em sua arrumação, delas se distingue por argolas que servem para acorrentar no descanso dos pés os tornozelos de uma mijadora de cócoras, mas sobretudo por uma curta estaca oblíqua que lhe entrará no ânus, provavelmente com certa dificuldade, visto o tamanho do castão de latão que remata como uma monstruosa glândula. Este é por sinal atravessado por um amplo duto em sua extremidade, o que permite supor que é utilizado para infames e cruéis lavagens, sob os olhares beatos das outras internas.

175 Suas duas colegas brincalhonas acham em todo caso muito engraçado ajudar a subama a instalar sobre esse dispositivo bárbaro e indecente sua irritadiça co-detenta. Três não são suficientes para conseguir, com muita paciência e vaselina emoliente, introduzir a bola de contenção no templo sodomita, até então inviolado. Sabine debate-se soltando gritos de dor e indignação. Quando a guria é enfim solidamente empalada, com os pés imobilizados numa posição aflitiva, Odile a esbofeteia com toda a força ordenando-lhe que se cale, uma vez que obteve o quartinho privado que ela desejava ao chegar, e que sua jovem beleza merece. Em seguida enfia-lhe um enorme absorvente na boca para atenuar seus uivos muito agudos e reduzir suas súplicas a vagas chora-deiras incompreensíveis. Sangue escorre por seu orifício anal rasgado, avermelhando a haste da estaca e o esmalte branco dos arredores. Antes de abandoná-la nessa situação tão divertida quanto vergonhosa por não se sabe quantas horas, devolvem-lhe a venda que cegará seus olhos suplicantes, onde o terror agora se lê através das lágrimas.

176. Câline diz então a Odile que gostaria de fazer pipi. Sua guardiã divertida compreende imediatamente a sugestão e concorda: "Faça então aqui, esse vaso à turca é feito para isso." As duas crianças, excitadíssimas, comprimem-se imediatamente contra a prisioneira: Rosine, por trás, ergue-lhe o rosto, que ela mantém rigorosamente imóvel, enquanto Câline, de pé e de pernas abertas, coloca-se à frente de maneira a dirigir o jato de urina para seu nariz, a venda preta e a boca distendida pela mordaça, para que o espesso algodão se embeba abundantemente de pipi quente. Todas as duas riem, tanto as diverte essa brincadeira. Ela própria sem calcinha, Odile imitaria de bom grado essa irrigação nojenta, mas isso lhe parece contrário à dignidade de seu status. Em sua minissaia de seda dourada, intencionalmente curtíssima no tocante à decência, a subama improvisada em quem Gigi acaba de depositar espontaneamente sua inteira confiança, tendo ela própria que vigiar a multidão de recentes criadas, na cozinha, se sai no fim das contas às mil maravilhas em suas funções imprevistas, totalmente novas, e sente um grande prazer com isso, escondendo como pode a excitação sexual que isso lhe proporciona. Ela ainda tem que conduzir para

suas masmorras — estas, individuais — as quatro “condenadas à morte”, pelo menos apontadas como tais pelo pai, mas que nenhum sacrifício programado com antecedência, nem próximo nem remoto, ameaça.

177. As garotas em questão, tão belas, inocentes e virgens quanto suas nove companheiras compradas simultaneamente, aceitam sem problemas essa denominação puramente formal, ainda mais que se trata de um status provisório, que em breve será revisado, garantiram-lhes, em particular para recompensar seus méritos. Chamam-se Christina (12 anos), Pauline (13 anos), Octavie (14 anos) e Agathe (14 anos e meio). A injeção afrodisíaca, dita de complacência erótica, parece ter tido sobre elas um efeito imediato, pois as duas mais velhas beijam-se com um ardor bastante sensual antes de sua separação, esfregando uma contra a outra sua carne nua, visto que não podem fazer uso das mãos. Odile lhes assegura que logo estarão juntas novamente, suas cabriolas em público, enriquecidas ou não com diversas sevícias apropriadas, não podendo senão agradar aos amos. Por precaução suplementar, a prudente guardiã mostrou-lhes um exemplo, no dormitório J2, dos ris-

cos corridos pelas cativas descontentes com o alojamento a elas atribuído. As famosas “masmorras” são na verdade menos pavorosas que decorativas e, principalmente, simbólicas: abóbadas medievais de onde pendem enormes correntes, argolas maciças de ferro forjado, engastadas na pedra bruta em diversas alturas, enxerga de palha, pesada ânfora de arenito com a tigela adaptada para a toalete ou as refeições, postigos de vigiância etc. Mas o conjunto impregnado de um calor propício à nudez constante, iluminação bem suave (quando os projetores não estão acesos) e os perfumes capitosos de uma prisão amorosa.

178. Esta noite, o jantar não começa cedo para que as participantes possam comparecer em sua formosura: descansadas, lavadas, penteadas, discretamente maquiadas (na boca, olhos, ponta dos seios etc.), exceto evidentemente para as cativas punidas, Suzanne, Sissy e Sabine, que deverão mostrar-se a todos sujas, degradadas, chorando de vergonha e com os cabelos desgrenhados, com suas recentes marcas de açoitamento, ou ignóbeis abjeções, ainda carregando ferros, correntes e peias. Essa sorte é particularmente injusta para

Suzanne, que se tornara a favorita do amo, a qual não é culpada de nenhuma falta, sequer leve, salvo ser tão bela aos olhos de todos. Ainda o é, convém admitir, sob sua nova aparência de escrava maltratada, com o rosto manchado pelo esperma seco pela metade, com as nádegas frágeis borradas de sangramentos sépia, ali onde o chicote de Sexie golpeou mais forte. Sangue fresco escorre também, mas em muito mais abundância, pelo ânus dilacerado de Sabine cujos ferimentos acabam de reabrir quando a arrancaram sem cerimônia da descomunal glande de sua estaca. As graciosas linhas vermelhas sobre os tenros seios de Sissy não parecem senão mais clementes. Há aqui quatro cavalheiros para gozar abertamente do espetáculo que elas oferecem (uma vulva loura com a fenda lambuzada, uma penugem ruiva entre duas coxas por onde brota um suco avermelhado, um damasco perfeito e muito liso), alinhadas de joelhos e pedindo perdão. São o pai, que quis que elas se apresentassem nesse estado, e seus três convidados.

179. Com efeito, a prudente Gigi, para celebrar seu pseudo-aniversário, desejou a presença à mesa de Marco, o amável policial que ela acaba de co-

nhecer na prisão especial, e também do inglês, muito competente nessa matéria, que se chama David Locke, acompanhado pelo filho Jonas, quase adulto. Este veio com sua noiva de 14 anos, ingênua e loura, familiarmente tratada como Babie, talvez um pouco tola, mas muito agradável à vista, provavelmente ainda mais ao toque. Marco, por sua vez, traz como presente formal, como um buquê de rosas, uma virgenzinha de 13 anos e meio, bonita como um coração, que será sacrificada à sobremesa. Os comensais femininos são, além de Odile e Sexie, auxiliares da ama, Agathe e Octavie, as duas “condenadas à morte” que se amam ternamente, bem como Suzanne e Sissy, sultanas em penitência que foram liberadas após receberem o perdão a fim de se limparem rapidamente e se aprontarem com esmero, para voltar à recepção em todo seu esplendor, nuas em pêlo, mas com os membros livres e sem os seus ferros de escravidão. O serviço é realizado pelas cinco garotinhas disponíveis, todas igualmente nuas, com suas correntes substituídas nos punhos e tornozelos por braceletes bem menos pesados de metal dourado incrustado com pedras semipreciosas. Usam também uma coleira de cachorro com uma medalha de pingente que esclai-

rece sua idade e nome. A cor azul do couro indica uma virgindade total, tanto por trás como pela frente. Sabine, a sexta, bastante danificada pela estaca, deve ficar aos cuidados do médico, que lhe dará banhos repousantes e dois ou três pontos de sutura.

180. Como era praxe na época de sua mãe Violetta, Gigi quer assistir, enquanto as meninas servem o aperitivo, a uma cena edificante: a punição das senhoritas flagradas em erro. Hoje, temos então Sissy, a sultana choramingas, muito pouco castigada por Odile quando chegou a um quarto luxuoso, mas que a injeção transformou em sensual vítima espontânea: muito pouco danificada, antes desabrochada pelas marcas do chicote sobre seu delicioso peito, não teve dificuldade para se fazer bela e voltar logo sem se preocupar com o que a espera. Há, por outro lado, Octavie e Agathe, que reagiram com veemência à sua separação; é a delicada Octavie que era punida pelas duas, sob os olhos de sua namorada cujos atributos sensibilizados pela injeção e a droga Gigi acariciará, para fazê-la gozar durante o suplício de sua amada. Antoinette, enfim, a escrava de Marco, profissional das crueldades voluptuosas, completará o trio

das mártires expostas. A propósito, será possível torturá-la sem cerimônia, uma vez que, de toda forma, ela deve perecer esta noite. Sua ama decide que todas as três serão chicoteadas com severidade no púbis e na virilha, penduradas pelos pés de cabeça para baixo, coxas estiradas, a cabeleira espalhada, os ombros e a nuca descansando no solo.

181. Sem demora elas se instalam para a execução numa sedutora guirlanda, o pé de cada uma quase colado ao da vizinha, e as mãos amarradas às costas, exibindo seus tufos de amor de matizes diversos: uma loura de carnes já graciosamente desabrochadas, considerando suas 14 primaveras, uma ruiva seis meses mais velha que ela e uma adolescente precoce, de cabelos castanhos com reflexos cambiantes, cujos promissores atributos (tem apenas 13 anos e meio) comportam em especial deslumbrantes peitinhos em forma de maçã e uma grama pubiana ainda bastante sedosa. Antoinette, assim como Babi, que só fala inglês, receberam desde sua chegada ali uma dose dupla do poderoso soro afrodisíaco, abolindo toda tentação de resistência, não obstante muito compreensível. Gigi propõe que, antes de pendurar

como um belo animal de açougue, para seu castigo sem dúvida alguma imerecido, a silenciosa ovelha fornecida por Marco com vistas a seu sacrifício, o jovem Jonas (cuja noiva é igualmente virgem) deflore esta à guisa de treino. Quatro meninas logo se apoderam de Antoinette, derrubando-a na beira de um divã, membros abertos mas joelhos erguidos a fim de melhor oferecer seu sexo à imolação. Jonas apenas a acaricia, mas Odile verifica que sua vulva está um pouco molhada e estende um chicote para o rapaz ligeiramente surpreso, que se empenha sem hesitação em golpear de forma precisa a fenda ainda fechada da guria, logo aos prantos. Em seguida a espeta de uma só vez sobre seu dardo erguido, de dimensões, convém dizer, antes medianas. A menininha solta um grito a que se seguem gemidos contidos de dor sob os amplos vaivéns da faca de carne. Os espectadores podem constatar que ela perde sangue, a cada retração, em elogiável abundância. Isso excita ainda mais o estuprador, que, sentindo a descarga vir de forma muito rápida, retira-se para enfiar seu membro ensangüentado na boca da criança, que recebe ordens para engolir tudo. Como, tremendo de medo e quase sufocada, ela deixou escapar esperma de entre seus lábios

entreabertos, ele chicoteia novamente sua vulva em sangue, mas com um desejo potencializado de lhe infligir ferimentos.

182. Ela berra de dor sem ousar debater-se. As garotas largam seus membros para aplaudir. Antoinette, sacudida pelos soluços, junta-se às duas vítimas à espera de completar a composição. Sangra muito, mas é devido sobretudo à defloração. O suco vermelho escorre agora pela sua barriga, afogando o umbigo, até a parte inferior dos seios ainda imaculados. Suas lágrimas redobram quando compreende que seu suplício vai recommençar... E mais cruel, evidentemente. Também espera morrer bem rápido. Ao lado dela, a loura Octavie também começa a choramingar, sem fazer barulho. É Odile quem manipula o chicote com sua destreza habitual e eruditas variações quanto aos locais do corpo, bem como à sua violência. Começa por Sissy, que, por sua vez, não demora a se desfazer em lágrimas. Gigi acha o quadro muito bem-sucedido e felicita as atrizes. Em seguida, a própria ama atenta indica à sua auxiliar sobre quem vão se abater as próximas vergastadas, seu número, sua intensidade, o ponto preciso a ser atingido pela rígida cor-

reia. Nesse ínterim, o professor acaricia Sexie, depois a vulva de Suzanne quando esta volta para vir sentar-se à sua esquerda. Gigi está à sua direita, a criança salva do esfolamento permanece de joelhos entre suas pernas. Quando chega o fim das punições, duas das flageladas põem-se de pé, apenas vacilantes, de maneira que ganham seu lugar à mesa, mas conservarão os braços acorrentados atrás da cintura. Vê-se que Sissy foi relativamente poupada, tem apenas a virilha um pouco arroxeadada. Octavie sangra um pouco, sem excesso, em cima de sua coxa esquerda e na concavidade do púbis.

183. Apenas Antoinette permanece exposta de cabeça para baixo, gemendo de maneira patética. Basta mexer-se um pouco para a parte inferior de sua barriga, o interior das coxas até os joelhos e toda a saliência de seu púbis gotejarem sangue fresco. Isso se intensifica quando Câline, a menininha de 10 anos que Gigi encarregou de vigiá-la, derrama, a intervalos aleatórios álcool puro sobre sua vagina rasgada, sob pretexto de assepsia. Seus gemidos transformam-se então em gritos desvairados e balbucios humilhantes dirigidos a seus carrascos. A refeição é bem alegre, graças, evi-

dentemente, ao sabor dos pratos, bem como ao dos primeiros episódios eróticos representados no palco, mas também graças às bebidas alcoólicas de que todos usam e abusam: basta fazer sinal a uma das crianças do serviço, as quais, por sua vez têm ordens para não beberem demais às escondidas, sob pena de sanções desproporcionais caso apresentem o menor sinal de embriaguez. Quanto a Sissy e Octavie, que têm de se debruçar até seu prato para nele capturar entre os dentes ou lábios alguns pedaços de comida, é um prazer galante muito apreciado por seus vizinhos (Marco em relação à primeira, David Locke em relação à segunda) levar um copo bem cheio até sua boca para que possam sorver a quantidade de bebida embriagante que lhes convém. Em seguida (ou ao mesmo tempo), acariciam-lhes os seios para recompensá-las por sua aplicação em não fazer praticamente barulho ao beber.

184. David, que acaba de regar longamente a desejável Octavie, cujas lourices o seduzem cada vez mais, fingindo querer limpar seus lábios grossos, a beija na boca de uma maneira bastante convincente, e é logo retribuído. Enfia então uma das mãos por baixo da mesa para acariciar sua xoxota

também. De repente a garota esboça um movimento de retração que não parece se dever ao pudor, pelo sorriso de desculpa desolado que lhe dirige. Todavia, o homem sente que está com os dedos completamente molhados. Retira a mão para ver do que se trata. Seus dedos estão vermelhos de sangue. Esquecera este detalhe e se arrepende de seu gesto, não tendo nenhuma intenção de molestá-la. Porém, em voz alta, observa o grande desequilíbrio existente entre o destino imposto a uma e outra cúmplices, não obstante culpadas do mesmo crime: o de Gomorra. Enquanto Agathe via-se apenas masturbada com arte, até ter longos orgasmos em série, Octavie era chicoteada com selvageria sobre sua delicada xoxota loura, logo toda ensangüentada. Tendo a acusação do réu recebido a calorosa acolhida do público, a presidenta do tribunal pronuncia o veredicto. Depois de Gomorra, será Sodoma: um homem com um membro avantajado vai arrombar a bela bunda de Agathe ferindo-a o máximo possível, enquanto Odile lhe chicoteará os seios até que ela também sangre de maneira razoável.

185. O potente Marco executará a sentença sem se fazer de rogado. Entregam-lhe Agathe, cujos pu-

nhos ele começa por amarrar às costas. Em seguida ela ajoelha-se na beira do divã, as coxas bem abertas; ele a debruça para a frente para que lhe apresente as nádegas e seu rego esgarçado. Seu pau ereto é muito grosso, mas com um pouco de vaselina penetra sem a menor dificuldade, com delícias, no orifício anal. A condenada solta um grito de conveniência, tão débil que o estuprador é subitamente invadido por uma dúvida: “Já te enrabaram, sua piranhazinha!” — “Não, senhor, juro. Uma religiosa nos falou sobre essa prática, na nossa escola de noivas modelo, porque freqüentemente os cavalheiros impõem isso às suas jovens esposas. Apenas testamos entre nós, no dormitório, com cenouras cruas, e discutimos para compreender se aquilo podia ser agradável.” — “Pois bem, hoje não será!” — responde Marco sodomizando-a com extrema violência. E, para ter certeza de que ela não terá nenhum prazer nisso, induzido pela injeção de excitação libidinosa, ele lhe reergue o busto a fim de que Odile comece imediatamente a lhe vergastar os seios com uma fina correia afiada, manejada com tanta força que a pele frágil racha praticamente a cada golpe. Os gritos dilacerantes da estudiosa colegial não dão margem dessa vez a nenhuma hesitação sobre sua natureza.

186. Quando Marco a abandona, soluçando em seu desespero, sofrimento e humilhação, percebe-se que não apenas seu esplêndido peito está sangrando, como sua refinada roseta sangra também, voluntariamente rasgada. Desatinada e sem forças, ela cai no chão. Suplica que lhe dêem alguma coisa para beber e uma garota coloca uma tigela com água no chão à sua frente. A ama lhe diz: "Não faz muito tempo e você gozou como uma cadela, agora pode muito bem lamber como uma cadela!" "Sim, senhora", consegue responder a supliciada. "Peço desculpas." Como estivesse com vontade de fazer pipi, tendo bebido vinho branco em excesso nos braços de Gigi entre seus repetidos orgasmos, é obrigada a mijar de joelhos, coxas abertas acima de sua tigela, e a lamber em seguida a mistura de água com sua própria urina. Decidem expô-la perante o público nesse estado, rasgada dos dois lados, ensangüentada e morrendo de vergonha, amarrada com cordas pelos punhos e tornozelos numa cruz de santo André munida, em seu centro, de uma pequena estaca erguida obliquamente, que entrará no ânus lacerado para manter o corpo esticado em X, evitando que este enlanguesça.

187. Julgando-a deslumbrantemente bela em sua cruz, onde se agita debilmente em suas amarras bem esticadas, Gigi quer imediatamente testar nela uma pomada proibida no comércio, trazida pelo precioso Marco. Introduzida no sexo de uma garota, mesmo muito jovem, virgem e recém-torturada, logo provoca um acesso de orgasmos tão violentos que ela em geral morre em virtude disso, ao cabo de uma hora e meia no mínimo. A polícia a utiliza em suas prisões secretas como meio de execução, driblando dessa forma as leis que proíbem a pena capital. Além do mais, esse produto é inofensivo sobre qualquer outra mucosa, permitindo portanto possuir à vontade a suposta delinqüente, que se contorce nos tormentos de um prazer insuportável. Marco encarrega-se de besuntar toda a vulva de Agathe, seu clitóris e o conjunto das regiões em torno de sua virgindade intacta. Uma mudança espetacular opera-se em poucos minutos na simpática crucificada. Em primeiro lugar em sua fisionomia, que parece às voltas com uma espécie de demência, os olhos arregalados, a boca abrindo-se intermitentemente. Em seguida o corpo é percorrido por calafrios, logo espasmos convulsivos. E, muito rápido, aparecem os sinais de um gozo

sexual tão intenso, tão agudo que parece uma tortura. São obrigados a lhe aplicar uma injeção na garganta para impedi-la de gritar muito alto, o que perturbaria a seqüência da refeição, que prosseguiu numa atmosfera feliz e satisfeita, e ao mesmo tempo superexcitada.

188. Todos os homens ocupam-se de uma vizinha de mesa, ou então têm os sexos lambidos por uma guria de joelhos sob a toalha de mesa. Jonas gostaria que sua noiva se despisse, é a única das meninas que não está inteiramente nua, à exceção da anfitriã e de sua fiel assessora. O rapaz queixa-se ao pai. David manda Babie vir ao seu alcance para tirar sua calcinha. Como ela resiste um pouco além da conta, ele a esbofeteia e lhe ordena severamente que tire ela mesma seu vestido e tudo que veste, o que a bem da verdade não é grande coisa. A pequena teme contrariar seu futuro sogro; além disso, não ficaria descontente em expor à platéia seus viçosos atrativos de adolescente. Termina por obedecer com gestos encantadores de que seu noivo não a suspeitava capaz. O louro muito claro de seus cabelos combina com seus olhos azuis; sua penugem pubiana modesta (que vê o sol com menos freqüência) é quase mais dou-

rada. Mas quando fica completamente nua, escondendo seu olhar por trás de seus braços erguidos, na posição falsamente pudica de Frinéia diante do areópago, David exige que ela se ponha de joelhos, dorso vergado e púbis projetado à frente das coxas bem abertas, para se acariciar o sexo com ambas as mãos. Se não o fizer imediatamente, será empalada pela vagina sobre um falo de tortura e chicoteada até a morte. A adolescente, tomada de pânico, obedece, e parece que a injeção de soro teve tempo de consumir seus efeitos habituais, pois Babie, que tem apenas 14 anos e cujo crescimento ainda não terminou, começa a gozar de uma forma que surpreende ela mesma, e mais ainda seu pretendente. Mas David pede, para puni-la por ter hesitado em se desnudar, que Sexie a chicoteie nas nádegas enquanto ela prosseguirá sua masturbação, apenas gemidos de amor lhe sendo autorizados.

189. Nomeada executora, a garota, em seu entusiasmo de castigar as mais velhas, provavelmente a atingiu muito forte, pois a jovem inglesa, desgraçada e desamparada, não consegue segurar suas lágrimas de criança abandonada. Contudo, o quadro é julgado tão sólido que Gigi pede para vê-

lo prolongar-se mais um pouco, ordenando a Sexie que açoite de uma forma mais clemente aquelas carnes viçosas, que, diz David Locke, nunca conheceram o chicote, o que ele pessoalmente lastima. Está, portanto, encantado que a façam chorar naquela posição obscena, pois este é o destino normal que deve esperar toda jovem noiva britânica de um meio honesto. A ama, com vontade de apreciar no palco um episódio menos delicado, manda virem de suas masmorras as duas “condenadas” cujos atributos os convidados ainda não contemplaram: Christina, que tem 12 anos, e Pauline, que tem 13. Juntando-se à festa com prazer, as duas garotas estão assustadas pelo que descobrem ao chegar: Antoinette, pendurada pelos pés, o sexo agonizante, está coberta de sangue; Agathe, os seios lacerados pelas vergastadas, se contorce em sua cruz de uma forma inquietante; Babie chora de joelhos ao mesmo tempo em que acaricia o clitóris, enquanto lhe chicoteiam as nádegas de quando em quando. As novas atrizes, bem descansadas, lavadas, penteadas com esmero, ataviadas para agradar, estão todas nuas, usando apenas os ferros da prisão especial nos punhos e tornozelos, os braços acorrentados juntos às costas. Voltam-se com graça para que sejam

vistas de diferentes lados. Obedecendo a um sinal do pai, Pauline, sorridente, vem beijá-lo na boca. David acaricia o ânus de Christina.

190. Com sua má-fé de costume, Gigi repreende-as por chegarem tão tarde. Ordena-lhes, como punição, que lambam o sangue sobre as duas suplicias para que estas fiquem um pouco mais limpas. Christine vai limpar com sua língua o peito de Agathe, e Pauline as coxas e a barriga de Antoinette. "Isto será seu jantar por ora, e vocês não precisam das mãos para fazer isso." Babie, em contrapartida, pode voltar para junto do futuro marido para a sobremesa. Mas este exige que antes lhe acorrentem as mãos às costas, achando isso muito vistoso nas outras garotas. Ele a alimentará pessoalmente na boquinha, como se ela tivesse voltado a ser um bebê. A noiva subjugada entrega-se sem protestar. Sob a dupla ação dos soros e do chicote, aceita, sem nenhuma alegria mas com total naturalidade, sua transformação em dócil objeto de prazer. Jonas aproveita-se disso, assim que ela se sentou a seu lado, para lhe fazer beber um copo cheio de um vinho licoroso, que ela bebe até o fim. E finalmente ela recupera seu sorriso, depois uma risada completamente infan-

til, deslumbrada com aquele novo status que obriga o rapaz a lhe dar constante atenção. Aliás, depois de largar o copo, ele a beija nos lábios complacentes acariciando-lhe os seios cujas tetas ele masturba, em seguida o sexo, que está inusitadamente molhado. Ela está nua em pêlo e sem defesa, e isso o excita. Ela abre mais suas delicadas coxas para que ele a vasculhe mais comodamente, uma vez que agora ela lhe pertence, seu corpo queira ou não. E a garota, apenas surpresa, sente subir, depois invadi-la, o primeiro gozo de sua vida.

191. Jonas, que a contempla encantado, roça com a ponta dos dedos seu rosto extasiado, depois, subitamente, dá-lhe um bofetada, aplicada com precisão mas não muito violenta, simplesmente a fim de sentir melhor que aquela coisa deliciosa, que funciona tão bem, é totalmente sua. O que, por sinal, faz com que Babie o agarre e beije como para lhe pedir perdão por ter gozado em público com tamanho impudor. Enquanto isso, no palco, as duas lambedoras quase terminaram seu trabalho. São vistas então de costas depois da tarefa cumprida, uma de pé, a outra de quatro, com suas pernas um pouco abertas para ter um bom equi-

líbrio. Suas mãos de delicadeza quase imaterial, acorrentadas juntas pelos pulsos já lacerados, aparecem bem em cima de suas bundinhas deslumbrantes, e Jonas, como outros espectadores, pergunta-se por que ninguém as chicoteia para estimulá-las na tarefa, o que seria mais que simples. Gigi deve ter tido esse mesmo pensamento, pois agora quer que Pauline venha prosternar-se ao pé de sua poltrona para lhe lambe a vulva e em especial o clitóris, enquanto Sexie, com hábeis vergastadas, desenhará sobre a adorável anca assim exposta riscas escarlates iguais às que enfeitaram a barriga de Antoinette, lavada pela saliva de Pauline. A ordem é imediatamente executada. Quanto a Christina, cuja língua não lambeu com o mesmo zelo o peito de Agathe, montou num cavalete de madeira dura, com a aresta superior aguçada, que vai lhe penetrar no púbis com tanto mais facilidade à proporção que seus pés são puxados lateralmente por cordões, os braços permanecendo amarrados às costas.

192. Os olhares incisivos de Gigi vão de uma a outra com deleite: Agathe, com os seios zebrados de vermelho, que continua a gozar desesperadamente em sua cruz, e durante uma hora ainda se

desejarem que ela morra; Antoinette, pendurada de cabeça para baixo, cujo corpo adolescente agora bem limpo está enfeitado com escoriações sangrentas, artisticamente dispostas por um hábil açoitamento desde os joelhos até o umbigo, e que deve ser supliciada na mesma noite; Pauline, por sua vez, prosternada entre as coxas de sua ama sentada, dedicando-se a proporcionar-lhe com a língua e os lábios uma excitação progressiva de toda sua boceta entreaberta. A sagaz garota, por sua vez sensualmente transtornada, tem um ligeiro sobressalto, em que dá o melhor de si, a cada vez que o chicote fere novamente uma nádega com um breve guincho do couro que corta um pouco a pele. Há finalmente a jovem e delicada Christina, cuja xoxota infantil é muito lisa e começa a sofrer horrivelmente, fendida em seu rego mediano pela aresta viva do cavalete. Ela se agita um pouco quando a dor se torna insuportável, mas isso, longe de amenizar o sofrimento, rasga ainda mais suas mucosas, que sangram desde o ânus até a vulva. Seus grandes olhos perdidos tentam em vão enternecer o coração provavelmente sensível, mas caprichoso e cruel, dessa ama, que tem todos os direitos e parece saborear as lágrimas que anuviam a vista da criança

torturada sem nunca ter cometido uma falta, bem como mordiscadas experientes de seu próprio clitóris.

193. Sob o efeito angustiante de um orgasmo que se anuncia, Gigi agarra com ambas as mãos a cabeleira de ouro vermelho de sua chupadora. Querendo imediatamente ver correr mais sangue de Antoinette, pede a Jonas que largue por um instante seu novo brinquedo, para arrancar agora o clitóris da bonita adolescente que ele deflorou após lhe ter feito sofrer as primeiras chicotadas sobre sua jóia virgem. O botão de carne então intumescceu de seiva febril sob a violência das incontáveis vergastadas que se seguiram, e assumiu uma cor violácea que discernimos melhor depois de sua limpeza. Quando as finas tenazes, manipuladas por seu estuprador, procedem à excisão, com toda a lentidão recomendada, a vítima solta uivos histéricos, enquanto um repuxo de suco vermelho jorra por entre suas coxas. Jonas lhe enfia na boca um absorvente de pano embebido em seu sangue a fim de amortecer um pouco seus gritos demenciais. Em seguida termina de sectionar o botão do amor, e, quando o sangue inunda Antoinette novamente, o galante inglês oferece

em homenagem à sua noiva seu troféu sanguinolento, que ele põe na boca para que ela o engula, o que Babie não se atreve a recusar. É assim, comenta a ama que acaba de ser atravessada por um estranho êxtase, cujo golpe teria transformado seu corpo e seu espírito de maneira duradoura, como se houvesse sido penetrada por distração num outro universo, de delírio e alucinação... É portanto, com uma voz sonhadora, que ela aprova a mutilação de Antoinette, degustada por Babie à guisa de sobremesa: “De maneira igualmente primitiva, a jovem noiva deveria agir com todas suas rivais como o fazia uma rainha ferozmente ciumenta, na Pomerânia, não faz tanto tempo assim...”

194. Nesse momento, ela percebe que Sexie está em vias de enfiar agulhas incandescidas nos minúsculos pés de Christina, atravessada até o coração por explosões de fogo e louca de pavor, o que faz correr riachos de sangue sobre as traves do cavalete. Gigi pensa equivocadamente que seu pai provavelmente deu ordens para isso, quem sabe para lhe abrir bem a boca com uma mordança embebida em seu próprio sangue. Mas eis que duas garotinhas nuas aproximam-se da ama para lhe apre-

sentar de joelhos uma imensa bandeja de prata em que reina o suntuoso bolo de aniversário, com cobertura de glacê rosa-claro, enfeitado no centro com xarope de groselha vermelha, que escorreu em línguas sanguíneas em todas as direções. Ao redor do recinto, 14 velas são acesas, além de, no meio da fonte escarlate, metade de uma 15^a vela do mesmo volumoso calibre, uma vez que a filha fez 14 anos e meio de manhã. A iluminação elétrica do aposento caiu progressivamente para que se aprecie mais o vivo brilho das velas, que logo vem a constituir, uma vez que lá fora é noite fechada, a única luz na vasta e solene sala de jantar. Gigi, fascinada, demora-se sem pronunciar uma palavra sobre o rosto radioso das duas garotinhas no bruxuleio das chamas, e distingue à sua volta, a uma distância respeitosa, outros jovens rostos pertencentes às múltiplas gurias do serviço, que pareciam mais numerosas, talvez inclusive cada vez mais numerosas... num piscar de olhos...

195. Querendo escapar a essa invasão aterradora, Gigi, com um forte sopro, apaga as 15 velas simultaneamente. Porém, como se houvesse ao mesmo tempo acionado outra iluminação, descobre-

se então no palco o corpo iluminado de Antoinette, contorcendo-se mais que nunca, percorrido por súbitas convulsões fulgurantes. Alguém (Marco?) enfia-lhe na vagina uma estrelinha de artifício, que cospe fagulhas sobre as coxas e os arredores, enquanto uma resina inflamada escorre por suas nádegas e barriga. Muito rapidamente, toda a condenada vê-se em chamas. A platéia aplaude numa exultação justificada, depois entoa em coro a *Ode à alegria*, cujas notas célebres terminam a Nona Sinfonia, quando, de repente, a seriedade do humanismo bem-pensante é interrompida por uma ruidosa cascata de risadas alegres, um pouco bêbadas talvez, risadas de garotas. Gigi, surpresa, logo percebe sua origem: na claridade de um projetor bem-vindo, a bandeja de prata com seu bolo de aniversário é colocada no chão; em volta há seis ou sete cativas ajoelhadas, todas com as mãos acorrentadas às costas, que se divertem como loucas pastando o enorme doce diretamente no prato e lambuzando o rosto com o creme cor-de-rosa e o espesso xarope de groselha... De maneira bem visível, empanturram-se muito mais por divertimento que por fome, sujando-se o máximo possível. Várias chegam inclusive a limpar o nariz e o queixo nos

seios de suas vizinhas. Gigi, por sua vez, não acha nada disso engraçado, é até mesmo tomada por uma náusea diante dessa imagem bestial e repugnante, quer se levantar da cadeira, porém, antes de conseguir, desmorona, sem forças, toda flácida, desmaiada.

196. Um pouco mais tarde (quanto tempo mais tarde?), seu pai a desperta com doçura e, no tom sempre autoritário que é o seu, pede que ela faça a gentileza de acompanhá-lo: tem uma coisa para lhe mostrar. Gigi recuperou uma certa energia, e também um tranqüilo bem-estar. Não há mais ninguém na grande sala de jantar debilmente iluminada, mas de uma maneira perfeitamente normal. O corpo invertido de Antoinette está quase inteiramente carbonizado, à exceção dos ombros e do rosto, que repousam, inertes, diretamente no chão, o escoamento da resina em fogo tendo se detido nos seios, que queimaram longamente, um pouco menos entretanto que a parte inferior do corpo — situada em cima —, isto é, a barriga, as nádegas, a vagina e as coxas. O professor chama a atenção de sua filha para um capitoso perfume de incenso que emana em espirais de fumaças azuladas, justo o contrário de um repelente cheiro

de carne calcinada. O fabricante desse engenhoso produto, que queimou viva a adolescente, teve o cuidado de poupar o olfato dos carrascos. O corpo vai ser desovado no crematório da polícia. Além disso, ele explica que os corpos aparentemente sem vida de Agathe e Christina, desmaiadas após o excesso das torturas, mas no fim das contas muito pouco danificadas, juntaram-se ao de Sabine na enfermaria doméstica. O cirurgião-geral garante que, em menos de uma semana, não subsistirá nenhum dano visível, a não ser algumas discretas lembranças da memorável festa, como as queimaduras com tição em brasa na sola dos pés de Christina. E as três cativas poderão ser novamente utilizadas, tão belas quanto antes.

197. Em seguida, dando-se as mãos como namorados, descem para os antigos porões romanos, restaurados na Idade Média sob o *fornax* e cuja instalação fora criteriosamente revista por Violetta. Gigi, perdida em seus pensamentos, ignorava que houvesse ali uma nova enfermaria para o harém, com um médico capaz de pequenas cirurgias. Não ousa perguntar desde quando. Assim que chega aonde seu pai quer levá-la, uma sala bem aquecida, quase em excesso, comportando diversos

aparelhos mais ou menos complicados, previstos para as meninas bonitas condenadas à morte, ela vê duas delas instaladas em máquinas, nas quais aguardam seu suplício, inteiramente nuas, mantidas em posições impróprias e cruéis, mexendo-se com dificuldade e chorando sem fazer barulho. Considerando seus jovens atributos perfeitamente desenvolvidos, devem ter 15 ou 16 anos. Brutalmente, o professor lembra a Gigi suas obrigações filiais: ela também deve despir-se imediatamente. Que está esperando? Agora que ela é um objeto sexual consumado e sem ilusões, ele quer chicoteá-la seriamente antes de ir para a cama com ela. “Desculpe, senhor”, diz ela com humildade, “por não ter pensado nisso por mim mesma, obrigando-o a me dar a ordem. Mas gosto de lhe obedecer.”

198. Agilmente despida, põe-se de joelhos à sua frente na posição tradicional: mãos atrás das costas, olhos baixos, coxas abertas. Ele a contempla com satisfação e ela recebe, grata, a bofetada merecida. Ele diz: “Levante-se, vou amarrá-la no pelourinho.” — “Sim, senhor.” Gigi está contentíssima. Seu pai chicoteou-a muitas vezes, em particular durante sessões de leituras eróticas,

mas é a primeira vez que a amarra. Ela acha que se tornou um personagem mais importante, valioso, desejável. Ele a empurra para uma coluna bem próxima, a face colada na madeira dura e nodosa que cheira a cedro velho, a transpiração, a xoxota arranhada. Em poucos segundos, ele fecha em volta da cintura dela um grande cinto de couro flexível, fixado no pelourinho de tortura precisamente na altura ideal, afinando mais ainda, por um cerramento excessivo das malhas, sua finura natural; e prende seus braços juntos um pouco acima, cada punho imobilizado sem nenhuma latitude na concavidade do braço oposto, apenas um pouco mais acima que o cotovelo. Imediatamente depois, ela ouve o chicote estalando na carne das duas outras garotas. Gigi não pode vê-las, mas conta o número de golpes sobre cada uma das vítimas, cujos gritos de dor ou gemidos de súplica ela identifica sem dificuldade. Enverga as costas o máximo possível e força o busto para trás a fim de não esmagar seu frágil peito contra o terrível pelourinho.

199. Minutos mais tarde, seu pai volta-se para ela e a segura pelos quadris... Acaricia então seu pênis ereto no macio rego das nádegas, dizendo-lhe que

logo será sua vez e que ele a molestará de um jeito que ela não conheceu até agora. Vai chicoteá-la até sangrar. “O senhor tem direito, cavalheiro”, diz ela afetuosamente, “uma vez que sou sua propriedade.” Provavelmente para instalá-la numa posição mais de acordo com seus desígnios, o professor aproxima dela uma espécie de tamborete cúbico bastante pesado, talvez de ferro fundido, e a obriga a pôr sobre ele o pé direito, que logo se acha aprisionado numa sandália justíssima, a cerca de trinta centímetros do chão. Foi obrigada, para essa manobra, a dobrar o joelho direito e a levar um pouco seu outro pé para a esquerda, uma vez que seu corpo permanece mantido rigorosamente no eixo da coluna, onde foi preso pela cintura. Dessa forma, suas coxas foram abertas à força, muito amplamente, de uma maneira dessimétrica. E ela é obrigada a projetar sua anca em direção à mão paterna, que lhe acaricia o ânus nele introduzindo uma vaselina grossa, com certeza emoliente, talvez afrodisíaca, em todo caso muito agradável quando ele a masturba longamente com um dedo, depois dois. Em seguida, aplica-lhe uma injeção na nádega, dizendo: “Nenhuma razão justificaria que você não disfrutasse também do soro de prazer com que todas

as nossas colegiais foram agraciadas.” Depois disso, masturba ao mesmo tempo sua roseta anal e seu clitóris. A sensível garota não demora a ficar alucinada, mexe o ventre num ritmo ainda lento, sua vulva encharca-se de licor, ela começa a arfar de uma maneira mais significativa e cada vez menos discreta...

200. Quando seu amo a julga no ponto, ministra-lhe sem avisar quatro vergastadas sucessivas, tão violentas que ela deixa escapar gritos incrédulos, idênticos aos de suas vizinhas, o que é um pouco vexante. Mal se passaram alguns segundos, um objeto liso mas muito grosso penetra em seu traseiro acolhedor de dama de companhia maltratada e estigmatizada agora por lancinantes escoriações. Por outro lado, o objeto penetra com extrema facilidade, pois foi previsto para esse uso. Trata-se na verdade de um consolo espanhol do Renascimento, de que sua mãe Violetta fazia uso para açoitar o eros nascente das jovens servas virgens e humilhá-las publicamente. São como três grandes bolas sucessivas que separam os nós do ébano. O quádruplo tratamento prévio sofrido pela adolescente, já filialmente submissa — o excesso de vaselina, as masturbações digitais, a in-

jeção de condicionamento, o açoite severo —, dá os felizes resultados esperados. O vaivém profundo do instrumento, mais ou menos rápido ou lento, com rotações no lugar e algumas estocadas, acompanhadas por obscenidades clássicas murmuradas ao ouvido, fazem a criança entrar rapidamente no vermelho paraíso de um gozo ininterrupto, exceto pelas breves pausas do suspense.

201. Ela está à beira do esgotamento quando o amo a liberta de sua coluna e de seu tamborete, mantendo porém seus braços amarrados às costas e duas bolas do consolo retidas em seu cuzinho deflorado. Ela sangra levemente em três pontos: na roseta e em dois lugares atingidos pelas vergastadas. Ele se senta em sua confortável poltrona e Gigi atira-se de joelhos entre suas pernas, procurando com a boca ávida o membro viril na passagem entreaberta do pijama preto. Ele próprio extrai dali o dispositivo sagrado, que, quase ereto, parece de dimensões monstruosas para a garota em adoração. Após tê-lo lambido de cima a baixo por três ou quatro vezes, demorando-se com a ponta da língua no freio, para endurecer completamente o caule, ela pega com os lábios a glândula roxa e finge querer engoli-la. Ele a aconselha a

realizar corretamente sua tarefa de esposa inexperienced. Caso contrário, ele mandará vir uma das garotinhas para chupá-lo até a ejaculação, enquanto ela, por sua vez, será chicoteada no sexo diante deles. A noviça evidentemente não ignora como proceder: não apenas leu, em seus livros didáticos, várias descrições detalhadas dos diferentes modos operatórios, e os discutiu com o professor para conhecer sua apreciação pessoal, como viu freqüentemente as gurias de aluguel praticarem a coisa, por ocasião dos grandes jantares de amigos oferecidos quase mensalmente, nos convidados ou em seu próprio pai. E já há algum tempo sentia vontade de tentar essa experiência, mas não imaginava que segurar o doce monstro entre suas faces fosse tão maravilhoso. Seu professor, deixando de lado qualquer pressuposto paterno, está em todo caso bastante satisfeito com aluna tão boa.

202. De vez em quando, a fim de interromper a chegada demasiadamente rápida do prazer final, ele levanta o busto da filha para beijá-la na boca beliscando o botão dos peitinhos, ou, mais freqüentemente e sem razão alguma, para lhe dar bofetadas após ter explorado sua vulva, que transborda

muco. Ficaria orgulhoso de mostrar a uma testemunha conivente a que ponto sua filha é bem adestrada. Silencioso e vigiando na penumbra as diversas peripécias, está o jovem cozinheiro de 18 anos, chamado Gilbert, diminutivo Gil, esbelto e forte rapaz que Gigi notou dando ordens na copa. O pai contratou-o recentemente, por recomendação, para trabalhar, além disso, como guarda-costas, chefe do pessoal, guardião do harém e carasco. A um sinal, o rapaz se aproxima, surpreso mas encantado por estar vendo assim a menos de um passo nossa jovem ama autoritária numa posição tão interessante: nua em pêlo e prosternada, as mãos acorrentadas às costas, a boca distorcida pela vara do genitor, as nádegas marcadas por açoites cruéis, e um grosso consolo com bolas enfiado profundamente no ânus. A fim de que ela compreenda claramente que aquele macho que a come com os olhos e cuja voz grave e perturbada ela reconhece é com efeito o mesmo com quem entabulava ainda há pouco um flerte banal, o professor dá-lhe alguma ordens que necessitam de respostas. Dessa forma, julga fazer a participante sentir que não passará de mero brinquedo sexual à mercê de seu pai, a partir do momento em que este a queira, coisa excelente para concluir sua educação.

203. O sedutor Gil deve, a partir de agora, proceder ao sacrifício previsto pelo professor para uma das refinadas vítimas que estão à espera, martirizada essa noite em homenagem a Gigi como cenário excitante para seus jogos educativos de garotinha estudiosa, executados sob a férula de um delicado pai preceptor. Gil vai escolher pessoalmente aquela das duas condenadas que mais lhe apetece. Nessa óptica particular, inspeciona-as uma depois da outra, expostas sobre duas máquinas de suplício concebidas por Violetta há dez anos para a execução de sultanas. Desenhara três esquemas bem precisos, mas sua morte acidental tornou a construção inútil, a atmosfera da casa tendo então se alterado de maneira radical, assim como seu ritmo de vida. Contudo, nos vastos subsolos caros à falecida, agora pouco acessíveis, o pai quis, um pouco mais tarde, estabelecer em plantas dois projetos à guisa de monumentos da lembrança. Ninguém, até o presente momento, fez uso deles.

204. A primeira condenada examinada por Gil chama-se Maroussia: loura viçosa de 15 anos, punida com uma pena capital por esquartejamento em seu país de origem por roubos recorrentes de

acessórios íntimos com a grife de uma butique de luxo, foi, como acontece freqüentemente com as adolescentes excepcionalmente bonitas, vendida para exportação como virgem a ser torturada, ou como galinha gorda entregue ainda viva nos açougues ginófagos. Aqui, acha-se exposta na horizontal, a cerca de um metro do chão, a face voltada para cima, os membros abertos, sustentada por uma estaca que lhe entra no ânus e cuja extremidade, invisível no interior do reto, expande-se sob a ação calculada do calor animal, a ponto de não poder mais nem sair nem entrar. Além disso, está pendurada na abóbada por um grande cinto preto que lhe aperta a cintura, idêntico ao que prendia Gigi em sua coluna. Suas pernas abertas estão esticadas de maneira divergente, para baixo, por dois guinchos capazes de abri-las ainda mais, de desalinhar suas articulações e mesmo arrancá-las completamente. A cabeleira dourada cai até o chão em torno do rosto em lágrimas semi-inclinado. O interior de suas coxas carrega as marcas vermelhas, ensangüentadas em certos lugares, do chicote utilizado pelo pai.

205. Gil acaricia delicadamente a boca, sensível e carnuda (abre docilmente os lábios), em seguida

os seios, bastante rijos e cheios para agüentar essa posição sem prostrar-se, finalmente sua vulva loura cuja fenda toda úmida entreabre-se sob o esquitejamento que começa. Foi provavelmente submetida à injeção de soro, pois seu clitóris reage aos toques de uma forma encantadora, a despeito de sua situação de empalada. Avançando os dedos para sua vulva complacente, o rapaz então constata que ela é de fato completamente virgem, detalhe que comove seu carrasco sentimental de forma inesperada. Este lambe longamente seu clitóris e ela começa a gemer amorosamente. Quando a garota viu aparecer acima dela esse luminoso rapaz, compreendeu que um anjo descera dos céus para libertá-la. Aliás, neste momento Gil pretende fazer a outra adolescente oferecida morrer, para dormir com esta até de manhã, fazê-la gozar de vez em quando e, em seguida, evidentemente, deflorá-la. Põe-se de joelhos e a beija na boca levantando sua cabeça. Maroussia entrega-se com paixão. Mal conhece trinta palavras em francês, mas alguns gestos bastam para fazê-la compreender que irão carregá-la esta noite para um quarto. O rosto da condenada à morte resplandece como se fosse objeto de um milagre.

206. A outra garota, que portanto vai ser sacrificada, chama-se Nadia. Ela também se acha oferecida, os membros abertos em cruz de santo André: Mas está pendurada verticalmente, cada um de seus pés bem afastados repousando numa espécie de estreito pedestal em equilíbrio bastante precário. Uma estaca erige-se entre suas pernas abertas, cuja ponta afilada penetra o orifício de sua xoxota virgem, sem feri-la gravemente. A palma de cada mão, assim como o tornozelo de cada pé (entre o osso calcâneo e o tendão de Aquiles), está atravessada por uma barra de aço cujas pontas estão fixadas em finas e sólidas cordas que mantêm o corpo em cruz. Mas está fora de questão a supliciada se agarrar a ela em caso de queda: não faria senão ferir mais mãos e pés. O que representa o maior perigo para ela é também o menos visível: um nó corrediço passado em torno de seu pescoço, cujo cordão ainda bastante frouxo a prende nas abóbadas, pouco discernível em virtude da cabeleira cacheada que lhe cai nos ombros. Se ela se move um pouco e perde o equilíbrio, vê-se ao mesmo tempo enforcada e empalada. O pai lhe chicoteou as nádegas, que sangram, mas tomou cuidado para não fazê-la cair prematuramente de seu poleiro.

207. Essa Nadia é uma garota alta e esguia com protuberâncias magníficas, tendo entretanto um corpo esbelto, sem obesidade nem musculatura disforme. É uma ruiva de carnes leitosas, virgem, igualmente condenada à morte, mas pelo menos por uma razão clara: desobediência à autoridade paterna (na realidade por haver rechaçado os assédios de seu pai, desajeitado e grosseiro). Gil vai queimar seus tenros atributos com pequenos toques cada vez mais fortes, até fazê-la cair e ser capturada pela armadilha. Dispõe para isso de uma lança ligeira cuja ponta adapta-se a ferros intercambiáveis, incandescidos num braseiro. Obedecendo às indicações do pai, que contém como pode o ardor de sua filha dileta em fazê-lo gozar, começa por infligir a Nadia múltiplas pequenas queimaduras roçando-lhe os seios, a entrecoxa, as axilas, a barriga, as virilhas, a concavidade dos cotovelos, as coxas desde o joelho até o sexo espetado, voltando de preferência aos lugares que lhe pareceram os mais sensíveis.

208. O proprietário do local (e de toda a sua população fêmea) segura com ambas as mãos, com uma prudente firmeza, a cabeça de Gigi, seja para afastá-la do falo impetuoso enquanto ele dirige os

gestos do carrasco, seja para ali aplicar novamente a boca voraz, seus lábios palpitantes e seus pequenos dentes sem agressividade, embaixo da haste ou em torno da glândula. Mas logo percebe claramente que esse exercício perigoso pode durar mais de alguns minutos. A uma ordem sua, Gil enfia então o ferro em brasa de alguns centímetros em um dos seios, depois no outro. Nadia emite uivos, que ele interrompe secamente queimando-lhe profundamente a raiz do pescoço, até a laringe. Finalmente ataca a base pubiana, sob sua suntuosa penugem ruiva, e a fissura ensanguentada de que desponta seu clitóris. A supliciada não consegue mais emitir senão estertores cuja rouquidão intensifica ainda mais sua dor. Esgotada, vencida, trêmula, abandona um de seus apoios, depois o segundo, enquanto todo o sistema é acionado com a lentidão prevista por Violetta. Os dois pés afastam-se mais ainda, sob seu próprio peso o corpo desce progressivamente sobre a estaca, o cordão aperta pouco a pouco o pescoço. E então tudo pára, exceto o fluxo de sangue e os estremecimentos da carne. Apenas semi-estrangulada, sem rompimento das vértebras cervicais, seus membros estirados a ponto de estalar, a ponta de aço atravessando seu ventre até o

fundo do útero, levará mais de uma hora para morrer.

209. Voltada para o outro lado, Gigi só pôde acompanhar os ruídos da representação. O professor, ao contrário, desfrutou plenamente dela, emocionado com a engenhosidade de sua esposa-criança defunta. Sua longa ejaculação começou justamente quando um ferro incandescido queimava o clitóris até o osso pubiano e todo o sistema começou a funcionar. Uma bela quantidade de porra espalhou-se então espasmodicamente até a úvula, na minúscula boca de sua filha, que engoliu tudo religiosamente, em várias e sucessivas talagadas. Quase sufocada pelo enorme trabuco paterno cuspiendo sêmen, a adolescente, respirando melhor desde que este se retirou, dirige seu olhar, ainda de joelhos, para a feérica Nadia em vias de entregar a alma pelo seu feliz aniversário. O professor, navegando na extrema beatitude e longe de sentir a pretensa tristeza animal que se segue a todo orgasmo, parece em plena forma, sorridente, relaxado, desejando fumar um de seus havanas e contemplando o espetáculo, plasticamente belíssimo, de Nadia expirando de maneira tão lenta e cruel.

210. Ele escolhe um flexível robusto dourado na caixa oferecida na véspera e oferece um a Gil, cuja atuação foi perfeita. A propósito, convida-o a imitá-lo e umedecer o charuto, para intensificar seu perfume, na xoxotinha encharcada de Gigi, que esta apresenta sem precisar de ordens para isso, levantando um de seus joelhos flexionado e abrindo as coxas o máximo possível. O precioso cilindro de tabaco a penetra para efetuar alguns vaivéns em sua vulva, lateralmente a fim de não pôr em risco a virgindade que o amo reserva para outros jogos, como ele explica a seu jovem carasco. Este último, um tanto pasmo, nunca viu uma coisa daquelas, bastante corriqueira, dizem-lhe, como tampouco alguém queimar, sem precisar insistir, com a ponta incandescente do charuto, a aréola dos seios nascentes de uma criança, convertida em puta mirim e dócil, cuja jóia virgem permanecerá disponível para novas umidificações, durante todo o tempo da degustação, e em seguida oferecerá suas tetas a novas queimaduras se isso for a vontade do amo. Carregará essas marcas brilhantes sobre a pele sensível e granulosa da aréola marrom-rósea talvez meses a fio, ou mais. Serão como diamantes incrustados nos seios e materializarão a lembrança de uma festa

memorável, lembrando a Gigi que ela não sonhou tudo o que aconteceu durante aquela noite de delícias.

211. O rapaz tenta respeitosamente repetir o uso meticuloso do umidificador vivo e frágil. Para a divertida tortura dos seios, deverá utilizar os de Maroussia, que são nitidamente maiores, mas igualmente bonitos. Tendo adivinhado os planos do cozinheiro-chefe, o amo anuncia, além disso, que lhe oferece de presente a saborosa loura condenada à morte. Será instalada num dos belos quartos destinados às sultanas. Alimentada e hospedada pela casa, será propriedade pessoal dele e poderá, caso o deseje, auxiliá-lo em seu trabalho. Quanto a seu uso erótico, será preciso contentar-se com felações e sodomia. Pelo menos até a sua defloração, da qual o pai, como para todas as sultanas, reserva prazeres exclusivos para si, provavelmente acompanhados dos modestos suplícios habituais, que de forma alguma irão danificá-la de maneira permanente. Antes como depois, será requisitada de vez em quando como serva nua nos jantares de amigos, onde correrá tão-somente o risco de ser acariciada de maneira mais ou menos obscena, sodomizada, levemente chicoteada,

bem como receber algumas queimaduras de charutos ou picadas de agulhas nos seios.

212. Gil corre para libertar sua presa providencial, como aliás prometera. O generoso doador explica-lhe em poucas palavras o procedimento a ser seguido: destravar as argolas do cinto que mantém o corpo pendurado no arco romano, assim como os braceletes de fixação nas mãos e nos pés: em seguida, levantar a prisioneira pelos seus braços vigorosos enquanto se desinfla, a um simples clique, o castão que remata a estaca, no interior do reto. O rapaz em seguida só precisa depositar a bela escrava conquistada no chão, em frente à sua própria poltrona, ajoelhada na mesma posição que Gigi. Ela permanecerá assim entre as pernas de seu proprietário, que poderá comodamente acariciar-lhe a boca ou as nádegas, manipular seu clitóris desperto (ela já está molhada), queimar-lhe a aréola dos seios e umedecer seu charuto ao seu bel-prazer. Enquanto o discípulo agora imita seu mestre, os dois homens comparam em voz alta, sem nenhum pudor, os atributos bem diversos de suas respectivas belas fêmeas, que desfrutam apenas do direito de se calar, e também os aromas de charuto secretados pela vulva, o pro-

fessor tendo feito questão de degustar Maroussia também, dando três tragadas no robusto de Gil para não misturar no seu a sutileza dos aromas sexuais. Gostariam igualmente de desfrutar da boceta da ruiva Nadia enquanto esta ainda vive, mas ela está quase obstruída pela bitola de sua estaca, e um havana, agora, só poderia impregnar-se de um gosto de sangue.

213 Com o prolongamento dessa conversa indecente, agora é muito tarde, e Gigi está morta de cansaço. É portanto ela, dessa vez, que o formoso Gil carrega, enlanguescida, em seus braços, até o quarto nupcial, onde ela dorme todas as noites com o pai. Instala-a no meio do imenso leito, dito de Sardanápalo, no qual a esparrama de barriga para cima, membros abertos, para que o professor possa estuprá-la sem esperar pela sua toalete, pois esse perito acaba de lhe ensinar a evitar o cheiro de sabonete em vaginas, repugnante aos instintos animais do desejo, sobretudo quando se trata de jovens gurias. Em seguida, retira-se para conduzir Maroussia para sua nova prisão, quase tão luxuosa, embora de dimensões bem mais modestas, na seção das sultanas. Gil gostaria de poder infligir a esta as mesmas exações

que o amo impõe à sua filha neste momento, mas ignora tudo. De fato, o pai foi fazer uma visita noturna a diversas outras cativas, enquanto Gigi, sem nada mudar na posição oferecida em que a puseram na cama, logo soçobra no mais profundo sono, que não exclui todavia a irrupção de sonhos, replays imediatos de atos recentes.

214. Nesse instante ela julga perceber que não consegue mais se mexer: está presa em cruz em sua cama, e, debruçado sobre ela, seu pai de pijama preto a considera longamente com uma expressão severa, até mesmo ansiosa, ou ainda reprovadora. Segura em sua mão direita um facão de açougueiro cuja lâmina triangular, lúida e aguçada como uma navalha, termina numa ponta pontiaguda, já manchada de sangue. Prepara-se para introduzir a arma em seu sexo, que ela sente todo molhado, provavelmente pelo sangue que dali escorre. Quer lhe suplicar, pedir perdão, mas logo percebe que nenhum som sai de sua boca. E o pai justiceiro enfia o facão diversas vezes não exatamente através do orifício natural, mas sobre a reentrância pubiana, sobre sua nascente penugem castanha. A fina ponta continua a penetrar profundamente, sem encontrar a menor ossatura.

215. Para grande surpresa da criança, esses ferimentos que se sucedem e a fazem sangrar horrivelmente, em vez de produzirem as terríveis dores temidas, fazem nascer nela um gozo, a princípio difuso e ligeiro, depois intensificando-se rapidamente. Fecha os olhos, reabre-os em seguida, decepcionada por não atingir o êxtase, para constatar que seu pai, ainda com o facão na mão, está exclusivamente concentrado em preparar a comida num braseiro de carvão de lenha, bem próximo da cama, embora ela nunca tenha reparado nisso antes. Bem ao lado, está Maroussia, na mesma situação em que se achava um pouco mais cedo, antes que Gil a libertasse, isto é, empalada pelo ânus e suspensa para o teto por um grande cinto, que lhe aperta a cintura num impiedoso corpete preto. Entretanto, esta tem as mãos imobilizadas às costas, e isso confere a seu soberbo colo uma forma ainda mais notável: dois globos sem falhas presos ao tórax por um afunilamento circular bem marcado, tão indeformável quanto o resto.

216. As pernas maravilhosas da garota abrem-se cada vez mais amplamente, estiradas de forma progressiva por dois guinchos, cuja rotação é bem

lenta, embora de uma força irresistível. A supliciada se contorce para a direita e a esquerda, como em marcha lenta, e abre a boca para berrar de dor. Mas não emite qualquer som. O pai aproveita-se disso para escalpelar cuidadosamente sua penugem loura, densa e delicada, deixando as carnes expostas. Em seguida abandona calmamente o facão e apresenta o escalpo a Gigi segurando-o com as duas mãos: comprido triângulo sedoso cuja ponta inferior divide-se em duas a fim de emoldurar a fenda pubiana. Encaixa os despojos ensangüentados de Maroussia no mesmo local em Gigi, que começa a rir em silêncio, tanto esse empréstimo parece convir a seu genitor. Mas eis que este não consegue mais desgrudá-las, as duas peles tendo se amalgamado como num enxerto bem-sucedido.

217. Com seu eficiente facão de açougueiro, agora ele arranca os dois seios de Maroussia, segurando a parte esférica em sua mão ampla e esguia de pianista e cortando com a navalha, sem pressa, com a outra mão — a direita — o estreitamento de sua base. Mas isso não é para adaptá-lo aos peitinhos de sua filha, pois ele os lança na grelha de seu brazeiro incandescente. Prepara, como todas as ma-

nhãs, o desjejum, cozinhando mamãs ainda palpitantes à guisa de miúdos. Vira-as com a ponta de sua faca e tempera com sal e pimenta-do-reino. Gigi está com muita fome e abre avidamente a boca, para receber um grande naco bem grelhado...

218. É então que seu pai a desperta beijando-a nos lábios um pouco separados por entre os quais enfiou sua língua, que a adolescente brincalhona finge querer mastigar. Esse belo homem de preto que se debruça sobre ela é evidentemente muito parecido com o outro, mas dessa vez é seu verdadeiro pai, ágil, flexível e risonho, como ficava antes que ela dormisse, há um certo tempo. “Faz três horas que você dorme como um tronco”, diz ele, “e não moveu um milímetro!” Não demora a lhe contar o que fez durante o sono dela. Foi primeiro ao dormitório das grandes, o J2, para acariciar Rosine e Câline, que lhe agradam muito depois que completaram seu 11^o ano de vida. Elas o receberam com alegria, excitadíssimas pelo inusitado jantar festivo em que fizeram grande sucesso, ambas, e ele lhes ensinou a chupar um pau (o dele) com maior precisão. Como não queriam deixá-lo ir embora, ele as co-

locou na posição para jogos sáficos elementares, que não devem ter praticado no colégio, pois são jovens demais para tal. Em seguida, nos aposentos das sultanas virgens, sodomizou longamente Suzanne, que se verifica cada vez mais reativa ao prazer anal.

219. Para terminar, deflorou Maroussia, a fim de que esta ficasse em seguida acessível a todo mundo. Ela estava com medo, e Gil foi obrigado a mantê-la aberta, como uma boneca de pano incapaz de se defender. Terá que pensar em castigá-la, amanhã, por sua resistência absurda. Em todo caso, ela gozou bastante corretamente, graças às injeções da tarde. Por sua vez, Gil prometeu-lhe o chicote por suas vergonhosas exhibições de cadela no cio. “Será que o senhor gosta dos seus seios enormes?” pergunta Gigi num tom amuado. Sorrindo, ele confessa sua preferência pelos pombinhos ainda no ninho, e se deita sobre ela. A adolescente se vira do outro lado, mas não é para se furtar a seu contato, uma vez que, colando-se nele de costas, mexe lentamente as nádegas sobre o pijama preto, até o lugar certo. “Acaricie-me, por favor”, ela murmura com ternura. Pressentindo o caminho livre, ele masturba ao mesmo tempo seu

clitóris e seu ânus, que besunta novamente com a preciosa vaselina do amor. A roseta lhe parece muito mais larga, pois não tem dificuldade alguma em enfiar seu membro no lugar dos dedos, fazendo-o penetrar em todo o seu comprimento.

220. Quando Gigi finalmente desperta, no fim da manhã, vê que seu pai já deixou o grande quarto. Sente-se calma, descansada, apenas um pouco lassa, contente pelos outros e por si mesma. Rememorando a “Meditação filosófica” em que Descartes assinala a dificuldade sentida por aquele que dorme, após um longo sono, de estabelecer claramente a diferença entre o sonho e a realidade, ela se levanta e vai, nua em pêlo, contemplar-se no alto espelho móvel, uma *psyché* estilo imperial de acaju escuro, comprada por Violetta. Não hesita em julgar-se sedutora, da cabeça aos pés. Além disso, não lhe escapelaram o púbis, nem lhe cortaram os seios, que teriam inclusive crescido. Em compensação, sobre suas aréolas castanho-róseas, distinguem-se claramente as cinco queimaduras ainda frescas causadas pelo charuto paterno. As torradinhas vermelho-escuras são aliás muito sensíveis ao toque. Sua presença é indiscutível, bem como as marcas do chi-

cote em suas nádegas. Ela leva uma das mãos ao vão das coxas para alcançar a roseta de Sodoma, na base do rego mediano. Está úmido, até mesmo viscoso. Examina os dedos: há vaselina, mas também espermatozóide, com filetes de sangue. De tudo isso — as queimaduras, as vergastadas, a porra ensanguentada —, extrai um orgulho legítimo.

221. Sobre uma mesa dobrável, seu pai deixou o café-da-manhã que preparou para ela: uma garrafa térmica de café quente e fatias de rosbife bem vermelhas, que diríamos cortadas a navalha. Há também um cofrinho contendo uma safira, engastada num anel de noivado em ouro branco, e, o principal, uma breve carta de amor com tão-somente o necessário de ternos esclarecimentos obscenos. Ela então resolve não se chamar mais Gigi, que soa muito infantil, mas Ginéia, palavra pela qual são designadas em grego as adolescentes em idade de serem consumidas. Deve agora fazer uma ronda de inspeção em suas criadas, assim como nas diversas cativas que povoam o harém. Ao atravessar o solene refeitório, verifica que o grande recinto foi limpo e arrumado. Da festa noturna restou apenas o pesado cavalete de ébano em que Christina foi torturada. Serão necessá-

rios pelo menos dois homens fortes para recolocá-lo no lugar correto. As duas vertentes superiores do triedro ainda mostram os sulcos avermelhados, que são manifestamente sangue fresco, e não pintura vermelha, apócrifa e decorativa.

222. Na cozinha principal, o formoso Gil está atribulado, com um facão de açougueiro, cortando grossas fatias de um pesado naco de carne sangrenta. Percebendo a jovem ama, agora vestindo um elegante vestido preto, comprido e austero, não sabe muito bem de que maneira deve olhá-la depois das aventuras daquela noite. Ginéia pergunta de onde provém aquela peça de açougue, que, de um lado, tem a brancura de uma pele de menina. Trata-se, ele responde, das nádegas e coxões de Nadia, a esplêndida ruiva supliciada no dia anterior, que o professor deu ordens para conservar a fim de preparar grelhados. Gil lamenta não poder servir também os seios e a vulva, considerados como cortes seletos na cantina das Brigadas Especiais, onde ele começou sua carreira, aos 14 anos, como aprendiz de cozinheiro. Se soubesse que comeriam aquela garota, não teria tornado seus deliciosos atributos irrecuperáveis ao queimá-los com o ferro em brasa muito profunda-

mente “no momento em que seu pai a fez engolir...” Interrompe bruscamente sua frase infeliz, supostamente muito absorto em seu trabalho. “...me fez engolir o quê?” — pergunta Ginéia, glacial. “Um licor, me parece, produzido por ele mesmo”, conclui o jovem cozinheiro, compreendendo que aqui se impõe o esquecimento de determinadas coisas. Gigi-Ginéia de repente relaxa. Agrada-lhe que aquele bonito garoto não apenas seja um bom cozinheiro e hábil carrasco, como também invente inteligentes piruetas para corrigir *in extremis* uma gafe. Com sua voz agora amistosa, ela deseja saber se ele está satisfeito com Maroussia. “Para resumir”, ele responde com simplicidade, “estou perdidamente apaixonado por ela.”

223. Após sua visita às cozinhas e às dependências, onde resolveu diversos problemas de administração com o estafe, Gigi-Ginéia, ou mais simplesmente Gyn' (pronunciado à americana: *Djinn*), dirige-se primeiro aos aposentos da sultana Maroussia, condenada à morte sob outros céus, provisoriamente em sursis no harém composto por juvenis prisioneiras, e deflorada esta noite pelo amo. Ela espera completamente nua em seu belo quarto, como de praxe, lavada, penteada e perfu-

mada. Folheia um manual ilustrado de francês básico para jovens putas estrangeiras, com uma grande quantidade de termos licenciosos e desenhos correspondentes. Levanta-se comportadamente da cama à chegada de Gyn'. Como todas as demais garotas, sabe que aquela bonita adolescente, quase mulher, é a todo-poderosa senhora, a despeito de sua servidão sexual perante o pai. Djinn submete a nova recruta a uma inspeção minuciosa, dando ordens com gestos quando suas palavras não são compreendidas. Maroussia fica de frente e de costas com graça, abre-se, curva-se, abandona-se etc. Como previsto, foi chicoteada no sexo por Gil, seu proprietário pessoal, para castigá-la por ter gozado tão intensamente nos braços do professor. Sua penugem ruiva é muito excitante e ela tem, na verdade, seios tão excepcionais quanto no sonho de sua ama.

224. Esta os apalpa longamente, com um real prazer, talvez também um pouco de inveja, e em todo caso a intenção de aviltar cruelmente aquele esplendor, sem todavia danificá-lo. Com a sultana oferecendo-se de joelhos, ela recebe nos mamilos e aréolas, sob pretexto de fazê-la expiar agora, seus esforços naturalmente inúteis para escapar

ao primeiro estupro. Suporta os açoites, sem perder seu sorriso de escrava consentânea, mantendo as mãos para cima e as coxas abertas. Apenas abre a boca um pouco mais sob os golpes mais lancinantes, que nada têm de insuportável para um gentil objeto de amor carnal, mas provocam agradáveis frêmitos através de todo o corpo. Djinn pergunta: "Está feliz aqui, putinha?" Sua presa responde-lhe baixinho, com um sotaque eslavo bastante agradável mas que deforma determinadas sílabas, tornando-as quase incompreensíveis: "Sim, senhora... Agradeço-lhe por ficar comigo." E logo um brilho radioso, de uma sinceridade comovente, ilumina seu rosto juvenil. Muito satisfeita com a entrevista, a inspetora acha que Maroussia terá um lugar de primeiro plano nos jantares íntimos, bem como durante as magníficas festas criminosas.

225. Vai em seguida à enfermaria, onde duas feridas sem gravidade permanecem internadas para a sequência do tratamento, Sabine e Christina, ambas com 12 anos, a primeira punida no modo bárbaro, a segunda torturada por prazer. O cirurgião alemão é um belo homem de uns 30 anos, chamado Morgann, delicado e firme, que agrada muito

às garotas. Portanto, encarrega-se da virilha rasgada de Christina e do ânus dilacerado de Sabine. Além disso, cuida delas zelosamente para desenvolver sua maturidade erótica. Ambas parecem felicíssimas de serem paparicadas (e acariciadas) no grande aposento ensolarado em que ficam as camas. Agathe, por sua vez, que parecia morta quando a transportaram para cá, apenas um pouquinho danificada, estava efetivamente num coma muito superficial e já voltou à sua masmorra. Foi autorizada a receber Octavie, uma vez que as duas se amam de paixão. Tiveram apenas as mãos amarradas às costas para que não cometessem tolices, e acorrentado um pé, de maneira bem folgada, a uma grande argola de ferro fixada no chão. Djinn as encontra em vias de se beijar, esfregando apenas o bico de seus peitinhos (os de Agathe têm finos cortes ainda abertos). Estão de joelhos face a face na enxerga loura e macia da masmorra, onde formam um adorável casal de lésbicas à espera de seu suplício. Levantam-se com agilidade à chegada da carcereira-chefe, e lhe asseguram que nunca foram tão felizes.

226. A mesma coisa com a noivinha inglesa, que também descobre o amor. Djinn a interroga no

quarto de David Locke (seu futuro sogro), onde dormiram juntos, tendo agora dificuldade para se separarem. A um pedido expresso de seu filho Jonas, David sodomizou a inocente virgem, com mil precauções mas por diversas vezes, em posições diferentes, e a convenceu do interesse que isso apresenta, por um lado pelo gozo, mas também para garantir uma virgindade perfeita. Agora ele tem que retornar para suas terras, mas deixa aqui sua nora, encantada de ali completar sua educação e atuar como atriz em festas tão atraentes como a da noite anterior. Jonas, seu futuro marido, foi para a cama de Sexie, que tem 11 anos e um apartamento privilegiado de sultana. Respeitou seus cabaços, mas divertiram-se muito juntos, como crianças curiosas e sensuais. Marco dormiu com Odile e fizeram amor conscienciosamente, de múltiplas maneiras muito satisfeitos um com o outro. Gil, depois de haver castigado Maroussia, a quem deixou aos prantos em seu belo quarto, passou duas horas com Pauline antes de voltar para os aposentos de sua prisioneira a fim de consolá-la, fazer-lhe propostas galantes e fazê-la gozar graciosamente, como se fossem jovens esposos comuns.

227. Gil e Pauline, num outro mundo, estariam na idade de noivar e depois entrar na igreja, metralhados por fotógrafos à espreita de jovens tão resplandecentes. Decerto observaram-se um ao outro durante a festa e, em diversas ocasiões, trocaram olhares de simpatia. Pauline tem apenas 13 anos e meio, mas se beneficia de uma sensualidade precoce, desabrochada desde o dia anterior graças aos tratamentos químico-psíquicos do harém. Dentre as adolescentes de formas já mais que promissoras, ela foi até aqui a mais poupada. Vergastadas vermelhas enfeitam sua bela bunda, mas esta não necessita de nenhuma intervenção do médico. Além de seus bonitos olhos enamorados, ofereceu ao rapaz o número inscrito na porta de sua masmorra.

228. Encontra-a lá, bem tarde da noite, deitada nua em sua enxerga de palha dourada, o que agrada muito a Gil e lhe incute a idéia de infligir à sua conquista um divertimento muito em voga na Brigada dos Costumes: pendurar a garota pelas pernas abertas nas correntes ali previstas para esse tipo de coisa, com apenas os ombros e a cabeça repousando no solo, e obrigá-la a urinar sobre si mesma nessa posição. Mas antes deita-se

sobre ela, beija e acaricia tão bem seu clitóris e seu ânus que, cada vez mais seduzida, ela termina por se curvar ao desejo de seu namorado (que não tem o direito de penetrá-la), tanto mais facilmente visto que bebida foi o que não faltou no jantar, cuja eliminação ainda não se consumou. Gil a acorrenta então na abóbada pelos tornozelos e sobe seu corpo invertido com o guincho, as mãos amarradas às costas; obtém, então, acariciando-a nessa posição inusitada, o melhor gozo da vida dela. Em seguida, espeta-a umas vinte vezes com a fina agulha escolhida dentre os instrumentos de tortura à sua disposição, seu púbis escurecido pela seda preta e a vulva refletindo seu próprio licor. O pipi encantador logo jorra e se espalha por todo o corpo de Pauline, que se entrega com abandono, com prazer redobrado, uma vez que seu admirador interrompe suas reminiscências nesse ponto. Na Brigada, arrancavam depois o clitóris da supliciada, que devia, nua em pêlo e com o sangue escorrendo por entre as coxas, servir o aperitivo na cantina, onde, se a fonte vermelha ameaçasse se exaurir, extirpavam com a pinça afiada outros fragmentos de sua boceta: os pequenos lábios, a beirada dos grandes, o recheio com toda a pele, e, além disso, a ponta dos seios.

229. Quanto às três meninas mais jovens, Crevette, Nuisette e Lorette, de 7, 8 e 9 anos, divertiram-se muito durante o serviço. Levadas para seu dormitório, o J1, conversam, maravilhadas. Tiveram autorização para saborear todas as bebidas, que deviam servir de joelhos. Chuparam cavalheiros vigorosos e jovens damas perfumadas. Foram acariciadas, beijadas, lambidas. Lambuzadas com cremes excitantes em seus orifícios mais que infantis, antes de estes serem masturbados delicadamente. Admiraram uma adolescente que ardia como um archote. Viram correr esperma e sangue, mas também lágrimas das colegiais sob tortura. Perto do fim da noite, desceram para os porões a fim de assistir ao suplício de uma serva de 13 anos (vendida pela família) que se embriagara. Após tê-la estuprado de todas as formas, cavalheiros procederam a seu esquarteramento numa máquina especial, enquanto lhe enfiavam agulhas através de todo o corpo, cujos quatro membros se desarticularam pouco a pouco. Para terminar, arrancaram-lhe completamente uma das coxas, puxando a perna pelo pé, e a deixaram se contorcendo num mar de sangue para morrer desse jeito, sem socorro. Sim, era realmente formidável.

230. Demorando a ir para cama, pois estavam sem sono, perceberam que a porta de seu dormitório não estava fechada a chave. Concluíram disso, após discussão, que, naquela casa onde tudo é organizado sem qualquer erro, era um sinal de que tinham direito, aquela noite, de passear livremente. Os lugares então lhes pareceram desertos. Subiram uma escada de pedra numa torre até um sótão improvisado. Aqui não se corre risco de ver surgir um adulto, pois o teto acha-se o mais das vezes a menos de um metro do assoalho. As próprias garotinhas, a despeito de sua estatura reduzida, só podem circular por ali de quatro. O local não passa de uma despensa, onde estão empilhados velhos livros sem interesse, bem como tapetes medíocres, em determinados lugares desgastados até a corda e esburacados. Nenhuma iluminação noturna foi prevista. Por uma clarabóia que permite a um operário alcançar o telhado de zinco, percebe-se uma lua crescente cuja palidez projeta no recinto uma vaga claridade azulada, justo o suficiente para distinguir um livro de um tapete. As três crianças decidem que ali será seu salão de leitura, pois o calor acumulado sob o zinco no verão impede as atividades físicas. Felizmente, estão todas nuas. Deitam-se no chão de

barriga para cima, após terem espalhado pedaços de tapetes sobre as ripas de madeira mal lixadas. Lorette declara que vai fazer uma leitura inaugural. Está tão escuro que ninguém pode dizer se ela tem ou não um livro nas mãos. E inventa uma história de dar sono, o que não é grave, uma vez que, justamente, as ouvintes estão deitadas.

231. Frequentemente os pescadores de arrastão, na Escócia ou na Terra Nova, capturam garotinhas em suas redes. Estas têm o tamanho de crianças humanas de 7 a 8 anos, mas não conseguem sobreviver senão na água salgada, onde nadam e pulam como peixes, o que tampouco são: seu corpo sem escamas é quente, até mesmo um pouco mais que o nosso, a despeito dos mares frios onde são geralmente pescadas. Capturadas, incapazes de usar as pernas, tão ágeis no elemento líquido, para andar, jazem no tombadilho do navio na intensa luz do verão ártico, de barriga para cima, suas bonitas formas brancas e róseas saltitando desesperançosas sob os olhares deslumbrados dos marujos, enquanto emitem longas queixas desoladas que lembram nosso choro. Para conservá-las bem frescas até o desembarque, é preciso armazená-las nos viveiros de bordo com os

outros frutos-do-mar, que convém oferecer vivos à clientela.

232. Zoólogos estudaram seus costumes. Vivem em bandos alegres e se alimentam de peixinhos, que agarram com as mãos com surpreendente habilidade. Não falam nenhuma linguagem articulada, comunicando-se entre si por uma espécie de canto melodioso, hipnótico mas sem palavras detectáveis. Daí concluiu-se que era um gênero de pequenas sereias, embora a presença de quatro membros as diferenciasse nitidamente da variedade dinamarquesa, bem mais corriqueira em nosso país. Nunca se tornam adultas, e sua reprodução permaneceu um mistério por muito tempo. A opinião mais difundida, agora, é que se multiplicam por uma espécie de partenogênese, botando ovos como os peixes, mas não fecundadas, sem que haja nem copulação efetiva nem simulacro. Como, a despeito de sua aparência graciosa, atraente, é impossível tratar-se de jovens fêmeas de homem, são vendidas a um preço caríssimo aos consumidores japoneses, que se mostram loucos por elas.

233. Não passando de pescueiros mal-ajambrados, embora de capacidade reduzida, os barcos equi-

pados com esses viveiros especiais são incapazes de empreender travessias muito longas. As garotinhas, portanto, têm que ser congeladas nos locais de pesca ou nas proximidades imediatas. Logo, sua primeira escala é a terra de Baffin, onde acham-se instaladas enormes fábricas modernas. Trata-se, na realidade, de um congelamento a baixíssimas temperaturas, como para conservar embriões. E, para evitar que suas deliciosas carnes se deterioreem por um esfriamento progressivo, este deve atingir 130 graus negativos em poucos segundos, e isso sem subtrair os indivíduos de seu ambiente específico, uma água marinha cristalina. As valiosas garotinhas são então presas em blocos de gelo individuais, cúbicos, de cerca de cinquenta centímetros de lado, tão transparentes que elas são vistas perfeitamente no interior, em posições variadas, mais ou menos acoradas para ocupar o menor espaço possível nos cargueiros frigoríficos. Conservaram, entretanto, após sua súbita petrificação, o olhar vivo e divertido, a fisionomia alerta, a boca entreaberta num gentil sorriso.

234. Permanecem de fato vivinhas da silva. E, caso sejam descongeladas dentro das regras à sua che-

gada ao Japão, põem-se novamente a nadar, rir e cantar assim que são imersas nas grandes piscinas de adestramento em que são instaladas, ficando à disposição dos compradores, que vêm escolhê-las. Em seguida, o peixeiro as entrega aos ricos gourmets, todos dispondo de um viveiro pessoal, num furgão-aquário que assegura a continuidade dos sistemas de sobrevivência. Antes do jantar festivo, os convidados vêm contemplar as brincadeiras na piscina contígua às cozinhas. Para evitar que devorem os peixes de pequeno porte ali estocados, elas têm as mãos amarradas às costas, o que não parece perturbá-las, pois continuam a nadar com as pernas de maneira natural, flexível e rápida. Se estão com fome, ou simplesmente com vontade de brincar, aproximam-se da beirada onde os visitantes lhes dão sardinhas e anchovas, que elas abocanham na passagem e engolem sem mastigar.

235. Inevitavelmente, as mais bonitas, preparadas para serem mergulhadas vivas na água fervente ou mantidas na grelha até não se mexerem mais, servem antes para outros prazeres que não os da mesa. Como essas ninfetas oferecem três orifícios do prazer, julgados muito excitantes por sua

estreiteza e virgindade, em todos os pontos porém semelhantes aos das jovens japonesas profanadas há séculos, espontaneamente ou à força, cada um pode estuprá-las de acordo com suas preferências, provocando sempre, contudo, o choro harmonioso, pontuado por gritos de dor, com que ele se deleitará ostensivamente. É inclusive um deleite em voga oferecê-las como aperitivo ao estupro dos cavalheiros que vieram para comê-las. Mas não se pode, antes de cozinhá-las, deixá-las fora d'água por muito tempo, pois sua pele maravilhosamente delicada se ressecaria, depreciando ao mesmo tempo sua atração sexual e seu valor gastronômico.

236. Terminado esse relato, Crevette, a mais jovem, declara que gostaria muito de provar a garotinha selvagem, mas pergunta se, em nosso país, é possível encontrá-las vivas no mercado. A leitora responde que em nosso país, a princípio, seu comércio é proibido para todo e qualquer uso, ainda que elas se expressem num tipo de linguagem sem nenhuma relação com a nossa. Naturalmente, existem clubes clandestinos com restaurantes japoneses, que uma parede de vidro separa de um vastíssimo aquário. Por conseguinte, os consu-

midores à mesa deliciam-se previamente com os embates agitados de adoráveis pequenas sereias que serão sacrificadas para eles. Um acordo de colaboração com a polícia é claramente indispensável. A terceira guria, Nuisette, declara à guisa de conclusão que, no universo dito normal onde elas viviam antes de serem vendidas como objetos de prazer, tudo que é divertido é proibido.

237. “Consumir garotinhas selvagens, de uma maneira ou de outra, atacar os bebês focas para roubar sua pele, comer *foie gras*, descer antes do veículo parar completamente, fazer amor antes da idade legal, excitar seu pai esfregando-se nele toda nua, brincar com fechadura, esguichar seu pipi num mictório simulado, criar cães andaluzes, caçar esta ou aquela variedade de corça, sonhar com sacanagem, trocar seus atributos íntimos por dinheiro, chicotear suas serviçais ou lhes queimar a ponta dos seios, utilizar a boceta de sua filha como umidificador de charutos, descrever minuciosamente sua libido, et cetera, et cetera...”

238. Quando Djinn chega ao dormitório J1, encontra ali seu pai aplicando uma correção nas três garotinhas por sua escapada. Elas estão, evidente-

mente, de joelhos ao pé de três camas contíguas, as mãos erguidas contra a ferragem à espanhola onde seus punhos estão amarrados. Expõem assim suas delicadas bundinhas, já arrebitadas, ao chicote do professor, que as golpeia sucessivamente diversas vezes, levemente a bem da verdade, mas fazendo estalar sua correia de couro flexível sobre si mesma para dar a ilusão de um castigo severo. As gurias soltam gritos de uma dor fingida, entrecortados por risadas que não procuram sequer disfarçar. Quando ele as solta, rindo por sua vez, a ama lhes pergunta o que elas podiam estar fazendo naquele sótão sem eletricidade. É Nuisette, a mais jovem, quem responde, com sua fisionomia comicamente grave: “Comemos colegiais japonesas, com cobertura de caramelo quente, na qual elas foram mergulhadas vivinhas diante de nossos olhos. Era muito bom. Mas elas morriam rápido demais, queríamos vê-las cozinhar por mais tempo.”

239. Negando-se a ver nisso um sentido qualquer, o pai e sua diletta filha, sua aluna, sua criatura, beijam-se apaixonadamente. A adolescente pergunta, num murmúrio carinhoso: “Será que enfim cometemos, na noite passada, incesto e sodomia?”

O que acha?" — "Isso", ele responde, "me parece divinamente incontestável... Deseja agora alguma coisa extra?" — "Não sei, senhor..." diz ela escondendo o rosto no pijama preto. As três garotinhas, cujas nádegas em todo caso estão marcadas por manchas vermelhas, mantendo-se em círculo de mãos dadas, começam em volta deles uma lenta roda dançante, quase imaterial, taciturnamente sonhadora.

Assim viveremos para sempre nas fortalezas do céu.

Alain Robbe-Grillet

nasceu em Brest, na Bretanha, em 1922. Engenheiro agrônomo, lançou seu primeiro romance, **Les Gommès**, em 1953. Participou do grupo de escritores reunido na Éditions de Minuit, criando as bases do Nouveau Roman em 1963. Entre seus roteiros de filmes, destaca-se **O ano passado em Marienbad**, dirigido por Alain Resnais. Publicou, entre outras obras, **Le Voyeur** (1955), **La Jalousie** (1957), **La Maison de Rendez-vous** (1965), **Topologie d'une Cité Fantôme** (1976), **Os últimos dias de Corinto** (1994) e **A retomada** (2002). O autor faleceu em fevereiro de 2008, em decorrência de problemas cardíacos.



A pequena Gigi, de 14 anos, recebe uma educação ímpar do pai — com quem divide a cama —, que a obriga a ler nua textos eróticos do século XVIII. O genitor a presenteia com Odile, de 13 anos, que se transformará em escrava sexual da menina. Esta é a última obra de Alain Robbe-Grillet, o livro mais polêmico do “papa” do Nouveau Roman.

“Esta narrativa é uma espécie de conto de fadas para adultos, o que lhe permite transcender, em diversas ocasiões, as leis da verossimilhança. Por outro lado, é escrita com grande rigor, que pode beirar o realismo mais meticuloso, dessa vez transcendendo as leis do decoro. É de outra coisa que se trata, deliberadamente. Um outro decoro e uma outra verossimilhança...”

Alain Robbe-Grillet